

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO, INOVAÇÃO E CONSUMO

VANESSA SUELLEN ARCOVERDE MOREIRA

**O QUE NOS CONTA A PRÁTICA DE EMPODERAMENTO DAS
NEGRAS NA CIDADE DE CARUARU-PE? COMPORTAMENTO DE
CONSUMIDORAS SOCIO-HISTORICAMENTE MARCADOS POR
UMA IDEOLOGIA DE EXISTÊNCIA.**

CARUARU
2023

VANESSA SUELLEN ARCOVERDE MOREIRA

**O QUE NOS CONTA A PRÁTICA DE EMPODERAMENTO DAS
NEGRAS NA CIDADE DE CARUARU-PE? COMPORTAMENTO DE
CONSUMIDORAS SOCIO-HISTORICAMENTE MARCADOS POR
UMA IDEOLOGIA DE EXISTÊNCIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão, Inovação e Consumo. Área de concentração: Inovação, Cultura e Consumo na Gestão de Negócios Locais.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa.

CARUARU
2023

VANESSA SUELLEN ARCOVERDE MOREIRA

**O QUE NOS CONTA A PRÁTICA DE EMPODERAMENTO DAS NEGRAS NA
CIDADE DE CARUARU-PE? COMPORTAMENTO DE CONSUMIDORAS SOCIO-
HISTORICAMENTE MARCADOS POR UMA IDEOLOGIA DE EXISTÊNCIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão, Inovação e Consumo. Área de concentração: Inovação, Cultura e Consumo na Gestão de Negócios Locais.

Aprovada em: 28/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Elielson Oliveira Damascena (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. José Roberto Ferreira Guerra (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Dedico esta dissertação a minha família que sempre me apoiou, acreditou nos meus sonhos e é a base da minha existência.

AGRADECIMENTOS

Sempre considerei os agradecimentos a parte mais esperada e conseqüentemente a mais difícil de ser realizada, pois são tantas as vivências, as dificuldades e, sobretudo, o apoio de tantas pessoas que se fazem presentes nessa jornada. Concluir o mestrado sempre foi algo muito almejado e ao mesmo tempo algo que parecia muito longe da minha realidade, e agora aqui escrevendo essa parte do processo, me vem à mente um turbilhão de lembranças e de sentimentos.

Seguir a jornada acadêmica sempre foi o meu sonho, e mesmo considerando o mestrado algo muito grandioso, eu tinha certeza que iria conseguir, pois cresci em um ambiente familiar que a fé em Jeová sempre esteve em primeiro lugar, e a Ele que eu preciso agradecer imensamente por todas as coisas, pois sem essa fé e o amor Dele, eu jamais teria conseguido.

Foram os meus pais que me ensinaram a adquirir esse amor e essa fé, e se eu estou aqui hoje concluindo mais essa etapa em minha vida é por causa deles e para eles. A dedicação dos meus pais para que esse momento se tornasse possível é indescritível, e por meio disso, todos os meus passos sempre serão pensando neles e nas minhas irmãs que também me apoiam de uma forma inexplicável e compõem essa base tão sólida e linda. Sim, minha família é base da minha existência!

Não posso deixar de citar o meu marido, que inclusive se tornou o meu marido nesse processo do mestrado, e sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, me apoiando, me incentivando e me ajudando com todas as coisas.

A minha orientadora, que eu não tenho nem palavras para expressar tudo o que ela significou e significa nessa minha jornada, ela construiu uma Vanessa que eu nem sabia que existia. A parceria, generosidade, apoio e empatia que Flavinha (assim como eu sempre chamei) demonstrou durante todo esse processo, me fez admirar ainda mais a profissional impecável que ela é, além do ser humano incrível que ela demonstra ser em cada uma das suas ações. Eu sou muito honrada em ter sido orientada por ela, não consigo imaginar alguém mais incrível para assumir essa jornada junto comigo, e aqui eu deixo registrado o meu muito obrigada por ter construído essa Vanessa pesquisadora, e os seus ensinamentos eu carregarei comigo durante todo o meu percurso acadêmico.

Os professores Elielson Damascena e Roberto Guerra, que compõem a minha banca por aceitarem o convite, dedicarem tempo e esforço com as riquíssimas contribuições que se fizeram fundamentais para a construção dessa pesquisa.

Aos meus familiares, meus amigos, tanto os de longas datas, como os que eu construí nesses dois anos, compartilhando os bons momentos e até os mais desesperadores, e como é bom ter alguém para compartilhar esses momentos. Porém eu não citarei nomes, vocês sabem que esse agradecimento é para vocês. Mas não poderia deixar de citar o grupo “Rivotril e Fé”, que foi criado durante as disciplinas, perdura até hoje e que, pelo jeito, vai virar bloco.

Preciso também agradecer a Universidade Federal de Pernambuco, que vem sendo a minha segunda casa desde 2014, que me acolheu, guiou os meus passos, transformou os meus pensamentos, a imagem que eu tinha de mim mesma e é a casa que eu espero continuar habitando por bons anos, pois o sonho do mestrado agora se transforma no sonho do doutorado e futuramente do concurso público. O meu muito obrigada ao PPGIC e todos os professores que compõe esse programa tão acolhedor e especial.

Agradeço também imensamente a FACEPE, instituição que possibilitou a realização desse trabalho durante os 02 anos.

Por fim e não menos importante, gostaria de agradecer a todas as ativistas de Caruaru-PE, essas mulheres nem imaginam a relevância que elas possuem para o movimento negro da cidade, como as suas ações transformam vidas, pois a minha foi transformada a partir das ações dessas mulheres. Com o grupo “meu cabelo, minha raiz” e todo o incentivo para que outras mulheres aceitassem o cabelo natural, com a realização de eventos com palestras acerca da importância que essa aceitação possui, com cabelereiros para realizar o BC (grande corte) em quem desejasse, amarrações de turbantes, plaquinhas com frases de cunho político. Esses eventos foram de extrema importância para várias mulheres que, assim como eu, resolveram se aceitar. Decisão que para mim foi a melhor que tomei em minha vida, pois depois disso tudo mudou. É uma questão de autoestima, de pertencimento, e como abordamos na pesquisa, a aceitação é o primeiro passo. Por isso agradeço a essas mulheres, porque sei que assim como a minha, muitas vidas foram e são transformadas a partir das suas constantes e incessantes práticas ativistas.

A todos vocês o meu muito obrigada!

RESUMO

Sendo o empoderamento uma prática social reconhecida pela complexidade, por envolver a autonomia e pela centralidade do conceito de poder. Nós nos apoiamos em Michel Foucault, e passamos a considerar o empoderamento como um dispositivo, uma rede heterogênea de elementos operada por meio de saberes, cuja ação acontece atrelada a outros dispositivos, em situações escalares - micro e macro, e históricas - síncronas e diacrônicas. Assim, realizamos a junção das Teorias das Práticas com os conceitos Foucaultianos, respeitando as suas singularidades e passamos a considerar que a experiência de empoderamento é pautada em ideologias arraigadas no cotidiano dos envolvidos, se desdobram no consumo, envolvendo linhas de força que potencialmente promovem processos de: verificação, jogos de verdade, subjetivação e objetivação, sendo capazes de fabricar realidades e sujeitos como efeito das relações saber-poder. Logo, nesse trabalho nos voltamos para as práticas de empoderamento das negras, em Caruaru-PE, cidade conhecida pelo ativismo da causa antirracista, para desvelar os saberes que propiciam operacionalizar essa rede de forças e sua relação com os comportamentos de consumo ativista. E diante disso, nos questionamos: como os saberes fundantes das práticas de empoderamento das negras contribuem para entender o comportamento de consumo? Para tanto, nosso arquivo foi formado por 1.586 documentos coletados nas redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, no período de novembro de 2019 a agosto de 2022. Visando contemplar as orientações ideológico-políticas do movimento ativista antirracista, coletamos as práticas de empoderamento divulgadas por agentes institucionais, ativistas locais e consumidoras que interagem com os agentes. Os documentos foram submetidos a análise de discurso foucaultiana, desvelando três saberes: Os modos de objetivação fortalecem as práticas que dividem; A construção coletiva de valores promove processos de subjetivação; e A ação dada sobre si nas dinâmicas de subjetivação incita o estabelecimento de subjetividades autônomas. Portanto, concluímos que as práticas ativistas das negras no interior do micro dispositivo empoderamento são de grande relevância para se compreender o comportamento de consumo, pois é a partir das práticas cotidianas e rotineiras que o consumo se conforma, e no caso em questão essas práticas envolvem pautas sociais e políticas além de todo um contexto sócio-histórico que fundamenta as vivências das negras em Caruaru-PE e consequentemente evidencia o papel do cotidiano para se compreender a importância que o consumo assume em nossas formas sociais.

Palavras-Chave: negras; consumo ativista; dispositivo de empoderamento; cotidiano; análise de discurso foucaultiana.

ABSTRACT

As empowerment is a social practice recognized for its complexity, for involving autonomy and for the centrality of the concept of power. We rely on Michel Foucault, and we start to consider empowerment as a device, a heterogeneous network of elements operated through knowledge, whose action happens linked to other devices, in scalar situations - micro and macro, and historical - synchronous and diachronic . Thus, we joined the Theories of Practices with the Foucauldian concepts, respecting their singularities and we began to consider that the experience of empowerment is based on ideologies rooted in the daily lives of those involved, unfolding in consumption, involving lines of force that potentially promote processes of: veridiction, truth games, subjectivation and objectification, being able to manufacture realities and subjects as an effect of knowledge-power relations. Therefore, in this work we turn to the practices of empowerment of black women, in Caruaru-PE, a city known for the activism of the anti-racist cause, to reveal the knowledge that propitiate to operationalize this network of forces and its relation with the behaviors of activist consumption. And in view of this, we ask ourselves: how does the founding knowledge of black women's empowerment practices contribute to understanding consumer behavior? To this end, our archive consisted of 1.586 documents collected on the social networks Facebook, Instagram and Twitter, from November 2019 to August 2022. Institutional agents, local activists and consumers who interact with agents. The documents were submitted to Foucauldian discourse analysis, revealing three types of knowledge: The modes of objectification strengthen the practices that divide; The collective construction of values promotes processes of subjectivation; and The action given on oneself in the dynamics of subjectivation encourages the establishment of autonomous subjectivities. Therefore, we conclude that black women's activist practices within the empowerment micro device are of great relevance to understanding consumer behavior, as it is from everyday and routine practices that consumption conforms, and in the case in question these practices involve social and political agendas in addition to a whole socio-historical context that underlies the experiences of black women in Caruaru-PE and consequently highlights the role of everyday life in order to understand the importance that consumption assumes in our social forms.

Keywords: black; activist consumption; empowerment device; daily life; foucauldian discourse analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Mapa Geral das Formações Discursivas	64
Figura 2-	Mapa da Formação Discursiva 01	68
Figura 3-	“Racismo nosso de cada dia”	70
Figura 4-	“Se fosse branco, eu não faria”	72
Figura 5-	“Nunca haverá espaço para uma #mulherpreta...”	74
Figura 6-	“[...] não passava batom para não escutar que "o beijo estava maior ainda”	77
Figura 7-	“As diversas formas de querer que vc se encaixe nos padrões”	78
Figura 8-	“[...] o bem sucedida prefiro nem comentar”	79
Figura 9-	Mapa da Formação Discursiva 02	83
Figura 10-	“Cabelos que carregam história, caminhos, superação diária de um povo oprimido, resiliência”	85
Figura 11-	“Uso #turbante como coroa, como forma de expressar a rainha que também sou, uma madame Nagô”	87
Figura 12-	“quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”	89
Figura 13-	“Nossa anja afro-brasileira empoderada”	91
Figura 14-	“[...]eu sei que você é uma mulher forte, incrível, super empoderada...”	92
Figura 15-	“[...]Sou legado dessa mulher incrível, busco mostrar ao mundo um pouco do que tenho em mim e dentro de mim tem a bisa, mulher empoderada, alma jovem...”	94
Figura 16-	“[...] pra algumas pessoas ainda é mais simples fechar os olhos ou simplesmente falar que é exagero”	97
Figura 17-	“Com o objetivo de potencializar uma educação antirracista nas escolas”	98
Figura 18-	“A luta antirracista é um dever de todes”	99
Figura 19	“É literalmente voltar a brincar de boneca só que aprendendo uma histórica rica e bonita da ancestralidade”	101
Figura 20-	“Afro brasilidade de Ayô”	102
Figura 21-	“Eu amo tudo na AYÔ”	104
Figura 22-	“Você sabia que minha musa inspiradora é ela?”	105

Figura 23-	“A multiartista [...] e seu grupo de músicos e bailarinos fizeram um show maravilhoso, “vozes de terreiro”	107
Figura 24-	“A nossa auto-estima (mulher preta) chega com nosso amadurecimento e #consciência de quem realmente somos”	108
Figura 25-	Mapa da Formação Discursiva 03	113
Figura 26-	“Tudo para encerrar o mês da #consciêncianegra em grande estilo”	115
Figura 27-	“#BlackMoney já! O poder para o povo preto é consumir do povo preto”	116
Figura 28-	“[...] isso é #afrocentralizar negro, valorizar e consumir o que o outro irmão produz e assim fortalecer nossa luta.”	128
Figura 29-	“Fiz este vídeo para meus alunos em alusão a semana de Tereza de Benguela”	120
Figura 30-	“Feito pelos filhos do terreiro para captação de recursos da nossa construção”	123
Figura 31-	“Estamos preparando vídeos de AFROBERIZAÇÃO em breve aqui”	124
Figura 32-	“Exposição #afro inteira #cultura #costumes e #luta de um #povo”	125
Figura 33-	“Então o racismo que você não vê, a gente te mostra”	127
Figura 34-	“Ilusão mentirosa de ocupação de um espaço elitizado”	128
Figura 35-	“Leiam, se puderem o livro: "OS HORRORES DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA”	130
Figura 36-	“Aspectos legais vigentes frente à Intolerância Religiosa”	132
Figura 37-	“Com apoio emergencial para equidade racial”	133
Figura 38-	“Afro inteira cultura, costumes e luta de um povo”	134
Figura 39-	“Inspirada nos colares africanos nasceu a estampa Jóia Africana. Representando força, poder, riqueza e fé.”	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Informações sobre as redes utilizadas para compor o arquivo	53
Quadro 2-	Categorias analíticas da ADF	54
Quadro 3-	Enunciados e suas descrições	56
Quadro 4-	Critérios de funções	58
Quadro 5-	Funções enunciativas x critérios	58
Quadro 6-	Funções enunciativas e suas descrições	60
Quadro 7-	Critérios de regras de formação	61
Quadro 8-	Regras de formação x critérios	62
Quadro 9-	Regras de Formação e suas descrições	63
Quadro 10-	Elementos constituintes da primeira formação discursiva	67
Quadro 11-	Elementos constituintes da segunda formação discursiva	81
Quadro 12-	Elementos constituintes da terceira formação discursiva	112

LISTAS DE SIGLAS

ADF	Análise de Discurso Foucaultiana
BBB	Big Brother Brasil
CCT	Consumer Culture Theory
FNB	Frente Negra Brasileira
MNU	Movimento Negro Unificado
MUCDDR	Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial
PT	Partido dos Trabalhadores
UHC	União dos Homens de Cor
UNEGRO	União de Negros e Negras pela Igualdade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Justificativas	20
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1	Historicidade da população negra no Brasil	26
2.1.2	Ser negra brasileira	28
2.1.3	A luta por representatividade e o estabelecimento de um público consumidor	30
2.2	Teorias das práticas e as ações ativistas: cultura popular e consumo	32
2.2.1	Teorias das práticas e a cultura popular	33
2.2.2	O ativismo: uma prática cultural produtora do empoderamento	36
2.3	Empoderamento	37
2.3.1	O que se fala de empoderamento	37
2.3.2	O empoderamento: uma experiência, uma prática e um objeto disputável	40
2.3.3	O funcionamento do dispositivo	41
2.4	O dispositivo foucaultiano	42
2.4.1	O dispositivo e a relação saber-poder-resistência	45
2.4.2	Processos de sujeição e subjetivação	48
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1	Fundamentos onto-epistemológicos	51
3.2	Seguindo o método da arqueologia	52
3.3	Crítérios de qualidade da pesquisa	55
4	ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	56
4.1	Elementos que compõem a ordem interna do discurso	56
4.4.1	Enunciados	56
4.1.2	Funções Enunciativas	58
4.1.3	Regras da Formação Discursiva	61
4.2	Formações Discursivas	63
4.2.1	FD1: Os modos de objetivação fortalecem as práticas que dividem	67
4.2.1.1	<i>R01: Verdades historicamente aceitas existem incorporadas na rotina</i>	68
4.2.1.1.1	<i>F05: Elucidar acerca da não normalidade do que é vivido</i>	69
4.2.2	FD2: A construção coletiva de valores promove processos de subjetivação	81
4.2.2.1	<i>R02: A identificação fortalece vínculos morais</i>	84
4.2.2.1.1	<i>F01: Demarcar a necessidade da resistência cotidiana</i>	84
4.2.2.1.2	<i>F09: Incitar o empoderamento das negras</i>	86
4.2.2.1.3	<i>F11: Enaltecer ícones do empoderamento negro</i>	90
4.2.2.2	<i>R03: O apoio mútuo fortalece a comunidade</i>	95
4.2.2.2.1	<i>F06: Conscientizar a necessidade de ampliar os debates e/ou a atuação negra</i>	96
4.2.2.2.2	<i>F07: Educar pela ludicidade</i>	100
4.2.2.2.3	<i>F08: Reconhecer a força da representatividade</i>	102
4.2.2.2.4	<i>F10: Orgulhar-se dos sucessos das negras</i>	106
4.2.2.2.5	<i>F13. Fortalecer a autoestima negra</i>	108

4.2.3	FD3: A ação dada sobre si nas dinâmicas de subjetivação incita o estabelecimento de subjetividades autônomas	111
4.2.3.1	R4: Verdades historicamente postas são apropriadas pelas resistências	114
4.2.3.1.1	F02: Evidenciar o potencial da luta coletiva	114
4.2.3.1.2	F12: Consagrar a ancestralidade	118
4.2.3.1.3	F14: Cultivar espaços de pertencimento	121
4.2.3.2	R5: A denúncia esclarece e ilumina outras possibilidades	126
4.2.3.2.1	F03: Denunciar a situação social da negra	126
4.2.3.3	R6: O prover possibilita ultrapassar barreiras	131
4.2.3.3.1	F04: Promover a subsistência negra	131
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS	141

1. INTRODUÇÃO

O consumo ativista tem sido o foco de vários estudos de comportamento de consumo na abordagem da *Consumer Culture Theory* (CCT), cujo foco é a compreensão dessas ações como constitutivas de atividades culturais (Arnould & Thompson, 2007). O consumo ativista engloba variados movimentos sociais de reivindicação, cujos esforços visam sempre transformar determinada ordem social a partir do consumo. Eles pleiteiam uma transformação na própria cultura do consumo envolvendo a ampliação do foco dado pelos discursos do marketing às representações dominantes (Kozinets & Handelman, 2004; Kozinets, 2002a; Thompson, 2004; Thompson & Troester, 2002). Tais movimentos e os vultuosos engajamentos de consumidores cooptados, evidenciam a relevância e a centralidade do consumo para as formas sociais contemporâneas (Arnould & Thompson, 2005).

O consumo ativista, portanto, envolve a ação de grupos silenciados (León, 2001) e suscita empoderar seus membros (Horovhovski & Meirelles, 2007; Kleba & Wendausen, 2009; Monahan, Phillips & Wood, 2010; Souza; Leite & Batista, 2018); se referem a práticas não normativas de consumo, ações coletivas de consumidores (Kleba & Wendausen, 2009) que, em geral, buscam representatividade (Holt, 2002; Kozinets, 2002a; Thompson, 2004; Troester, 2002) e, reconhecidamente, podem afetar as práticas do marketing (Ndichu & Upadhyaya, 2018).

Reiteramos que, nas sociedades ocidentais, a maior parte das práticas e, absolutamente todas as consideradas integrativas (como as de ativismo e de empoderamento), exigem e implicam em consumo (Warde, 2005). Como o consumo integra a maioria das esferas da vida cotidiana, para o autor, ele é um momento das práticas dessas esferas e ocorre por causa delas. Seguindo esse pensamento, nesse trabalho assumimos que o consumo não se refere apenas aos momentos de troca mercadológica, envolve o uso dos produtos, suas experiências, seus sentidos sociais e finalidades, estabelecidos nas práticas cotidianas. Portanto, assumimos que vivemos uma cultura da mercadoria, que a cultura é um processo de lutas em contínua formação, sendo constituída pela sucessão de práticas (Fiske, 2005); essas práticas determinam/orientam comportamentos de consumo, podendo conformar padrões de consumo, o que acreditamos, potencialmente traga contribuições, quando assim observadas pelo *marketing*.

Comumente as práticas de consumo ativista recorrem ao fortalecimento do empoderamento de consumidores nos processos de consumo, por vezes, com vistas a uma

redistribuição de poder (especialmente nas relações com a produção) e um maior domínio sobre os recursos (Davies & Elliot, 2006; Papaoikonomou & Alarcón, 2015; Wright et al., 2006). Em CCT, o termo empoderamento é aplicado a objetos distintos e estudado por visões epistemológicas diferentes, sendo analisado como um processo complexo, mas recorrentemente promotor de práticas ineficazes para a conquista de seu propósito; especialmente, quando o poder é analisado com base em Foucault, como sendo relacional e não algo de que se pode apropriar (Shankar et al., 2006).

De fato, o termo empoderamento é reconhecido por sua complexidade de sentidos e de práticas, e por poder ou não fortalecer os reais objetivos para os quais se determina (Berth, 2019). Sendo uma categoria analítica e empírica de vários campos de conhecimento, é alvo de debate conceitual e, ainda, se aplica aos mais variados espaços de ação social sem ser convenientemente problematizado. Sua definição permeia as noções de autonomia, se caracterizando como atributo e processo “pelo qual se aufere poder e liberdades negativas e positivas” aos sujeitos, constituindo-se como processo político (Horovhovski & Meirelles, 2007, p. 486). Os autores indicam que o termo se presta como uma ferramenta para os mais diversos agentes: governos, organizações da sociedade civil, agências de desenvolvimento, e sua finalidade envolve modificar a vida de indivíduos e de comunidades em determinado cenário de opressão.

Embora sua definição e sentidos sejam variados e abrangentes, o empoderamento deve ser visto como um processo dinâmico, construído historicamente e sempre atrelado à noção de poder (Souza; Leite & Batista, 2018, p.41). O conceito poder é amplamente reconhecido como central para entender o processo de empoderamento (Kleba & Wendausen, 2009), uma vez que ele envolve orientações ideológico-políticas (forças socioculturais) de grupos delimitados. Ou seja, implica no necessário envolvimento de uma perspectiva sócio-histórica, em se buscar as dinâmicas de mercado e se desvelar os potenciais nichos que surgem ou se transformam a partir desse consumo politizado ou os originam. Práticas cotidianas, por vezes silenciosas, podem ser desenhadas a partir dos processos ativistas, afetando comportamentos de consumo e atingindo o mercado. A ideologia política se presta como lente para separar socialmente o “nós” do “eles”, definindo o que se considera moralmente correto (Rosenthal, 2022).

Embasados no pensamento de Michel Foucault (2009), propomos analisar a prática do empoderamento como parte de uma rede de forças, entender o que ela envolve, como colabora na produção de sujeitos e como conforma comportamentos de consumo. Desse modo, não podemos entender o empoderamento como uma postura de enfrentamento à opressão, como analisa Berth (2019) ou gerador de poder para autonomia de grupos silenciados (Kleba &

Wendausen, 2009), pois para o autor, o poder não pertence a ninguém, não assume a forma de dominação e o sistema não existe como o outro opressor; ao contrário, participamos do sistema, o poder é micro, relacional, disputável e operável. Seguindo Foucault (2009), definir seus efeitos pela repressão seria insuficiente e inadequado para entender essa prática, pois impossibilitaria com que enxergássemos seus efeitos produtivos.

Nesse trabalho, inspirados na proposta de Braga (2018, p.81; 2020), consideramos o empoderamento como um dispositivo. O autor revisou o conceito de dispositivo foucaultiano, visando “aprofundar seu exercício heurístico no campo comunicacional”. Ele indica que dispositivo se refere a “uma realidade que foi elaborada pelo arranjo entre os discursos, as práticas concretas, as experimentações selecionadas”, sendo caracterizado, acima de tudo, por ser uma relação de forças. Ainda, para ele, dispositivos existem interconectados, em arranjos, operam em conjunto e em situações históricas síncronas e diacrônicas, embora cada um possua suas próprias características e seus próprios objetivos estratégicos e, portanto, existam na forma de micro ou de macro dispositivos.

A proposta de arranjo disposicional de Braga (2018; 2020), de fato, condiz com o entendimento de Foucault (2009), para quem o termo se refere a rede estabelecida entre elementos heterogêneos. Ainda, tal proposta nos ajuda a entender como o empoderamento se define vinculado a uma rede de forças envolvendo a historicidade, a dinamicidade do cotidiano e as ideologias de grupos determinados, que se relacionam tanto com as forças socioculturais como com os movimentos de consumo, o que envolve diretamente os consumidores, produtos e serviços e as marcas (Rosenthal, Cardoso, & Bortoluci, 2022).

Considerando que o poder funciona como uma maquinaria, entendemos que é concebido como uma relação de forças que assume a forma de uma grelha de forças (Foucault, 2009). A rede relacional toma forma de dispositivos, sendo capaz de conformar sujeitos e de produzir verdades (Revel, 2005). Isso porque o dispositivo opera a partir de um corpo de saberes díspares ordenados. Para Foucault (2009) o poder opera pautado em saberes e sua atuação gera saberes, numa intrincada e constante relação. Tais saberes, portanto, significados e reconhecidos por sujeitos, são o que se tem por verdadeiro em determinado tempo-espaço. O dispositivo do empoderamento, como todo dispositivo, se articula a outros dispositivos (*i.e.*, racismo, gênero, classe social etc.) (Braga, 2018; 2020; Deleuze, 1999). Assim, as linhas de força da experiência de empoderamento potencialmente promovem os processos de: veridificação, jogos de verdade, subjetivação e objetivação, sendo capazes de fabricar realidades e sujeitos como efeito das relações saber-poder (Foucault, 2003), também de desvelá-las.

Entendendo que o empoderamento é um microdispositivo, vislumbramos que as práticas de empoderamento das negras, se revelam como um excelente cenário para o desvelar a operacionalização dessa rede de forças e sua relação com comportamentos de consumo. Além do consumo da população negra ser pouco explorado no contexto brasileiro, ele é indicativo de como algumas dimensões do comportamento vêm sendo negligenciadas nos estudos da cultura de consumo como, por exemplo, a relação entre a socialização e o consumo (Vasconcellos & Goia, 2022). As autoras alertam que o ativismo familiar antirracista é algo que começa no seio familiar, desde a infância, faz parte da socialização, e analisam como essa socialização se relaciona com práticas de consumo. Para tanto, afirmam a importância de se considerar as realidades socioeconômicas e as trajetórias de vida do consumidor. O estudo ratifica nossa premissa de que os ativismos no consumo das negras detêm e conformam um caráter ideológico desenvolvido a priori, que reverbera em contextos cotidianos, e que, o consumo assume papéis em momentos relevantes no interior das práticas mundanas desses agentes (Warde, 2005), gerando práticas de empoderamento que, se analisado desse modo, propiciam uma visão mais holística sobre um fenômeno de consumo.

Notadamente, recentemente, consumidoras negras brasileiras exerceram uma enorme pressão sobre a indústria de cosméticos e de cuidados estéticos, que respondeu com linhas de produtos próprios para cabelos crespos, filtros e cremes de pele específicos e maquiagens para os vários tons de pele (Berth, 2019). Tal oferta tardia de produtos revela um contexto: ser negra no Brasil não é um papel simples de ser assumido. O mais comum é que três macro variáveis, que atuam como dispositivos, ajam em interseção definindo sua existência: o gênero, a raça e a classe social; tal condição direcionou toda uma construção da mulher negra no contexto histórico, político, econômico, social e jurídico nacional (Almeida, 2018), caracterizando também um tipo de consumidora, suas práticas, seus anseios e seus modos comportamentais de consumo.

Por conta do racismo estrutural e sistêmico brasileiro, apesar de a população negra (e nela, especificamente, o gênero feminino) representar mais da metade da população do país, ela ainda é muito pouco representada em espaços de poder das mais variadas estruturas sociais (Santos & Santos, 2018), como na indústria da moda e no consumo. Berth (2019) alerta que, como os negros constituem um grupo historicamente marginalizado, suas populações sofrem em seus próprios corpos um constante processo de desumanização. Para a autora, os sistemas de opressão oriundos de motivações sociopolíticas justificaram práticas, possibilitando a exploração de sujeitos e o acúmulo de privilégios sociais. Assim, esse processo sistemático de desumanização afetou intensamente as possibilidades de construção de uma autoimagem negra

positiva (Berth, 2019), algo considerado essencial para o empoderamento e que, tal como identidades e individualidades, é feito envolvendo as práticas de consumo (Arnould & Thompson, 2007; Holt, 2002; Kleba & Wendausen, 2009; Kozinets & Handelman, 2004; Kozinets, 2002a; León, 2001; Thompson, 2004; Thompson & Troester, 2002; Troester, 2002). Berth analisa a importância da estética política para o empoderamento tendo em vista que o sistema opressor se dá exatamente pela inferiorização da aparência negra frente a uma construção de um modelo dominante de beleza corporal branca.

Demandas coletivas de conscientização e de resistência vêm ganhando força nos cenários de consumo nacional. Neles, movimentos ativistas atuam ininterruptamente, tais como o da Geração Tombamento, o Black Money, e a União de Negros e Negras pela igualdade – UNEGRO. Essa é uma organização política nacional que também é sediada em Caruaru. O município é uma das cidades do Estado que concentra um efetivo foco ativista negro. Além de possuir ativistas atuantes e contar com a UNEGRO, a cidade é parte do segundo maior polo confeccionista do país em termos de produção (IEMI, 2017), possuindo uma marca ativista exclusivamente voltada para o segmento feminino negro - a Estilo AYÔ. Ainda, a cidade sedia o Instituto Cultural Afroabayomi, que produz e comercializa produtos e serviços com intuito de provê a subsistência da população negra local.

Assim, considerando que verdades e realidades são socialmente estabelecidas por meio de relações de saber-poder e resistência (Foucault, 2003; 2009), que a rede relacional de forças conforma dispositivos (Revel, 2005), e que as negras são movidas por motivações de cunho ideológico e que essa orientação política envolve a trajetória de vida e se reconstrói recorrentemente na dimensão ordinária, determinando seus comportamentos de consumo (Rosenthal, 2022), bem como delineando seus projetos de identidades - o que é associado em CCT aos processos de constituição de subjetividade (Souza-Leão; Ferreira & Moura. 2022), a nossa questão de pesquisa volta-se para entender:

Como os saberes fundantes das práticas de empoderamento das negras contribuem para entender o comportamento de consumo?

Assumimos que o desvelar dessa rede de saberes operada por poderes é uma forma de compreender o empoderamento no consumo, já que eles conformam o lastro do verdadeiro que sustenta os argumentos e as ações nesse meio. Para tanto, devido ao caráter histórico das orientações ideológico-políticas do próprio movimento ativista gerador das práticas de empoderamento, optamos por levantar as vozes dos agentes institucionais, das consumidoras e das ativistas locais que praticam o empoderamento em suas vidas cotidianas, já que elas formam uma comunidade e se auto abastecem constantemente, tornando essa uma condição

vital, como também o consumo é um momento dessas práticas (Warde, 2005), entendemos que o grupo produz cultura popular a partir dos recursos discursivos e materiais oferecidos pelo sistema que o desempodera (Fiske, 2005).

Enfim, se os dispositivos sociais de poder produziram as negras como “o outro”, esperamos que desvelar os saberes que sustentam o dispositivo do empoderamento nos possibilite desvelar as profundas interações historicamente estabelecidas entre um corpo de consumidores não normativos, o poder, o saber (Dreyfus & Rabinow, 2011) e seus comportamentos de consumo. Como vemos, as dinâmicas propostas são complexas, flertam com a cultura de mercado, com estruturas ideológicas e com a construção de projetos identitários, tornando seu estudo de interesse da *Consumer Culture Theory* - CCT (Arnold & Thompson, 2005). A temática perpassa pela demonstração de como práticas micro e macrosociais influenciam-se mutuamente, permeadas por relações de saber-poder, sendo o tema de amplo interesse dos pesquisadores da abordagem (Arnould & Thompson, 2015).

Ao fazê-lo, esperamos ter contribuído com os estudos em CCT, evidenciando como a análise do comportamento do consumidor sob uma perspectiva sociocultural crítica, atrelada a um olhar sobre práticas cotidianas, evidencia como verdades são produzidas, se prestam para operacionalização de uma rede de forças, envolve lógica do mercado, consolidando uma racionalidade condutora de grupos oprimidos na sociedade contemporânea, já que são temas de interesses da abordagem (Arnould & Thompson, 2005; 2007). Sendo a verdade um produto do poder, essa razão contra a qual se luta pode ser entendida como excludente e opressora se olhada como um modo de dominação. Esse seria o foco de grande parte dos trabalhos na temática. Mas o poder para Foucault é micro, relacional, não pertence a ninguém, é da ordem da luta, sendo disputável e operacionalizável (Foucault, 2009). Seguindo Foucault (2003), onde há poder, há sempre e, em certa medida, um exercício de liberdade, no qual a resistência ocupa um papel importante. Nesse sentido, sob essa lente, esperamos que nosso trabalho possa iluminar possibilidades de pesquisa e formas de vida mais justas, por acreditar na possibilidade de um potencial transformador estar em curso por meio do consumo.

1.1 Justificativas

Revelar os saberes que sustentam a prática de empoderamento do ativismo das negras em Caruaru-PE, nos possibilitou compreender como se instaura e desenvolve os processos ativistas, porque eles localizam esforços no empoderamento, e como seus agentes, apesar de heterogêneos se apoiam solidariamente e produzem condições a partir do sistema que lhes

oprime, por se pautar numa ideologia que é de vida e para a vida. Estejam elas assumindo o papel de consumidoras, de empreendedoras de marca de moda, ou participantes do instituto cultural local, por meio das suas práticas cotidianas de empoderamento, produzem discursos de adesão às lutas sociais contra discriminações e intentam sua representatividade no consumo.

Quando se trata de compreender a relação entre consumo e a realidade de oprimidos, as negras se revelam um sujeito de pesquisa exemplar. Sobre elas recai as forças de três grandes dispositivos da sociedade branca e patriarcal: ser mulher, ser negra e participante da classe brasileira menos favorecida financeiramente. Contudo, segundo o IBGE 56,1 % da população brasileira se declara negra¹, mas sua maioria é de mulheres. Porém, de acordo com a Etnus, 61% dos negros brasileiros afirmam que comprariam mais caso fossem representados². Assim, a partir dessa realidade, evidenciamos a importância de nossa escolha para iluminar temas como a busca por representatividade, produção de identidade no consumo, ativismos e os processos de empoderamento.

Posto isso, assumimos a necessidade de conhecer o contexto sócio-histórico em que essas mulheres estão inseridas, uma vez que sua pauta ideológica é construída ao longo de sua existência e experiência sociais, suas ações são coletivas, ininterruptas e envolvem vários campos de atuação, inclusive e principalmente o consumo. O empoderamento no consumo é fruto de uma vivência e promove a construção de verdades e realidades, processos de sujeição e subjetivação e a construção de sua posição de sujeito (Foucault, 2003). Logo, a compreensão das práticas cotidianas se fez necessária, pois são as práticas do cotidiano e os significados que se constroem a partir dessas práticas que definem práticas de consumo, sendo, portanto, o consumo um momento dessas práticas (Warde, 2005; Fiske, 2005).

Assim, considerar as práticas cotidianas foi fundamental para realização desse trabalho, pois a verdade apoia-se em suportes institucionais e é, ao mesmo tempo, reforçada e reconduzida por um compacto conjunto de práticas sociais (Foucault, 2009). Por isso, para Foucault, uma prática social é sempre histórica e regida por uma microfísica do poder que atravessa toda a estrutura social; a disciplina comanda corpos e instituições; corpos são controlados por uma biopolítica normalizadora, que os molda e treina para serem dóceis, mas

¹ De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) em 2021, 47% da população brasileira se declarou parda e 9,1% se declarou preta, totalizando 56,1% da população autodeclarada negra. (Dado disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>)

² Segundo a Etnus, primeira empresa brasileira especializada no estudo do comportamento e dos hábitos de consumo da população negra, um maior número de pessoas autodeclaradas negras consumiria mais caso fossem representados. (Dado disponível em: <<https://www.etnus.com.br/>>)

tais corpos sempre respondem com resistências, uma acomodação às normas que é tão produtiva quanto o poder (Foucault, 2014).

A justificativa teórica desse trabalho se funda nessa pretensão: desvelar o consumo a partir de um olhar macro, entendendo que ele é um momento das práticas cotidianas, e é fruto de uma relação sócio-histórica (Warde, 2005). Assumir esse olhar sobre o consumo evidencia a sua amplitude e relevância para a nossa sociedade. Ao mesmo tempo, o apoio na teoria crítica de Michel Foucault nos possibilitou analisar o empoderamento como um dispositivo, uma rede heterogênea de elementos operada por meio de saberes, cuja ação acontece atrelada a outros dispositivos, em situações escalares - micro e macro, e históricas - síncronas e diacrônicas. Por meio dessa construção esperamos que nossos resultados contribuam para os estudos de *marketing* e de comportamento do consumidor. Existe uma carência muito grande no que diz respeito a estudos que considerem práticas de consumo da população negra. Nesse sentido corroboramos com as autoras Vasconcellos & Goia (2021). Elas refletem que, mesmo com a relevância da temática para uma sociedade mais justa, a invisibilidade parece ligada a mais uma exclusão: ao fato de que o próprio espaço acadêmico é demasiado elitista, branco e tradicionalmente marcado por fundamentos eurocêntricos.

Nesse sentido, estudiosos precisam também se atentar aos consumidores que ainda são considerados “minorias”, mas que na realidade, são a maioria da população brasileira, ou seja, não são minoria no sentido numérico, mas são desprovidos de representação em espaços de poder. Assim, essa necessidade se justifica porque o momento em que vivemos no planeta tem levado a academia brasileira a pensar mais nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a relação do racismo com o consumo ainda é muito pouco estudada. Nossos resultados contribuem com as questões envolvidas para efetivação do ODS 10 – reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles, ao evidenciar o quadro de como a parcela mais pobre e numerosa brasileira ainda vive interpelada por linhas de força macrossociais. Indicamos que os estudos de sustentabilidade foquem no racismo estrutural, o descortinem e assim potencializem formas de diminuir tais opressões.

Dessa forma, a nossa pesquisa perpassa pela questão de políticas identitárias, pois em um viés pós-estruturalista esse debate acontece associado a processos de construção de subjetividade (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022). A prática de empoderamento intenta a construção de identidades por meio do consumo frente a uma condição opressora histórica. Sendo o racismo um mecanismo de poder (Almeida, 2018) e a racialidade, como dimensão social, vista por seu caráter relacional, a negra existe como um objeto produzido por atores heterogêneos: pelo *marketing*, pelas instituições, pela política presente nessas relações de

disputa, pelo consumo, pelos estudiosos, e pela prática dos próprios indivíduos. Estando essa questão entranhada à rede de forças do dispositivo de empoderamento e a outros dispositivos, esperamos gerar *insights* para futuras pesquisas. Temas como a responsabilidade dos agentes envolvidos, a questão do gênero e da classe social, as estratégias utilizadas - as ferramentas tecnológicas e seu alcance, entre outros, principalmente ao envolver uma temática socialmente tão sensível para grande parte dos brasileiros.

A contribuição prática de uma pesquisa crítica é sempre social. Assim, ao desvelar como os saberes fundantes das práticas de empoderamento das negras em Caruaru contribuem para entender o empoderamento no consumo, nós almejamos contribuir subsidiando os argumentos das práticas ativistas das negras, fortalecer seu papel enquanto consumidoras e, quiçá, colaborar, mesmo que minimamente, para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Isso porque assumimos que pesquisas são políticas e, ao examinar a questão, também estamos carregando de informações os processos sociais criativos de resistência, e desse modo, aperfeiçoando as buscas por novas formas de ser, estar e relacionar-se no mundo.

Ainda, uma contribuição prática dessa pesquisa pode se revelar a partir do interesse de uma marca de moda, um instituto cultural e do engajamento de consumidoras com essas pautas de caráter social, já que a presença de uma marca de moda/vestuário inserida em um polo de confecções de representatividade nacional, e o seu modo de operar evidencia de certa forma uma sensibilidade e a assumpção de aspectos característicos da cultura de moda. A moda funciona como um palco: materializa pautas, comportamentos e desejos sociais, se constituindo o pilar da indústria de consumo. As condições descritas em nossos resultados, apesar de dizerem respeito aos processos de sujeição e subjetivação, evidenciam como aspectos da moda vem se instaurando nas rotinas do empreendedorismo local, bem como oportuniza *insights* acerca de como potencializar essa aproximação para a geração de competitividade dos produtores locais, sendo essa uma fraqueza que ainda lhes é própria, apesar de há muito tempo ter sido identificada.

Nesse sentido, podemos apontar a originalidade desde estudo. Mesmo com o volume de trabalhos na abordagem da *Consumer Culture Theory* (CCT) que se interessam na temática do consumo ativista (Kozinets & Handelman, 2004; Holt, 2002; Kozinets, 2002a; Thompson, 2004; Thompson & Troester, 2002; Ndichu & Upadhyaya, 2018) e os que dissertem acerca do empoderamento dos consumidores (Davies & Elliot, 2006; Papaoikonomou & Alarcón, 2015; Wright et al., 2006; Shankar et al., 2006) e até mesmo os que se apoiam em Foucault na CCT (Camargo et al., 2018;), até o momento não foram encontradas pesquisas que tratem

especificamente da prática do empoderamento a partir do consumo ativista de mulheres negras, sob a junção da perspectiva crítica foucaultiana com os conceitos de teoria das práticas.

Isso posto, apresentamos a organização desse trabalho. No próximo capítulo tratamos da fundamentação teórica, inicialmente posicionamos o nosso entendimento sobre a história da segregação da população negra em nosso país, evidenciando a mulher negra e todas as suas lutas por representatividade, em seguida abordaremos os conceitos de teorias das práticas e consumo ativista em CCT, seguindo para uma explanação do empoderamento. Concluímos apresentando os conceitos do dispositivo a partir da teoria social Foucaultiana. Em sequência tratamos dos procedimentos metodológicos, e apresentamos a análise e os resultados obtidos. Por fim, apresentamos as considerações finais a que chegamos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos o trajeto teórico que embasou a construção desta pesquisa. Levando em consideração que nosso fundamento teórico tem base foucaultiana, nossos tópicos são sistemáticos e dispõem de uma base histórica, procurando assim, para além do objeto pelo qual nos aprofundamos, evidenciar o contexto em que ele está inserido, pois segundo Foucault (2016, p. 515-516):

Todo conhecimento se enraíza numa vida, numa sociedade, numa linguagem que têm uma história; e, nesta história mesma, ele encontra o elemento que lhe permite comunicar-se com outras formas de vida, outros tipos de sociedade, outras significações: é por isto que o historicismo implica sempre uma filosofia ou, ao menos, uma certa metodologia da compreensão viva (no elemento da *Lebenswelt*), da comunicação inter-humana (sobre o fundo das organizações sociais) e da hermenêutica (como retomada, através do sentido manifesto de um discurso, de um sentido ao mesmo tempo segundo e primeiro, isto é, mais escondido porém mais fundamental). Com isto, as diferentes positivities formadas pela História e nela depositadas podem entrar em contato umas com as outras, envolverem-se à maneira de conhecimento, liberarem o conteúdo que nelas dormita; não são então os próprios limites que aparecem no seu rigor imperioso, mas totalidades parciais, totalidades que se acham limitadas de fato, totalidades cujas fronteiras se podem, até certo ponto, alterar, mas que jamais se estenderão no espaço de uma análise definitiva e também jamais se elevarão até a totalidade absoluta.

A primeira seção volta-se para apresentar historicamente como se desenhou o racismo estrutural no Brasil, especificando a condição da mulher negra. O intuito da seção é contextualizar o aparecimento do empoderamento como uma experiência, além de evidenciar como um conjunto de mecanismos atuou como princípio de exclusão política das negras. Tendo em vista que, para Foucault, as verdades se estabelecem por meio do exercício do poder e seu embasamento se dá por critérios arbitrários, ancorados em contingências históricas (Castro, 2009), e por entender que o consumo é um momento nas práticas do ativismo negro e seu processo de empoderamento, seguimos por apresentar a teoria das práticas sociais. Em seguida analisaremos o empoderamento como conceito e objeto das mais variadas forças, logo como um centro de poder. Por fim, o trabalho apresenta a teoria social

de Michel Foucault, partindo do conceito de dispositivo, uma rede de forças indissociavelmente ligada a saberes, produtora de verdades e realidades.

2.1 Historicidade da população negra no Brasil

As desigualdades raciais estão presentes no Brasil desde a colonização, e de acordo com Munanga e Gomes (2006) elas se fazem presentes desde quando a população negra foi trazida para o Brasil no século XVI, para ser escravizada, e fornecer a força de trabalho que os portugueses não detinham. Pinsky (2010) relata que a característica da escravidão é a sujeição de uma pessoa a outra, ou seja, o indivíduo escravizado além de ser uma propriedade, têm as suas vontades monitoradas e ditadas pelos seus donos.

A população negra escravizada vivia como animais, sem voz/direitos, eram vendidos, castigados, trocados e até mesmo mortos sem nenhuma consequência, ou alguém para intervir ao seu favor. Alguns não tinham nem o que comer, pois os seus donos não forneciam alimentos e quando comiam, era comida jogada no chão. Porém eram obrigados a trabalhar com jornadas de catorze a dezesseis horas diárias, fiscalizadas, sem direito a descanso e caso desacatassem as ordens, havia consequências, eram castigos que iam desde serem algemados, queimados, e até serem enterrados vivos (Moura, 1992).

A escravidão perdurou por quase quatro séculos em nosso país, visto que o Brasil é caracterizado como o último país a abolir a escravatura (Moura, 1992; Dos Santos & De Lima, 2020). Ainda, a abolição não trouxe para os ex-escravizados uma mudança de realidade, como por exemplo, uma melhor condição de vida e/ou oportunidades, pois com a discriminação racial já instalada, as suas consequências mesmo pós abolição eram visíveis - exclusão social e opressão. Com isso, a população negra agora liberta compreenderam que a luta para o fim da escravidão, para a liberdade, tinha sido só um primeiro passo, pois a real batalha em pró de igualdade, estava só iniciando (Santos, 2005; Domingues, 2007).

Assim, os afrodescendentes entenderam que deveriam criar estratégias para fortalecer sua condição social, objetivando diminuir os efeitos de sua posição de desprezado. E como uma forma de reagir a essa realidade de marginalização, eles decidiram estabelecer movimentos de reivindicação que depois ficou conhecido como movimento negro organizado, no qual grupos recreativos, assistencialistas e culturais eram estruturados em busca de uma mobilização racial e um maior esclarecimento sobre a história da população negra no Brasil, a sua cultura e o seu papel no desenvolvimento do território brasileiro (Domingues, 2007; Santos, 2005).

A primeira etapa do movimento da classe dos homens de cor, assim como ficou conhecido, teve como um marco a Frente Negra Brasileira (FNB) uma organização que se originou em São Paulo em 1931, reuniu milhares de negros separados em várias missões, no qual a sua pauta era o preconceito de cor, e para abordar tal assunto, os militantes organizaram diversas ações que iam desde palestras em escolas, grupos de teatro, serviços médicos e até publicações em jornal (Domingues, 2007). Até que a Frente Negra Brasileira acabou se transformando em um partido político, mas que em 1937 foi interrompida com o início da ditadura do Estado Novo (Domingues, 2005a).

Entretanto, os movimentos não cessaram e com o fim da ditadura do Estado Novo, novos grupos de protestos surgiram, Domingues (2007) relata que a União dos Homens de Cor (UHC) foi uma das lutas fundamentais da população negra, pois perdurou por muito tempo e por vários estados do nosso país, até que com o golpe militar de 1964, os participantes dos movimentos começaram a ser vigiados, e os assuntos raciais precisaram ser interrompidos durante um grande período, e só vieram a ganhar estímulo novamente quando outros movimentos sociais entraram em vigor, em meados dos anos 1970. Nesse período, uma ação que simbolizou a causa foi a fundação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), teve início em São Paulo, e como o seu foco era a luta contra a discriminação racial, o seu nome foi resumido para Movimento Negro Unificado (MNU).

O Movimento Negro Unificado (MNU) foi conquistando o território brasileiro, formando associações de lutas em vários estados, levantando bandeiras em pró de melhorias para os afro-brasileiros, como a desmistificação da democracia racial brasileira, transição de ações locais para movimentos de massas, lutas contra o racismo e abuso dos trabalhadores, coordenação nos sindicatos e partidos políticos, entre outros. No qual, cada estado ia formando grupos a partir das suas principais necessidades, mas com um único objetivo: melhorias para os afro-brasileiros que sentem nas suas próprias peles as consequências das desigualdades raciais. (Domingues, 2007).

Além do MNU, movimento que está em vigor até os dias atuais, um outro tipo de ação que merece notoriedade, é o Movimento de Mulheres Negras, pois são compostos por pessoas que além de sofrer em seus próprios corpos os reflexos da segregação racial, ainda enfrentam as consequências de viver em uma sociedade machista, e de acordo com Davis (2016) esse é o legado que as mulheres negras carregam desde a escravidão. Abordaremos a seguir a condição de ser mulher e negra no país.

2.1.2 Ser negra brasileira

Ser negra no Brasil é desempenhar um papel complexo e que envolve muitas batalhas, pois segundo Davis (2016) as negras carregam o legado do racismo, machismo e vulnerabilidade econômica desde a escravidão. Assim, essas mulheres enfrentam as consequências impostas não só da raça, mas também pela classe social e pelo gênero, o que significa que elas são punidas bruscamente apenas por sua existência (Almeida, 2018).

Diante disso, fica notório que a segregação racial que vitimiza a mulher negra está presente desde a sua chegada no Brasil, visto que como afirma Davis (2016) todo o dano causado aos afro-brasileiros no período da escravidão, toda violência, opressão e tortura eram mais intensos para as mulheres, pois incluíam abusos psicológicos, sexuais e até mesmo abusos pelos seus próprios corpos.

As escravizadas, conhecidas como mucamas vivam sob os chicotes dos seus patrões, trabalhando para as suas famílias, consideradas muitas vezes como protetoras, e até mesmo serviam como ama-de-leite dos filhos dos senhores, eram estupradas e espancadas, porém há registro de que instruíam os seus descendentes, principalmente as suas filhas, demonstrando lições de força, resistência, trabalho duro e de lutas para um futuro diferente. (Almeida, 2018; Dos Santos & De Lima, 2020)

Entretanto, mesmo com o fim da escravidão, e as negras agora livres, os estigmas criados para essas mulheres como objeto sexual e de domésticas servis prevaleceram, favorecendo a propagar uma autoimagem negativa das mulheres negras (Dos Santos & De Lima, 2020). Com isso, fica evidente o porquê dos movimentos sociais dessas mulheres se pautarem na busca de uma mudança, de uma quebra desses estigmas, que foram e são reproduzidos desde a escravidão, firmando a questão que a liberdade para a população negra não se deu com a abolição, mas que a liberdade é uma luta constante.

As maiores pautas levantadas nesses movimentos de mulheres em nosso país, segundo Carneiro (2003), são com respeito a sexualidade, a independência sobre os seus corpos que por muitos anos associou-se ao Estado e/ou Igreja; no campo do poder público em busca da representatividade das mulheres na política, no âmbito econômico, pois é inegável as desigualdades salariais entre homens e mulheres que pertencem a mesma posição, luta por creches, marginalização do aborto, principalmente as mulheres de baixa renda. Essas são segundo a autora, as principais reivindicações dos movimentos feministas, e que tiveram uma maior notoriedade com a participação das mulheres negras sobre as convicções e as práticas políticas feministas no Brasil. Diante disso, se estabeleceu a expressão “Enegrecendo o feminismo”, com o objetivo de que as negras fossem mais visíveis nas reivindicações, e que

as lutas contra as opressões ficassem de uma vez por todas mais nítidas e pertinentes (Almeida, 2018, p.92).

Assim, as problemáticas que as negras precisaram e precisam enfrentar estão justamente ligadas a raça e ao gênero, e por isso que segundo Almeida (2018) é comum encontrar nos grupos sociais feministas uma negra sendo a líder, pois, essas mulheres estão sempre buscando formas de resistir, e não só isso, mas também de existir. E reconhecer a relevância desses movimentos, dessas pautas, é compreender que há uma irregularidade na sociedade, que aceita um ideal de vida, a partir de um discurso arcaico e acaba por subjugar, por segregar outras pessoas pelo simples fato de ser quem são: mulheres em uma sociedade machista e negras em uma sociedade racista.

Desse modo, os movimentos de reivindicações em busca de uma mudança de contexto ainda se fazem necessários, já que essas desigualdades existentes em nossa sociedade para com os afrodescendentes, continuam em vigor até os dias atuais, pois segundo Dos Santos, De Lima (2020) ao desenvolverem uma observação acerca das condições da população negra nos dias atuais, concluíram que eles ainda estão presentes nas periferias, sentindo na pele a improficuidade da educação brasileira, mantendo-os assim na realidade dos subempregos. Ainda conforme as autoras, na vivência do mercado de trabalho é nítido que não é apenas um currículo ou a competência que é considerado, mas há um padrão de comportamento até mesmo estético que é procurado. E nisso, as mídias exercem uma grande influência por ajudar a propagar a permanência desses estigmas, ao continuar mesmo nos dias atuais colocando a população negra nessa situação de subalternos, de inferiores.

Com isso, Dos Santos, De Lima (2020) relatam que a taxa de desemprego é muito mais alta para as mulheres negras do que para outras classes, e quando conseguem emprego, acabam por ocupar cargos mais baixos. Além disso, há uma diferença gigantesca na remuneração no mercado de trabalho brasileiro quando se refere ao sexo e a raça dos sujeitos. Segundo Abramo (2006) as mulheres negras obtêm apenas 39% do que são destinados aos homens brancos, chegando a ser 61% a menos. A autora declara que quando se pensa mensalmente, as diferenças são ainda mais alarmantes, pois os números mostram que os homens negros dispõem 50 % do que desfrutam os brancos, e as negras um valor ainda menor, chegando a 32% do que recebem os homens brancos. Ou seja, os rendimentos da população negra são inferiores aos dos brancos e segundo a autora isso acontece mesmo quando eles pertencem ao mesmo nível de escolaridade, ficando claro o racismo ainda existe no mercado de trabalho em nosso país.

Perante o exposto, podemos afirmar que a segregação racial que vitimiza tanto as mulheres negras como os afrodescendentes no geral, faz parte de uma construção histórica que afetou e vem afetando a forma desses sujeitos, transformando-os em grupo marginalizado, e causando um constante sofrimento em seus próprios corpos por um processo de desumanização (Dos Santos & De Lima, 2020). Tendo em vista o contexto aqui apresentado, vemos que as lutas firmadas nos movimentos sociais são tanto uma forma de conquistar o empoderamento como uma constante busca por representatividade, o qual trataremos a seguir.

2.1.3 A luta por representatividade e o estabelecimento de um público consumidor

Como vimos, a população negra foi politicamente apagada em vários âmbitos sociais. É possível visualizar como se estendeu o funcionamento desse mecanismo de exclusão a partir da solidificação da forma social de consumo. Que de acordo com Slater (2001), essa forma social se estabeleceu definitivamente em meados do século XX, com a retomada da indústria e o estabelecimento da cultura de consumo. O consumo passou a possuir um novo e mais amplo papel social, saindo do contexto da produção e se posicionando como um alicerce para as relações sociais (Leão et al., 2015).

Assim, sendo o consumo uma esfera central para essa forma social, as atuações socialmente pertinentes começaram a ter ligação direta com a aquisição e o desfrute dos bens materiais (Barbosa, 2004). O corpo social deixou de ser marcado por uma ética da produção e começou a ser pautado por uma ética do consumo (Leão et al., 2015). A partir dessas circunstâncias, o consumo passou a ser uma pauta muito discutida nos trabalhos acadêmicos, sendo considerado como um processo cultural e influente para se entender os contextos sociais (Slater, 2001).

Featherstone (1982) explana que em meados do século XX houve um aumento na produção, com isso os salários aumentaram e se instaurou o crédito ao consumidor, no qual eles poderiam realizar compras a prazo. Com isso, a demanda foi aumentando e, com ela, as necessidades e os desejos também cresceram. O autor chama a atenção que na década de 1920, as mídias foram essenciais para uma maior circulação da cultura do consumo, como por exemplo as revistas e a rádio, que enalteciam o novo estilo de vida, de comportamento e as novas fontes de lazer. Entretanto, todas essas transformações especialmente no Brasil não pertenciam à realidade da população negra, pois para eles, esse período ainda era dedicado a

luta incessante em busca de um emprego estável, de uma renda e de condições mínimas para manutenção familiar (Moura, 1992).

O consumo foi se tornando um fator fundamental para a vida das pessoas. Featherstone (1982) declara que o consumo se fez predominante à autopreservação do corpo, ao cuidar de si. E o corpo então tornou-se um meio de prazer e de autoexpressão. Para o autor, a publicidade apoiada pelo marketing possuiu uma grande influência nesse aspecto, já que ela se tornou defensora dessas novas formas de pensar, e até um meio de seduzir ao consumo, por divulgar imagens relacionadas a juventude, luxo, beleza, estimulando assim, os consumidores a desfrutar das experiências que o consumo lhes proporcionava.

Featherstone (1982) disserta sobre a liberdade que a cultura de consumo apregoa, ao exhibir um mundo de possibilidades e conforto. As possibilidades eram apresentadas como sendo uma solução, pois permitiam que os indivíduos fizessem as suas próprias coisas, e pudessem escolher livremente. Porém, o autor analisa que essa promessa de liberdade é vazia, possui o seu lado sombrio, que a realidade é também composta de desemprego, da pobreza, das desigualdades, sendo esse lado ocupado por grupos silenciados por essa lógica, como os negros.

O aspecto ainda mais grave da exclusão, evidencia-se pelo reconhecimento do consumo como o meio pelo qual os indivíduos constituem as suas identidades, o que é feito a partir dos significados que os bens de consumo proporcionam (Moura & Leão, 2020). Sendo a situação econômica difícil e a identidade da população negra historicamente desprestigiada, por muito tempo, enquanto consumidores, eram foram também invisibilizados, não existindo ofertas de produto que os representassem, como relata Rocha e Casotti (2017). Nesse cenário, até pouco tempo, não existiam produtos de beleza específicos para as negras, tais como um pó facial para os seus tons de pele ou produtos capilares que apropriados para as características de seus cabelos.

As mudanças nesse cenário ocorreram nos últimos anos, pois como afirma Souza (2012) ao longo dos governos presidenciais do Partido dos Trabalhadores (PT), de 2003 a 2014, primeiro com o Presidente Luis Inácio Lula da Silva (2003 – 2009) e depois com a Presidenta Dilma Rousseff (2010-2014), se instituiu na sociedade uma “nova classe trabalhadora”, ou uma classe que viu as suas condições econômicas melhorarem, podendo assim ter acesso aos bens de consumo. Nesse período, grupos minoritários em espaços de poder, passaram a ocupar espaço no mercado de trabalho, consumir produtos e serviços antes inacessíveis, bem como ter acesso à educação superior, facilitado pela implementação da cota nas universidades públicas.

Ao melhorarem seu poder aquisitivo e participarem da demanda por produtos e serviços, as marcas passaram a se atentar para o volume desse novo público consumidor, inserindo-os nas suas estratégias de marketing e buscando representá-los nos seus produtos. Sansone (2000) discorre a respeito da relevância que o consumo adquiriu para a população negra, ao se tornar um meio eficaz para o registro étnico e uma forma de lutar contra a opressão. O acesso a ele, propiciou aos negros materializarem as mudanças nas realidades do seu cotidiano. O consumo propicia aos indivíduos se reconhecer parte das realidades socialmente construídas, pois através dele estilo de vida e identidades são produzidos, produzindo individualidades que são vistas como formas de autoexpressão (Arnould & Thompson, 2005; Barbosa, 2004).

Contudo, ser reconhecido como consumidor pela produção e assumir esse papel, apesar de parecer uma conquista, sobretudo as mulheres negras ainda não se veem representadas em vários setores da sociedade (Domingues, 2007; Gomes & Arrazola, 2019). Entendemos que isso se deva ao fato de que o consumo é um processo de produção de valor e de apropriação que envolve a compra, o uso e os significados simbólicos, portanto, diz respeito a objetos e a experiências vivenciadas a partir deles. Assim, podemos entender que o consumo é um momento pertinente a todas as práticas sociais (Warde, 2005).

O próximo tópico trata desse entendimento.

2.2 Teorias das práticas e as ações ativistas: cultura popular e consumo

Esse tópico se volta para apoiar o entendimento das ações ativistas das negras e suas práticas de empoderamento dadas pelo consumo, visto por um espectro mais amplo e histórico. Tendo em vista que o ativismo negro é uma prática política que se enraíza numa ideologia de vida e a prática de empoderamento se constituiu como uma rede de forças, optamos por entender que o consumo é um de seus campos de batalha. As teorias da prática social nos dão esse chão. Isso condiz com o entendimento do empoderamento como um microdispositivo, pois entendemos que a rede de forças de um dispositivo se define entremeadada por redes de poder micro e macrossociais, que atuam sincrônica e diacronicamente; nesse caso, envolve questões de raça, de gênero e de classe social. Sendo o dispositivo um tipo de formação dada em um momento histórico e as verdades historicamente construídas nessa forma social serem estruturalmente patriarcais e racistas, todos são elementos que certamente intervieram nessa organização.

Entendemos, portanto, que a cultura é um processo sempre em construção, formado por lutas intermitentes (Fiske, 2005), que determinam o mundo social pela relação entre esferas

micro e macrosociais (re), sendo o consumo um de seus momentos (Warde, 2005). O consumo só existe desse modo por perpassar por quase todas as práticas sociais constituindo relações, e se pautando em significados.

Resguardadas as diferenças, podemos entender que alguns fundamentos da teoria das práticas nos auxiliam a aprofundar a questão do ativismo e da prática de empoderamento, ainda que permanecendo pautados centralmente no entendimento de Foucault (2009) de que um dispositivo demarca a relação entre elementos heterogêneos, que poder-saber é uma relação indissociável e que onde há poder há resistência.

A seguir apresentamos a teoria das práticas e um modo de entender a cultura e o consumo.

2.2.1 Teorias das práticas e a cultura popular

As teorias das práticas sociais formam um corpo teórico heterogêneo e fragmentado, sendo a tentativa de isolar suas características comuns considerado um trabalho difícil. Contudo, o fato dessa abordagem não priorizar a perspectiva individualista nem a holística, torna certos princípios de sua visão consistente com várias reivindicações de teorias sociais críticas, possibilitando considerar as características ontológicas pós-modernas sem sucumbir ao relativismo epistemológico (Warde, 2005).

Considerando suas diferenças, nesse trabalho nos apoiaremos em suas potencialidades, naquilo que coincide sem deturpar a visão de dispositivos foucaultiana - central nesse trabalho, o que será aqui apresentado. Concordamos com o Warde (2005): as teorias das práticas potencialmente fornecem *insights* relevantes acerca de como o consumo se organiza e como pode ser melhor analisado, frente ao contexto ideológico que envolve nosso tema.

O conceito de práticas no sentido da teoria das práticas sociais se refere aos comportamentos humanos rotineiros, incluindo o uso, as atividades corporais e mentais, o conhecimento que possibilita a compreensão, o *know-how* e os estados emocionais e motivacionais (Reckwitz, 2002). As práticas envolvem o fazer, o dizer e a compreensão, ou seja, interessa como a atividade é praticada, seu desempenho e suas representações. Elas são continuamente [re]criadas pelos atores sociais. O autor resume que na compreensão filosófica:

Uma prática é, assim, um modo rotineiro como os corpos são movidos, os objetos são manuseados, os sujeitos são tratados, as coisas são descritas e o mundo é compreendido. Dizer que as práticas são 'práticas sociais' é de fato uma tautologia: uma prática é social,

pois é um 'tipo' de comportamento e compreensão que aparece em diferentes locais e em diferentes pontos do tempo e é realizado por diferentes corpos/mentes (Reckwitz, 2002, p.250).

Warde (2005) alerta para as diferenças da apropriação desse pensamento, que é filosófico, para teorias sociais e indica as possibilidades de explorar seus méritos para os estudos de consumo. Ele elenca a compreensão não instrumentalista das condutas dos agentes, o papel das rotinas, das emoções, das corporificações e dos desejos. Para o autor, a maior parte das práticas sociais e certamente todas as que são integrativas exigem e/ou implicam em consumo. Por práticas integrativas ele entende àquelas mais complexas, que envolvem o saber fazer, dizer, compreender, mas também a capacidade de seguir regras obedecendo a uma estrutura tele afetiva específica, tais como o são as práticas agrícolas e culinárias.

Como o consumo integra a maior parte das práticas sociais, ele é visto como um momento de todas elas, ocorrendo em seu interior e por causa delas. Isso porque, puramente, o consumo não ocorre por si mesmo, mas sim por suas entregas de variadas recompensas. O consumo é assim entendido como um processo de produção de valor e de apropriação que envolve bens, serviços, performances, ambientes e informações, no que se engajam agentes; portanto, seu entendimento não deve ser restrito aos momentos de troca mercadológicas, mas ampliado para o uso dos produtos e para os significados simbólicos que envolvem. Se consome objetos e experiências (Warde, 2005).

A organização das práticas se presta para analisar os padrões de consumo, as semelhanças e diferenças do uso, o papel da aprendizagem coletiva e o exercício do poder, pois são elas que orientam o comportamento de consumo e suas performances, produzem desejos e diferencia grupos pelos procedimentos adotados, por seus entendimentos, habilidades, objetivos e aspirações de valor. É o engajamento de agentes numa prática que informa a natureza do processo de consumo, define seus elementos e propicia as performances. Desse modo, o estudo das práticas auxilia a responder as principais questões sociológicas: porque os indivíduos fazem determinadas coisas e de que maneira o fazem. A resposta envolve a historicidade e as instituições. As práticas são a fonte primária do desejo, do conhecimento e do julgamento (Warde, 2005).

Portanto, as teorias da prática se interessam pelo que se encontra arraigado nas práticas cotidianas embasando comportamentos corporais, emocionais e cognitivos, tais como hábitos, rotinas, consciência prática, conhecimentos tácitos e tradição, reveladas nos desempenhos dos agentes. Contudo, reconhece que não há previsibilidade quanto aos desempenhos, uma vez que

as convenções sociais são recorrentemente contestadas, sendo as improvisações, adaptações e experimentações uma constante. Desse modo, as práticas são potenciais portadoras de mudanças. Para além disso, elas se caracterizam por sua relação com outras práticas, afetando-se mutuamente, o que sugere relação entre produção e consumo, mas também entre esfera micro e macrosociais, envolvendo um emaranhado de forças (Warde, 2005).

Os indivíduos não são entendidos como autônomos nem subjugados às normas, pois tudo está sujeito às lutas sociais. Existe espaço para o indivíduo e para o agente. Eles são o ponto de encontro de muitas práticas e, sendo essa a base do consumo, isso sugere uma perspectiva promissora de análise para o comportamento de consumo e seu papel na construção social. Assim, a abordagem da prática possibilita uma visualização constitutiva da cultura, desvelando as estruturas que fornecem os parâmetros da ação e as práticas de grupos sociais dadas em espaços específicos (Warde, 2005). Esse ponto nos permite fazer a passagem para o entendimento microfísico do poder foucaultiano e nos ajuda a enxergar a operação do dispositivo de empoderamento no caso do consumo ativista das negras.

A cultura, portanto, é um processo de lutas em contínua formação. Ela é construída por meio da constante sucessão de práticas. Sendo de ordem política, envolve centralmente o poder e sua redistribuição. Fiske (2005) denomina de cultura popular os processos constantes da luta de desempoderados de recursos (discursivos e/ou materiais) fornecidos pelo sistema social dominante. A cultura popular é feita contra as estruturas de domínio, de forma imanente e microsocial e objetiva a conquista dos interesses dos subalternos. O autor salienta que eles não visam transformar todo o sistema que os subordinam, mas se preocupam em melhorar a condição em que são vitimados. O modelo de luta é progressivo e não radical, pois apenas as condições históricas e materiais promovem uma reforma mais efetiva. Assim, o trabalho da resistência toma uma forma de erosão constante, construindo uma consciência popular que promove tais condições materiais para serem oportunamente exploradas em “ataques” mais organizados e efetivos.

Como vivemos a cultura da mercadoria, a cultura popular é produzida na interface entre a vida cotidiana e o consumo e, grande parte das lutas são por significados. Contudo, os sentidos da cultura popular existem apenas em circulação, ou seja, só pode ser capturado nas interrelações entre os textos e o cotidiano da vida social (Fiske, 2005). Para o autor, a cultura popular funciona como um agente de desestabilização de estruturas dominantes. Contudo, enquanto as forças hegemônicas são homogêneas e localizáveis, as resistências são disseminadas, portanto, heterogêneas. Sua ação se organiza nas minúcias do cotidiano e objetivam o controle dos significados da vida dos subalternos com vistas ao controle de sua

existência, feitos em prol do empoderamento e da melhoria da autoestima, uma conquista que se dá por meio do apoio da coletividade.

2.2.2 O ativismo: uma prática cultural produtora do empoderamento

O entendimento dos autores Warde (2005), Reckwitz (2002) e Fiske (2005) possuem uma base cultural e as lutas sociais por eles apresentadas elucidam como acontecem as vivências ativistas. O consumo ativista estudado pela ótica cultural o entende como sendo um movimento político em que as suas ações envolvem manifestações, ocupações, e sobretudo se refere a uma prática de engajamento, muitas vezes colaborativa, e que envolve um senso de urgência. Dessa forma, o ativismo é o meio pelo qual as pessoas buscam integrar novas redes, conectar práticas distintas e proporcionar um novo sentido ao mundo (Vilela et al., 2021).

Desse modo, o consumo ativista é entendido como um movimento social cujos esforços visam transformar certa ordem social em torno do consumo - visando a inclusão de grupos não representados, e dos discursos publicitários do *marketing* - que priorizam os anseios e as características do público dominante (Kozinets & Handelman, 2004; Holt, 2002; Kozinets, 2002a; Thompson, 2004; Thompson & Troester, 2002). As ativistas se pautam em ideologias de vida, que existem atrelados a um forte contexto histórico, e as suas lutas são em busca de significados, de uma maior representatividade e, por consequência, intentam uma ocupação em espaços que ainda não são ocupados (Holt, 2002; Kozinets, 2002a; Thompson, 2004; Troester, 2002).

O consumo ativista é constituído por práticas de consumo não normativas, que fogem ao padrão dominante. Essas práticas são características de consumidores que agem de modo coletivo, que legitimam as suas ações de consumo até como uma forma de lidar com as tensões existentes, por estarem e agirem fora do padrão socialmente estipulado. Em suas práticas, esses consumidores revelam estratégias desenvolvidas para afetar a lógica do mercado e, a partir delas, esperam abrir espaço para suas diferenças, o que termina por afetar os discursos e a prática do marketing (Ndichu & Upadhyaya, 2018).

O movimento ativista parte de um grupo engajado, dispõe de objetivos e aspirações, portanto, questionam a moral, a ética, o contexto histórico e sobretudo as ligações sociais que os serviços ou produtos possuem. Como se pautam em ideologias, precisam de critérios e autodisciplina para que os seus objetivos sejam alcançados, que é o de uma representatividade efetiva e ética (Kozinets & Handelman, 2004). Tais características se estendem ao consumo

ativista engloba dos mais variados movimentos sociais de reivindicação (Ndichu & Upadhyaya, 2018).

Os momentos de consumo das práticas ativistas recorrentemente se dão apoiados na estética política como uma forma de empoderamento (Berth, 2019). Assumir essa estética materializa suas pautas e, naturalmente, busca apoio na moda. Linke et al. (2021) esclarecem que a moda se caracteriza como um fenômeno que simboliza a cultura e os princípios de uma sociedade, sendo utilizada como um meio de diferenciação tanto pelas classes sociais como também pelos indivíduos. Os autores esclarecem que a moda e a publicidade são os sistemas que mais diretamente operam na atribuição da individualidade, produzindo sentidos que apoiam a materialização das identidades.

Assim, embora o empoderamento se faça presente na grande maioria dos movimentos de reivindicação, no ativismo negro ele é especialmente praticado pela estética política, tendo em vista que o racismo se exerce especial e violentamente por meio do menosprezo das características fenotípicas da negra e de sua aparência (Berth, 2019). Contudo, como menciona a autora, o empoderamento é um termo complexo e, sendo o objeto do nosso estudo, nos aprofundaremos na temática no tópico a seguir.

2.3 Empoderamento

Nesse tópico abordaremos o empoderamento. Iniciamos por seus significados mais comuns, seguindo para sua historicidade e por fim, o classificamos como um centro de poder, evidenciando como ele pode ser entendido como um dispositivo.

2.3.1 O que se fala de empoderamento

O termo empoderamento possui muitos sentidos. O empoderamento conquistou notoriedade em meados da década de 1960, quando movimentos sociais contra o sistema de opressão e movimentos de libertação e contracultura entraram em vigor, nos Estados Unidos. A partir de então, passou a ser utilizado como sinônimo de emancipação social (Hermany & Costa, 2009). O termo passou a constituir as lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e nos ideais da "ação social" existentes nas sociedades dos países desenvolvidos no período (Baquero, 2012).

Nos anos 1970 que o empoderamento se expandiu, passando a constituir os sentidos dos movimentos de autoajuda sendo, nos anos 1980, utilizado pela psicologia pública. Na década de 1990 recebeu o impulso de movimentos que tinham por objetivo comunicar o direito da

cidadania sobre diversos setores da vida social, entre as quais podemos citar o exercício médico, a educação em saúde e a política (Baquero, 2012).

Berth (2019) e Kleba & Wendausen (2009) afirmam que o significado de forma literal é: “dar poder ou capacitar”, podendo significar aquisição de liberdade e de poder para agir de acordo com os seus próprios interesses e vontades. Porém, o termo vem ganhando outras conotações e se tornando uma expressão complexa, distorcida e sobretudo, incompreendida. Em vista disso, Berth menciona que o termo está sendo muito criticado, por ser utilizado de uma forma esvaziada de sentidos e sem compromisso com sua função inicial.

Gohn (2004) discorre sobre dois significados que, em geral, o empoderamento pode apresentar. Quando usado como verbo transitivo, empoderar significa dar poder a outro ou compartilhar poderes, o que implica que alguns profissionais detêm poder sobre os outros. Então, quando se fala que é necessário empoderar aquele indivíduo ou aquele grupo, se fortalece a ação de um indivíduo ou instituição sobre aquela outra pessoa ou comunidade, que nesse caso, são julgados como incapazes de sua própria ação de poder (Baquero, 2012).

Para Gohn (2004), quando é usado como verbo intransitivo, o empoderamento corresponde a um processo no qual as pessoas adquirem relevância e domínio sobre as suas vidas, tornando-se empoderadas. Nesse segundo uso, o termo inclui tornar outros capazes ou contribuir para que os outros desenvolvam competências e assim, obtenham poder por seus próprios esforços. Para Baquero (2012), como os indivíduos ou instituições não podem dar poder a ninguém, apenas podem os tornar capazes de desenvolver as suas habilidades para conquistar o poder/autonomia sobre as suas vidas.

Logo, de acordo com Berth (2019), o empoderamento deve ser considerado como uma postura de enfrentamento à opressão visando o combate às injustiças e à situação que as promove. Desse modo, o empoderamento se refere a um processo dinâmico que envolve movimentos e ações e, para algumas abordagens, significa aumento de poder, pois, ao se oportunizar com que grupos silenciados melhorem sua condição de vida, conseqüentemente, se promove a autonomia desses grupos, o que lhes dá poder (Kleba & Wendausen, 2009; Vasconcellos, 2003; Silva & Martínez, 2004).

O empoderamento não é um movimento apenas individual, dependente da habilidade das pessoas em conquistarem o conhecimento e o comando sobre forças pessoais (Baquero, 2012), pois, segundo León (2001) isso acabaria por separar as pessoas do contexto político que o empoderamento representa. O empoderamento é uma ação do coletivo, sendo necessário, portanto, a junção de várias pessoas que apresentem algo em comum. De acordo com Berth (2019) indivíduos empoderados estabelecem um grupo empoderado, para tanto é necessário

que esses indivíduos estejam em plena consciência do seu eu social, do seu papel como sujeito e conseqüentemente, das implicações de suas condutas. Com isso, eles se empoderem para poder agir no coletivo (Kleba & Wendausen, 2009).

Independentemente do arcabouço teórico ou dos sentidos que o empoderamento adquire, o poder é reconhecido como o aspecto central para o processo do processo (Kleba & Wendausen, 2009). Batliwala (1997) identifica que o poder se refere ao controle sobre bens materiais, recursos intelectuais e ideologias, incluindo conhecimentos e convicções; já o controle sobre a ideologia se refere a habilidade de conceber, disseminar e fortalecer conjuntos característicos de crenças, valores e comportamentos.

Por envolver o poder, o processo que o empoderamento tem se tornado esse objeto de interesse de vários campos de conhecimento, como, por exemplo, a administração, economia, saúde, política, marketing etc. tornando-se alvo de debate conceitual, e se aplicando aos mais variados espaços de ação social. Também por isso, os sentidos do termo são amplamente capturados por agentes sociais, tais como como governos, organizações da sociedade civil, agencias de desenvolvimento, com a finalidade de modificar a vida de indivíduos e de comunidades (Horovhovski & Meirelles, 2007).

Assim, mesmo que o empoderamento se refira a prática de habilitar grupos silenciados, por ser um objeto de poder e, conseqüentemente de disputa, ele pode ser exercido como ferramenta de dominação, ou seja, estabelecendo um maior domínio para alguns grupos e instituições, os quais preservariam as preferências ou assumiram as prerrogativas dos seus interesses (Kleba & Wendausen, 2009).

Berth (2019) nos alerta sobre dois aspectos: a relevância de elaborar uma consciência crítica e o perigo da produção de um empoderamento esvaziado de sentidos, pois de acordo com a autora, embora seus significados sejam variados e abrangentes, o empoderamento deve ser visto como um processo dinâmico, construído historicamente e sempre atrelado à noção de poder, portanto, podendo se prestar ao reforço do sistema opressor (Souza; Leite & Batista, 2018, p.41).

Enfim, em seu sentido literal, empoderar significa lutar pelo direito e/ou a capacitação para conquistar o poder, ou seja, se entende o poder que pertence a um lado dominante e pode ser adquirido como sendo uma propriedade (autonomia) pelo lado oprimido (Monahan, Phillips & Wood, 2010), se esse for capacitado para isso. Contudo, para Foucault (2009) o poder não é da esfera da dominação e sim é algo relacional, micro, não sendo propriedade de ninguém.

Com base no filósofo, podemos dizer que o poder apenas se exerce, é disputável e operacionalizável. Com base nisso, Monahan, Phillips e Wood (2010) entendem que o

empoderamento no sentido comum do termo é algo impossível de atingir, pois constitui uma luta constante, sendo melhor classificado como um processo imerso numa rede de forças díspares que atuam recorrentemente e em conjunto. Nessa luta, os agentes se apropriam de seus sentidos para os mais variados fins, logo, o empoderamento torna-se um objeto disputável.

É nesse sentido que propomos considerar o empoderamento como dispositivo. Embora o termo seja usado, na grande maioria dos casos, com objetivo de propor uma libertação, ou seja, com ênfase nos interditos ou impedimentos, como antecipamos, embasados no pensamento de Foucault (2009), propomos fugir dessa ênfase majoritária e apreender a operacionalização do dispositivo.

No próximo tópico evidenciamos o empoderamento como uma prática, sendo o termo disputado em seus sentidos por diversos agentes no meio social.

2.3.2 O empoderamento: uma experiência, uma prática e um objeto disputável

O empoderamento possui uma etimologia complexa e uma longa história prática atrelada aos movimentos de inclusão social. Porém, para além do discursivo e seus sentidos, o empoderamento é também uma prática, pois envolve ações de agentes embasadas nessa retórica que conquistou popularidade e que opera nos contextos em que a autodeterminação e a autonomia de escolhas são considerados valores legítimos e primordiais. Desse modo, o empoderamento é também uma experiência pela qual indivíduos constroem um entendimento de si mesmo e de sua condição nos espaços sociais (Araujo & Nogueira, 2019).

Assim, o processo de empoderamento pode ser visto como uma prática social, pois nele se engajam agentes e suas performances, bem como a produção e o uso de significações (Warde, 2005). Assim, envolve a possibilidade de ação mais um discurso carregado de sentidos e utilizado para diversos fins políticos e econômicos em contextos em que existem excluídos ou injustiçados, ocorrendo nos cotidianos sociais de relações de trabalho, de amizade, de compra e até mesmo em atitudes cidadãs. O empoderamento, sob esse prisma, pode ser visto como um fenômeno cultural (Morley & Floridi, 2020), mas também como um dispositivo, pois incorpora a relação de uma rede de forças heterogêneas, que organizam, em determinado momento histórico, uma racionalidade, essa obedecendo à sua função estratégica (Foucault, 2009).

Para além da apropriação do termo pelas mais diversas disciplinas, o *marketing* utiliza o empoderamento como um objeto de desejo para atrair os consumidores. Bayone & Burrowes (2019), analisam que as marcas o utilizam para melhorar sua imagem e atrair consumidores; Horovhovski & Meireles (2007) entendem que isso é feito por meio de promessas de liberdade

e mudança de vida dos grupos. Contudo, não podemos esquecer que consumidores se engajam voluntariamente, possuem seus próprios interesses (que são sociais), e que ao buscarem uma representatividade, constroem narrativas de identidades nas práticas de consumo (Arnould & Thompson, 2005) e produzem sentidos para si e para as marcas, que nem sempre são os desejáveis. Como afirmam Cotas e Souza-Leão (2019), os estudiosos do campo deveriam estar mais atentos às práticas desse agente, especialmente em meio às transformações dos avanços tecnológicos.

Dessa forma, o empoderamento, considerado um centro de poder, é capaz de estabelecer uma rede entre um conjunto de elementos heterogêneos, envolvendo práticas cotidianas: discursos, instituições, regulações, proposições, produzindo um tipo de formação que segue uma racionalidade (Foucault, 2009). Essa, certamente, possibilita desvelar como se dá o empoderamento no consumo. Salientamos que, para o filósofo, tal relação se dá em forma de um jogo, pois os elementos envolvidos mudam de posição e de função, definindo a natureza de sua relação.

Nossa inspiração para o uso metodológico do dispositivo se deu em Braga (2018, p.81; 2020), que se apoiou na noção de dispositivo foucaultiano para “aprofundar seu exercício heurístico no campo comunicacional”. No próximo tópico aprofundamos seu entendimento.

2.3.3 O funcionamento do dispositivo

Braga (2018, p.84) revisou minuciosamente o entendimento de dispositivo foucaultiano, definido que sua construção não se deve apenas a uma revisão dos discursos anteriormente vigentes, pois se trata de “uma realidade que foi elaborada pelo arranjo entre os discursos, as práticas concretas, as experimentações selecionadas”. Assim, o dispositivo se caracteriza, antes de tudo, por ser uma relação de forças. Segundo o autor, existem macro e microdispositivos, arranjos que se constituem como um conjunto disposicional (de dispositivos), cada um com seus arranjos específicos e objetivos estratégicos, atuantes em situações sociais sincrônicas e diacrônicas. Para ele é impossível demarcar objetivamente suas fronteiras e seus elementos heterogêneos, por isso sugere que isso fique a cargo do enfoque e problema elaborado pelo pesquisador.

Nesse contexto, o dispositivo aparece como realidade concreta na instância social e, apesar de gerar a impressão de que as regras determinam o arranjo, ao contrário, é o arranjo quem as elabora, sendo ele o seu centro. Baseado no entendimento de que “a comunicação se encontra na base de todo e qualquer arranjo disposicional”, o autor propõe um dispositivo que

se perceba como interacional e constituinte do próprio problema, ou seja, com isso ele busca evidenciar a potencialidade heurística do modelo foucaultiano para estimular a analítica de diversas situações sociais (Braga, 2018, p.91).

Assim, inspirados por sua proposta, procuramos entender a experiência/prática do empoderamento como sendo um dispositivo, por envolver várias linhas de força, como por exemplo: as vozes e vivências dos vitimados ansiosos por reconhecimento; os discursos do mercado que nessas demandas se apoiam, constroem discursos de valor e fazem promessas; a moda com suas propostas estéticas; um consumidor que constrói sua identidade pelo consumo; a opinião pública; os estudiosos e a mídia em geral; as diversas políticas públicas do governo que nele se apoiam e um corpo que se presta para a inscrição do “acontecimento”³.

Com isso, se as ideias que fundam o empoderamento enquanto objeto discursivo e não discursivo são sustentadas por um regime de verdades, e tais verdades são frutos de uma produção, tanto elas possibilitam o exercício do poder, como são produzidas na intrínseca relação entre as técnicas de saber e os mecanismos de poder (Foucault, 2009). Para o autor, a produção da verdade é fruto da submissão do saber ao poder e, portanto, a “verdade” é que legitima e viabiliza práticas como as de segregação, de monitoramento e vigilância, e de gestão da vida e dos corpos. Assim, o que entendemos por verdade é fruto de uma relação histórica que o saber produz consigo mesmo, sendo construída tanto nos discursos científicos, como a partir das regras que, em determinada sociedade, produz formas de subjetividade, domínio de objetos e tipos de saber.

No próximo tópico, para uma melhor compreensão acerca do que é um dispositivo e todas as relações que envolvem esse campo de força, nos aprofundaremos nos conceitos centrais do pensamento foucaultiano.

2.4 O dispositivo foucaultiano

Foucault se aprofundou em três ciclos teóricos, no qual se voltou para o entendimento da história da verdade. Em seu primeiro ciclo o autor estudou os jogos de verdade na ordem do saber, no segundo, na ordem do poder e no terceiro na relação do indivíduo consigo mesmo e na constituição de si mesmo como sujeito. Assim, a história dos jogos de verdade envolve além da historicidade, a vontade de verdade e as políticas de verdade (Castro, 2009, p. 4221)

³ Acontecimento é um conceito foucaultiano. Segundo Candiottto (2007) Foucault entende que a verdade não se dissocia da singularidade do acontecimento. O que entendemos como sendo verdadeiro é produzido como acontecimento em determinado tempo e espaço.

Quando a problemática do poder (segundo ciclo) emerge na análise da episteme (primeiro ciclo) e ganha ênfase, Foucault trabalha o conceito de dispositivo e o define como o ponto de ligação entre elementos heterogêneos, sendo “a episteme a parte meramente discursiva do dispositivo” (Thiry-Cherques, 2008, p.222). Segundo Castro (2009, p.124), Foucault introduz “o conceito do dispositivo como objeto da descrição genealógica”, tem um caráter metodológico em seu segundo ciclo teórico. O primeiro ciclo se referiu aos saberes e sua relação e as regularidades que individualizam as formações discursivas (Foucault, 2009).

Para além da episteme (objetivo arqueológico), o dispositivo também envolve o não discursivo, as normas, decisões administrativas, instituições, organizações, aspectos morais e sempre se constitui em torno de uma necessidade, um momento característico ou objetivo estratégico, pois o dispositivo sempre se forma respondendo a uma urgência (Foucault, 2009). Assim, o dispositivo é caracterizado como uma rede de forças em que a própria natureza estratégica, sua gênese, presume que essa rede esteja em constante reconfiguração (Franco & Leão, 2019), Foucault analisa vários dispositivos ao longo de seu estudo, como prisões, hospitais, asilos, sexualidade etc., se interessando em como as forças agem entrelaçadas, em forma de rede.

Chignola (2014) elucida que as análises do filósofo tratam o dispositivo como construções históricas, porém não se trata do universal, pois cada dispositivo simboliza o estabelecimento mútuo de forças. Como efeito de sua ação, o que é definido por sujeito e verdade são processos de subjetivação ou objetivação próprios da combinação que se desempenha entre eles. Logo, o dispositivo é um modo ou forma na qual se executa a pluralidade de acordo com as suas próprias características, que os diferencia um dispositivo de outro. O dispositivo como ferramenta foi de interesse de vários estudiosos que fizeram suas próprias propostas de uso.

Agamben (2015, p.13), por exemplo, avalia o dispositivo foucaultiano, caracterizando-o em três pontos: é um conjunto heterogêneo de componentes, que inclui tanto linguístico como não linguístico, como as instituições, as leis e regras, os discursos, medidas de segurança, e a própria rede que se determina entre esses componentes; possui uma função estratégica que se embasa em relação de poder e é responsável por sua operação; e por fim, o autor conclui que o dispositivo é uma amplitude, inclui a episteme e o que se consente especificar como científico e não científico. Esse olhar leva o autor a propor e a convidar o leitor a entender “[...] uma geral e maciça divisão do existente em dois grandes grupos ou classes: de um lado os seres vivos (ou as substâncias) e de outro os dispositivos nos quais estes estão incessantemente capturados”.

Para Deleuze (1996) o dispositivo é caracterizado como linhas de força, mas também é composto por outros elementos, como linhas de visibilidade, de enunciação, linhas de brecha, de fissura, que sempre se misturam, se encontram no processo ou até mesmo se formam umas pelas outras por meio das modificações existentes no seu agenciamento, o autor ainda afirma que esses dispositivos sempre aparecem envolvidos em outros dispositivos. E o que vai definir os dispositivos é a novidade e a criatividade que eles detêm, e é essa característica que marca ao seu tempo, sua habilidade de se transformar ou se rachar em função de outro dispositivo. Segundo o autor, o dispositivo é como uma espécie de rede multilinear, composta por linhas de essência diferentes, que não são homogêneas, que seguem em direções diferentes, e que em certos momentos se afastam e em outros se unem, mas estão sempre se transformando. Dessa forma, tanto o visível, o enunciável, as forças, os sujeitos não possuem formas determinantes, pois saber, poder e subjetividade estão em constante movimento.

A proposta de Braga (2018; 2020), na qual nos inspiramos e como já antecipamos, se apropria do entendimento conceitual do filósofo, e apenas propõe aprofundar a possibilidade do exercício heurístico da ferramenta, nos parece dar conta de entender o empoderamento como dispositivo. O autor propõe aplicar essa ferramenta ao campo da comunicação e, assim, entender a existência de dispositivos interacionais. Sua compreensão de marco e microdispositivos, que existem entrelaçados em situações sociais sincrônicas e diacrônicas e, cada um, com seus arranjos específicos e objetivos estratégicos, fortalece nossa proposta.

Assim, o poder analisado em rede pelo dispositivo se revela um instrumento ou uma arma que se presta para os mais variados conflitos (Foucault, 2003). Essa importância se deve a sua intrínseca relação com a verdade, pois para o autor não existe verdade sem o poder, pois ela é fruto de uma produção (Foucault, 2009).

Foucault (2009) analisa que cada sociedade possui seu regime de verdade, suas políticas de verdade e os tipos de discursos que são apoiados e funcionam como verdadeiros. São os mecanismos de poder e as instâncias de atuação que possibilitam a diferença entre o que se entende por falso e por verdadeiro. É essa rede múltipla de relações de poder que transpassam e constituem todo o corpo social. Assim, um dispositivo compreende um jogo de conexão de forças em que o incorreto e o verídico se determinam como decorrência de uma formação de verdade. Dispositivos, desse modo, contribuem para constituição de sujeitos e de verdades, e tem por responsabilidade a divulgação de mensagens e de convicções (Revel, 2005).

Foucault (2009) discorre sobre como essa relação do poder produz discursos de verdade, e que todo exercício de poder ocorre apoiado numa manifestação de verdade. Assim, não existe poder sem os discursos de verdade funcionando e agindo dentro e a partir desta dupla

existência e, segundo o autor, somos submetidos pelo poder à formação da verdade. A verdade, portanto, se refere a um estatuto, possuindo uma função tanto econômica quanto política da qual ela se encarrega.

Candiotto (2006) esclarece que a verdade se refere a um corpo de conhecimento profícuo, mas não se relaciona indispensavelmente a natureza científica, mas ao que suscita distinguir o verdadeiro do falso, precisando para sua ação de uma prova material, a que Foucault chama de aleturgia. E é nas práticas sociais que Foucault identifica os efeitos de verdade e as estratégias nas quais as relações de poder se fundamentam racionalmente e produzem os sujeitos como uma forma-efeito desse jogo. Assim, as condições que estabelecem os jogos de verdade se devem ao modo como esse sujeito se torna essa forma, o que diz respeito ao modo como se torna objeto de determinada relação saber-poder (Foucault, 2003).

Assim, entender o dispositivo como modelo analítico requer que tratemos como Foucault busca o poder em sua relação dinâmica de composição junto ao saber. Aliás, sua proposta analítica se centraliza na inter-relação entre saber-poder e resistência (Foucault, 2009), abordadas no próximo tópico.

2.4.1 O dispositivo e a relação saber-poder-resistência

Como vimos, Foucault (2003, p.253), o poder é um sistema constituído por elementos heterogêneos, mas “[...] o poder não é nem fonte nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder [...]”.

O autor nos indica que seu estudo sobre o poder como algo relacional foi portador de cinco precauções metodológicas:

[...] em vez de orientar a pesquisa sobre o poder no sentido do edifício jurídico da soberania, dos aparelhos de Estado e das ideologias que o acompanham, deve-se orientá-la para a dominação, os operadores materiais, as formas de sujeição, os usos e as conexões da sujeição pelos sistemas locais e os dispositivos estratégicos. É preciso estudar o poder colocando-se fora do modelo do Leviatã, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição estatal. É preciso estudá-lo a partir das técnicas e táticas de dominação. Esta é, *grosso modo*, a linha metodológica a ser seguida e que procurei seguir nas várias pesquisas que fizemos nos últimos anos a propósito do poder psiquiátrico, da sexualidade infantil, dos sistemas políticos, etc. (Foucault, 2009, p.186).

Desse modo, o poder discutido no segundo ciclo foucaultiano se desenvolve de uma forma bem específica, pois para Foucault (2009) o interesse em conduzir os estudos sobre o poder é a compreensão de como ele se exerce e não como ele se manifesta. Nesse contexto, o autor discorre que onde há poder ele se exerce e ninguém é verdadeiramente o seu proprietário. Isso se dá porque Foucault entende o poder como uma exterioridade, ele não é uma substância ou uma característica e por isso ele não é algo que se possui, o poder é uma forma de relação. Além disso o filósofo aponta o poder como funcional, ou seja, ele só se exerce com algum objetivo.

Uma outra característica do poder que Foucault aborda é sobre os efeitos do poder e a noção de repressão que o cercou em suas análises no segundo ciclo, pois para o autor, a ideia de repressão é inadequada, pequena e até mesmo perigosa para dar conta de tudo o que existe de produtivo no poder, pois ao analisar o poder pelo conceito de repressão, se é possível identifica-lo como uma lei do “não” e se o poder se limitasse apenas ao não, ele não teria a força que tem em nossa sociedade, muito pelo contrário, o que permite que esse poder seja aceito e se mantenha é que ele é muito além dessa repressão, ele se reproduz e produz coisas, ele não limita os saberes, mas os produz, ele induz ao prazer, ao desejo, ele forma discursos. Ou seja, para além de uma “lei do não” o poder é uma rede produtiva e que perpassa por todo o corpo social (Foucault, 2009, p. 8).

Enfim, para que o poder se exerça, é necessário a presença do saber. Foucault (2009) afirma que o saber e o poder mantêm uma relação indissociável que estrutura as suas existências, e essa relação de reforço recíproco sempre servirá como base de análises. Essa indissociável relação acontece da seguinte forma: o poder se exerce por meio de saberes, e ao se apoderar deles, em seu exercício concebe novos saberes. Portanto, podemos entender que poder é disputável e o saber é apropriável. O saber como algo que já foi dito é adaptável já o poder sendo exercido com algum objetivo, é planejado. A partir dessa relação os enunciados se manifestam como saberes álibis das forças.

Candiotto (2007, p.207) esclarece que “o saber diz respeito somente aos procedimentos e efeitos de conhecimento aceitáveis num momento e domínio definidos; o poder concerne aos mecanismos específicos e estratégicos suscetíveis de induzir comportamentos ou discursos”. Assim, quando Foucault discorre sobre o saber, ele não está falando apenas de um conjunto de conhecimentos, pois por soma de conhecimentos se espera uma posição de verdadeiro ou falso, coerente ou incoerente, exatos ou aproximados e nenhuma dessas definições são oportunas para caracterizar o saber.

O saber é um conjunto de elementos que sucede de uma relação entre aquilo que é visível e anunciável e formado no campo de uma construção discursiva (Foucault, 2000; 2017). O saber constitui a episteme, objeto de análise do primeiro ciclo, e sendo o discurso uma prática, ele “é um conjunto de enunciados” (Thiry-Cherques, 2008, p.224). Segundo o autor, o que dá forma e característica ao discurso é o enunciado, um conceito amplo, que é considerado unidade do discurso, mas seu conjunto é o que gera o saber. Esse deve ser compreendido na individualidade do acontecimento, na sua correlação com os outros e com as ordens não discursivas. O enunciado não é oculto (pois é pronunciado) nem visível de imediato (se esconde ao se cruzar com a estrutura dos significantes e dos significados).

Assim, para Foucault (2000), o saber deriva da relação entre dois regimes: o visível e o enunciável, o que foi dito e o que ainda se pode dizer, que se relacionam. O autor entende que o visível diz respeito ao discurso cristalizado, um processo modelado pelo discurso – o que se pode ver e capturar nas práticas sociais. O enunciável corresponde ao que é materializável, o que solidifica o discurso e dá forma a realidade – é o que se pode falar sobre o que se vê. Portanto, para que a formação do saber venha a acontecer, é necessário que se dê atenção, além das práticas, aquilo que está enunciável, o dito, pois o autor demarca uma grande distância entre o que se vê e o que se fala sobre o que vê.

Para além de levar em consideração essas duas práticas (visível e enunciável), é necessário que se observe como funcionam juntos o entrelaçado de práticas discursivas (saberes) e não discursivas (poderes), uma vez que elas se apoiam e se reforçam mutuamente (Castro, 2009).

Contudo, para Foucault (2009) o poder só se exerce com liberdade de ação, é da ordem da relação, e sempre promove resistência. A resistência é para Foucault uma criação, visto que produz estratégias de dessujeição, desvela as rachaduras do poder e proporciona a dinamização do ambiente relacional. Isso porque, como dissemos, o poder não é da esfera da dominação, ou reinvidicação de algum direito, mas são da ordem da luta e das estratégias. O autor afirma que as lutas no contemporâneo são primeiramente contra as formas de sujeição, e estão ligadas a uma questão: “quem somos?” Segundo ele, tal questão se refere às violências praticadas pelo Estado político e econômico que fecha os olhos para as nossas individualidades, que querem firmar as nossas identidades.

Essas lutas contemporâneas nos mostram que essas relações de poder estão sempre se confirmando em nossa busca para nos constituirmos sujeitos. Para o autor o sujeito é uma forma, uma subjetividade. Para Foucault (2003), nenhum indivíduo é passivo, alienado, ou autônomo, pois sendo o poder relacional, ele só se exerce em um contexto de liberdade. Nos

processos de sujeição é o indivíduo que se identifica e nele se inscreve e, em processos de subjetivação, ele pondera como lhe cabem as normas (Foucault, 2009, 2014). Logo, é desse modo que os acontecimentos históricos possibilitam a construção de jogos de verdade, os dispositivos de poder legitimam essas verdades, e ela se inscreve nos corpos mediados por processos de subjetivação (Birman, 2002).

No próximo tópico exploramos essa questão.

2.4.2 Processos de sujeição e subjetivação

Que podemos fazer de nós mesmos a partir daquilo que fizeram de nós? (Candioto, 2020, p. 323).

Os trabalhos de Foucault sempre se basearam na problemática do sujeito, assim como destacado por ele: “não é, pois, o poder, mas o sujeito o que constitui o tema geral de minhas investigações” (Foucault, 2003, p.223). Porém a problemática do sujeito envolve uma abordagem histórica que perpassa pela questão da subjetividade, pois para Foucault o sujeito é uma forma; mas, como forma, também está em constante mutação. Assim, a questão do sujeito ou da história do sujeito para Foucault sempre se baseou nos modos de subjetivação (Castro, 2009).

Mas, falar em constituição de sujeito é tratar dos processos de sujeição e de subjetivação. Contudo, antes é preciso esclarecer como Foucault (2000) entende que o poder nas sociedades modernas se exerce. Para o autor, o poder assume a forma da norma e seu exercício se configura em duas modalidades: disciplina e normalização, operações que se dão interligadas desde o século XVIII, o que envolve a biopolítica (Foucault 2008c). A norma é um poder disciplinar que opera no corpo individual por meio da sujeição. O processo acontece por identificação e inscrição dos indivíduos com ele e, as práticas de sujeição de populações ocorrem na produção de identidades coletivas biopolíticas. A biopolítica regula a população (Foucault, 2009b).

A biopolítica surge nos estudos do filósofo na sua análise do neoliberalismo (Foucault, 2008b), sendo entendida como um ajuste que se estabeleceu entre o corpo vivente da população e os processos econômicos, e indicado como uma característica do poder moderno. Segundo Costa (2015, p. 67) “o poder sobre a vida é, então, entendido como biopoder e toda a tecnologia de poder que foi operada sobre a vida e os corpos ele denomina de biopolítica”.

Dessa forma, o sujeito não aparece nas problemáticas de Foucault como instância de fundação, mas como efeito de uma constituição. O que envolve os modos de objetivação e subjetivação. O autor entende que os modos de objetivação e subjetivação se desenvolvem de forma mútua, são interdependentes. Os processos de objetivação acontecem a partir da normalização disciplinar, sendo operados por meio da vigilância e da punição que são dispostos e, conseqüentemente, aceitos por meio das relações saber-poder que configuram o que se tem por verdades (Foucault, 2003).

Foucault (2003) define os processos de subjetivação como as práticas pelo qual o indivíduo se reconhece sujeito, o que envolve a dimensão moral e processos éticos, propiciando desvios da norma, pois tende a se distanciar das malhas de saber-poder que fixam identidades, promovendo uma não conformidade, embora não seja possível se desvincular totalmente da lógica posta. De fato, não é possível se libertar completamente da lógica que rege as sujeições, mas para o autor, todo poder envolve a resistência, o que possibilita se desviar dessas verdades, e as saídas encontradas configuram os processos de subjetivação.

Isso é possível pois todo exercício do poder se dá a partir do saber e sua operacionalização gera saber e resistência; essa não é da ordem do confronto, mas da criação (Foucault, 2009b), pois são estratégias que produzem a dessujeição. Costa (2015, p.88) explica: “quando a vida é apropriada pelo capital, ela sempre reage, sendo essa uma forma de relação constante, mutuamente produtiva e constituinte da dinâmica social de nossas formas sociais”. Segundo Costa, para Foucault a resistência é desvelada numa luta ética e sempre se opõe ao conjunto de regras morais vigentes, portanto, perturba a ordem posta ao apontar outra possibilidade.

Candioto (2020, p.330) afirma que “a subjetivação é uma relação entre quem estamos deixando de ser e quem ainda não somos”, portanto, é uma condição que está em processo, pois se deve a um artifício utilizado para escapar das normas, do que a sociedade espera que eles sejam e façam. Assim, podemos entender que a subjetivação se dá conforme os indivíduos buscam conhecer a si próprios. Sendo um processo que presume uma articulação entre a moralidade e o prazer, ele se envolve com o estatuto ético (Foucault, 2010b).

Dessa forma, o pensamento acerca de quem somos e de onde viemos, percorre o estabelecimento da ética, que são característicos às práticas sociais efetuadas em processos frequente de autotransformação. Essas práticas são o que proporcionam a constituição do sujeito, que para Foucault (2009b) é uma subjetividade; se dá a partir das verdades que são integradas e readaptadas, tanto através de discursos que dissemina conhecimento, como pelas agências que direcionam comportamentos. Esse processo configura atitudes para encarar as

forças do poder, e essas atitudes compreende as práticas de resistências que mesmo que não inutilizem o poder, afetam a maneira pelo qual ele é dirigido (Souza-leão; Ferreira & Moura, 2022).

Assim, a subjetividade tem ligação com a ética, com o processo de subjetivação moral e como as práticas de si que são empregadas. Logo, a subjetividade se relaciona com a forma como nos associamos com os elementos e com o mundo e isso perpassa uma conexão momentânea, pois é um processo permeado pela historicidade e é algo que vai se desenvolvendo, já que a subjetividade é constituída mediante a dinamicidade de um contexto de vida, e os indivíduos possuem diferentes posições de sujeito durante a sua existência (Foucault, 2010b).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa possui um caráter qualitativo (Creswell, 2014) e segue uma visão paradigmática pós-estruturalista, se caracterizando pelo exercício permanente do questionamento e da desconstrução de verdades tidas como absolutas (Williams, 2012). Desse modo, adotamos uma abordagem com certo grau de indução, na qual a teoria, a priori, se prestou como uma lente para enxergar o fenômeno e, a posteriori, balizou nossos resultados analíticos, sendo nossas categorias analíticas originadas dos dados do campo empírico (Leão; Mello & Veira, 2009).

O paradigma crítico aqui adotado se embasa nos pressupostos onto-epistemológicos da teoria pós-estruturalista, se pautando centralmente na filosofia de Michel Foucault. A seguir apresentamos os principais pressupostos.

3.1 Fundamentos onto-epistemológicos

Segundo Williams (2012), o entendimento comum desse pensamento está na função - portanto no foco - reconhecida aos limites do conhecimento, ou seja, a verdade existe onde está mudando, alterando o senso estável dos valores reconhecidos. Assim a ruptura é vista como positiva, pois, ao criar rachaduras no poder promove mudanças que são rastreáveis em seus efeitos.

O apoio epistemológico pós-estruturalista nos leva a entender a subjetividade, o corpo, e o próprio dispositivo como uma maquinaria de produção constante, que acreditamos, envolve as práticas cotidianas e as produções sociais, o que se dá bem distante de dicotomias, tal como relações micro e macrosociais; também não entende o sujeito como sendo racional (do iluminismo), nem passivo ou colonizado pelo meio social, pois sendo uma filosofia da prática, não aceita modelos totalizantes ou sistêmicos para demonstrar realidades (Costa, 2015).

Baseados em Foucault (2009; 2017) buscaremos desvelar a interface entre saber-poder e verdade. Assim, como nos propomos a ficar no conjunto crítico (arqueologia), nosso arquivo demonstra como saberes servem aos poderes e são por eles modificados, pois essa intrincada relação descreve “o campo sociocultural no qual um conhecimento toma forma. Saber e poder mantém uma relação de apoio e reforço mútuo, e o sujeito constrói o meio sociocultural e é, ao mesmo tempo, construído por ele. Sujeito e objeto são produzidos nas tramas do discurso” constituído o que se entende por verdadeiro (Costa, 2015, p.113).

O olhar sobre os dispositivos nos ajuda a entender o domínio de objeto, no qual se demarca o que se pode falar sobre ele; as posições subjetivas que servem de suporte para falar sobre ele; um campo de enunciados que revela conceitos; bem como as possibilidades de uso e apropriação desses discursos (Foucault, 2017).

Por fim, a arqueologia (conjunto crítico) não é um procedimento interpretativo, pois Foucault (2017) se interessa pela ordem interna do discurso, a experiência vivida, sua rede de relações e racionalidades internas que institucionalizam verdades. Portanto, as verdades não são fictícias, advém da imanência do acontecimento. Assim, a episteme é uma condição de possibilidade histórica singular e a postura crítica para revelá-la conforma um movimento político de desconfiança, recusa ao poder e de questionamentos sobre as verdades postas (Costa, 2015).

3.2 Seguindo o método da arqueologia

Ao invés da construção do *corpus*, nossa investigação assumiu a formação do arquivo contendo os diversos vestígios materiais da experiência do empoderamento da mulher negra ativista em Caruaru-PE, ou seja, foi constituído pelo conjunto discursivo do dispositivo de empoderamento, o que condiz com a proposta analítica da arqueologia (Foucault, 2017). O arquivo foi composto por dados documentais coletados nas mídias sociais digitais: *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, que envolviam os discursos participantes das práticas de empoderamento, pronunciados por instituições (a marca Estilo AYÔ e o Instituto Cultural *Afroabayomi*), por 5 ativistas locais, e por consumidoras⁴, que respondiam aos mesmos e interagem a partir deles. A escolha se deu pela relevância de sua atuação ativista. O perfil de nosso agente de pesquisa foi, dessa maneira, as mulheres negras ativistas residentes na cidade de Caruaru-PE⁵ que se intitulam como militantes e que são integrantes de movimentos sociais negros. Salientamos que elas (membros das instituições, ativistas e consumidoras) formam uma comunidade, estão em constante troca de informação, que a marca pertence a uma das ativistas e que o Instituto também pertencente a uma das ativistas, comercializa produtos.

Dessa forma, coletamos as suas participações em debates, palestras, *podcasts*, criação, participação e/ou divulgação de eventos, como de coleções de moda e composições artísticas, depoimentos acerca experiências pessoais, entre outros, na forma de documentos disponíveis nas redes sociais online das instituições e das ativistas. Nosso arquivo foi formado por 1.586

⁵ A cidade de Caruaru-PE foi o lócus selecionado, porém as consumidoras que interagem com as instituições e ativistas, necessariamente, podem não pertencer a localidade.

documentos, todos na língua portuguesa, coletados no período de novembro de 2019 a agosto de 2022. No qual nos proporcionou visualizar as ações antes, durante e depois do período da pandemia da COVID-19. Assim a coleta foi composta por uma variedade de dizeres, evidenciou a saturação de dados, propiciando um considerável volume de informações.

Para tanto, utilizamos a coleta de dados multifocais, ou seja, dados de configurações distintas puderam constituir o arquivo e fazer jus à complexidade do objeto desse estudo (Flick, 2009); sendo formado por imagens, textos e vídeos; a condição é de acordo com Costa (2015) conceitualmente adequada com a elaboração do arquivo.

Assim, a decisão em explorar as redes *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* foi tomada por serem algumas das mais acessadas do mundo⁶ e por permitirem o amplo acesso às mais diversas trocas de informações, o que incluíam impressões e sentimentos. A coleta foi distribuída respeitando a frequência de ação das usuárias (vide Quadro 1).

Quadro 1: informações sobre as redes utilizadas para compor o arquivo

Ativistas	Redes	Rede de maior relevância
A1	Instagram, Facebook, não usa twitter	Facebook
A2	Instagram, Facebook, twitter inativo	Facebook
A3	Instagram, Twitter, não usa facebook	Instagram
A4	Instagram, Facebook, twitter inativo	Instagram
A5	Instagram, Facebook, twitter fechado	Instagram
Marcas		
M1	Instagram e Facebook	Instagram
In2	Instagram	Instagram

Fonte: elaboração própria, 2023.

A seleção dos documentos seguiu os seguintes critérios: a) como primeira condição, o conteúdo do documento deveria tratar do empoderamento de negras (imagens e/ou frases que se referiam às ações militantes para isso); b) ser proferido por negras e para negras; c) Ser proferido por participante do movimento ativista negro em Caruaru-PE.

Com isso, entendemos a relevância da escolha do lócus dessa pesquisa: Caruaru, uma cidade do interior de Pernambuco, possuidora de uma cultura elitista ainda bastante marcada por fundamentos eurocêntricos, portanto portadora de processos de ativismo mais agressivos. A condição nos favoreceu com uma riqueza de dados do cotidiano, além de ações coletivas

⁶ Segundo a Oficina da Net, as redes sociais mais acessadas em 2023 (em número de usuários) foram: *Facebook* com 2.9 bilhões; *Youtube* com 2.5 bilhões; *Instagram* com 1.5 bilhão; *Tiktok* com 1.0 bilhão; *Sina Weibo* com 573 milhões; *Kuaishowu* com 573 milhões; *Snapchat* com 557 milhões; *Pinterest* com 444 milhões; *Twitter* com 438 milhões e *Reddit* com 430 milhões. (Dado disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>)

mais organizadas, pois elas são engajadas, se conhecem, interagem, e se envolve em todos os movimentos. Assim, com essa escolha, acreditamos enxergar como o empoderamento se reverbera no consumo de uma forma política e única, o que reforça a potencialidade que o cotidiano possui para compreendermos as práticas de consumo, sobretudo as de empoderamento. Além disso, a partir de uma abordagem crítica esperamos evidenciar que pesquisas em Marketing e comportamento do consumidor podem resultar em pautas sociais e políticas.

Para tanto, utilizamos por método a Análise de Discurso Foucaultiana (ADF) e buscamos desvelar no interior discursivo a sua regularidade (Foucault, 2017). Como a arqueologia é um método filosófico, e nossa proposta visa aplicá-lo nas ciências sociais aplicadas, nos embasamos na sistemática proposta por Souza-Leão e colegas (Costa; Guerra & Souza, 2012; Leão; Ferreira & Gomes, 2016; Leão & Moura, 2018; Camargo & Leão, 2015; Souza-Leão & Moura, 2018) para este fim. Desse modo, seguimos as quatro etapas analíticas da arqueologia: encontrar os enunciados, levantar as funções enunciativas; desvelar as regras de formação e elucidar as formações discursivas, os saberes que sustentam o discurso de empoderamento nesse contexto.

O Quadro 2 apresenta a sistematização realizada por Leão e Moura (2018), no qual evidencia tanto os processos analíticos da ADF, como os conceitos do método e as suas formas de utilização na análise.

Quadro 2: Categorias analíticas da ADF

Enunciados			
Dizem respeito a funções de existência de signos, mas não são redutíveis a esses. Os signos são apenas meios de identificação dos enunciados. Isso porque os enunciados refletem temas concretos localizáveis em certo tempo e espaço. Por outro lado, todo enunciado é portador de certa regularidade e dela não pode ser dissociado.			
Funções enunciativas			
Apontam como os enunciados ocorrem, como “agem”, assim como se relacionam. São baseados em quatro critérios:			
Referencial	Campo Associado	Sujeito	Materialidade
Diz respeito aos objetos e relações que se encontram firmadas ou negadas nos enunciados.	Espaço de saberes que fornece as condições de relações possíveis entre enunciados.	Posição de onde o discurso é emanado, podendo ser ocupada por qualquer indivíduo apto a produzir enunciados.	Indica os meios pelos quais os enunciados são produzidos e passíveis de serem repetidos.
Regras de formação			
Regem como as formações discursivas se estabelecem, a partir das delimitações dos enunciados. Também são baseadas em quatro critérios, análogos aos das funções enunciativas:			
Objeto	Conceito	Modalidade	Estratégia
Deriva das delimitações e	Provém das formas de sucessão, coexistência	Se refere ao estilo utilizado pelos	Diz respeito às concepções

especificações presentes nos referenciais dos enunciados.	e intervenção presentes nos campos associados dos enunciados.	sujeitos dos enunciados ao proferí-los, tendo em vista seu estatuto, localização e situação	estabelecidas por meio da materialidade dos enunciados.
Formações Discursivas			
Sintetizam como os enunciados se constelam em agrupamentos, estabelecidos no tempo e no espaço, estabelecendo suas regularidades em um dado momento e sob certas condições epistêmicas.			

Fonte: Leão, Moura, 2018 (p. 900), baseado em Foucault, 2008a.

3.3 Critérios de qualidade da pesquisa

As pesquisas qualitativas apresentam critérios únicos, de grande exatidão científica, que são aptos a certificar os resultados analíticos, e são identificados por critérios de qualidade da pesquisa. Em nossa pesquisa, nós adotamos os seguintes critérios: **a representatividade do corpus de pesquisa** (Creswell, 2010; Paiva Jr. et al., 2011) foi observada ao maximizarmos a variedade de dizeres na coleta de dados, viabilizando a riqueza de informações, por buscarmos em diversas fontes. Esse aspecto em específico, propiciou a **triangulação de fontes** que de acordo com Denzin (1978) esse tipo de triangulação, a partir dos diversos tipos de fontes utilizados enriquecem o estudo e por consequência evidencia saturação dos dados, atendendo ao critério de construção do corpus (Creswell, 2010; Paiva Jr. et al., 2011).

Além disso, em todas as etapas analíticas contamos com o apoio reflexivo de um pesquisador mais experiente (a professora orientadora), propiciando a **triangulação de pesquisadores** (Denzin, 1978). Já a **reflexividade** foi um critério satisfeito pelo próprio processo realizado: os níveis analíticos retroalimentados pela coleta intermitente e pelo aprofundamento teórico, promoveram amadurecimento da pesquisadora e evitou possíveis vieses interpretativos (Creswell, 2010; Paiva Jr. et al., 2011). E por fim, com a **descrição rica e detalhada** nós procuramos explicar os contextos discursivos e proporcionar a clareza dos processos, visando possibilitar a compreensão acerca do que foi realizado, atendendo à qualidade da pesquisa qualitativa (Creswell, 2010; Paiva Jr. et al., 2011).

Assim, com a devida apresentação dos procedimentos metodológicos dessa pesquisa, bem como os critérios de qualidade utilizados, no próximo capítulo analisaremos os resultados obtidos.

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir, apresentaremos os resultados obtidos e as reflexões efetuadas a partir deles. Para iniciar, apresentamos os elementos que compõem essa análise: enunciados, funções enunciativas, regras de formações e por fim as formações discursivas. Por conseguinte, ao apresentar as formações discursivas, explicitamos as relações existentes entre os elementos, as ilustramos e, em seguida, refletimos a partir dos aspectos da teoria base que fundamenta cada formação.

4.1 Elementos que compõem a ordem interna do discurso

Nesta seção, apresentamos os elementos, cuja relação é constituinte das formações discursivas: os enunciados, as funções enunciativas, as regras de formação discursiva, bem como os critérios utilizados para desvelá-los.

4.1.1 Enunciados

Os enunciados são, para Foucault (2008), funções de existência que pertencem exclusivamente aos signos e, a partir da análise, se torna possível dizer se eles fazem sentido ou não. O autor descreve que os enunciados não são em si uma unidade, mas uma função que atravessa os campos das estruturas e das unidades e permitem que se desvelem temáticas verdadeiras no tempo e no espaço, ou seja, os enunciados se revelam ancorados nos dados empíricos e sempre se prestam à uma função.

Os enunciados não são dispostos individualmente, mas eles mantêm uma relação entre si, que é indissociável. Foucault (2008) discorre que a relação entre enunciados pode existir de forma síncrona, que é quando os enunciados se explicam mutuamente, ou de forma incidente, quando um enunciado só existe porque o outro fundamenta a sua existência. As relações são demonstradas e comentadas mais adiante nesse trabalho.

A análise revelou 18 enunciados, descritos no Quadro 3:

Quadro 3: Enunciados e suas descrições

Cód.	Enunciado	Descrição
E01	A representatividade negra é oportunamente construída nas várias instâncias do cotidiano	Refere-se às várias formas de ativismo cotidianos que recorrentemente incitam a construção da representatividade negra, por reconhecer que ela é vital para o empoderamento e para a normalização de seus corpos, bem como para disseminar a sua potencialidade.

E02	A luta antirracista precisa ser ensinada	Refere-se ao reconhecimento da necessidade de educar as negras para o enfrentamento diário de uma luta antirracista mais efetiva.
E03	A educação antirracista pode ser potencializada	Refere-se ao reconhecimento da necessidade de uma educação antirracista para crianças, dada ainda nas escolas, visando promover uma consciência racial na sociedade de modo mais amplo, uma vez que se torna parte da formação dos indivíduos.
E04	O racismo precisa ser debatido por toda a sociedade	Trata-se do entendimento da urgência do racismo se tornar pauta de amplos debates sociais, para que um dia seja menos violento.
E05	A injúria religiosa é denunciada como crime	Envolve tratar como ato criminoso os variados comentários preconceituosos efetuados contra as religiões de matriz africana e seus praticantes, indicando como se deve reconhecer e proceder diante da situação.
E06	A história da ancestralidade fortalece a pedagogia do respeito	Envolve promover informação para as mulheres negras sobre o passado de seu povo, trazendo a importância de pessoas e lugares, contando uma história anterior a da escravidão, portanto, produzindo um lugar de pertencimento digno. Essa narrativa é indicada para ser utilizado nos argumentos educativos sobre o respeito, feitos para a negra e para a sociedade em geral.
E07	As regras sociais normalizam a violência	Engloba o reconhecimento de que o reforço social constante imputado para diferenciar as identidades não normativas gera violências físicas e psicológicas. Isso resulta em abordagens policiais agressivas e desrespeitosas, humilhações por causa de características físicas, comparações feitas indicando semelhança com animais, tratamentos sociais desiguais, entre outros.
E08	Espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras	Trata-se do reconhecimento de que espaços sociais elitizados e de poder ainda são pouco ocupados pelas mulheres negras, tais como a política, o meio jurídico, educacional, artístico, entre outros.
E09	Aceitar-se como negra é um processo complexo	Trata-se de reconhecer que o autorreconhecimento é o primeiro passo para a autoaceitação, uma vez que, ao se vivenciar uma enorme dificuldade de mulheres negras desenvolverem a autoestima devido aos nefastos processos do racismo estrutural sofridos desde a mais tenra idade.
E10	As negras são tidas como objetos de exploração sexual	Diz respeito às condições que as mulheres negras ainda são cotidianamente submetidas: sendo consideradas como objetos, estão vulneráveis aos variados modos de exploração
E11	As negras pertencem a uma classe pouco favorecida financeiramente	Trata-se do reconhecimento de que a condição histórica promoveu o desfavorecimento financeiro da negra
E12	A estética é um ferramental político	Refere-se ao estilo denominado de moda afro-brasileira adotado por marcas, consumidoras e ativistas, como um símbolo da identidade negra; ele é pautado nos signos da ancestralidade.
E13	As negras se apoiam mutuamente	Refere-se ao apoio constantemente praticado entre as negras, seja de modo jurídico, informacional, educacional, profissional, comercial, moral e/ou financeiro

E14	A religião de matriz africana acolhe e protege	Diz respeito ao significado que o terreiro assume na vida das negras, sendo reconhecido como um lugar de pertencimento, troca e acolhimento: se entende que os orixás protegem e o lugar sagrado estabelece o apoio entre os iguais.
E15	A militância do movimento negro produz expressões artísticas-culturais	Trata-se da propagação da produção criativa negra: envolvendo a confecção de peças artesanais, criações de músicas autorais, poesias, confecções de <i>looks</i> para desfiles, estampas exclusivas, entre outros; sua produção e consumo é endossado pela militância do movimento
E16	Marcas e institutos culturais são comandadas por negras	Se refere a importância do comando institucional de negras para o fortalecimento da representatividade dos movimentos negros/ativismos
E17	As marcas da moda afro-brasileira praticam atendimento respeitoso às clientes	Refere-se aos relatos de clientes acerca do carinho e do respeito que entendem receber das marcas, porque elas assumem em seus discursos a dor que são próprias.
E18	Ascendentes diretas negras são referenciadas	Se refere a um movimento recente de valorização da ascendência direta negra, amplamente disseminada em redes sociais; mães e avós são exaltados como exemplos de ensinamento, beleza, resistência, perseverança e força, sendo inspiradoras para o desenvolvimento de produtos e de coleções de moda

Fonte: elaboração própria, 2023.

4.1.2 Funções Enunciativas

As funções enunciativas são compostas por quatro critérios que as definem e conformam: Referencial; Campo Associado; Posição de Sujeito e Materialidade. A partir desses critérios revelamos as funções enunciativas presentes nesse campo discursivo. No Quadro 4, apresentamos os critérios de funções a que chegamos e as suas descrições.

Quadro 4: Critérios de funções

Referencial		
Ref1	Luta	Aponta para a principal ação das ativistas negras em busca dos seus objetivos.
Ref2	Objetivo	Refere-se aos motivos pelos quais as ações constantes acontecem
Ref3	Conquista	Diz respeito ao principal objetivo em que se deseja atingir.
Ref4	Ação	Diz respeito a necessidade da constância das formas de ativismo.
Ref5	Consumo	Aponta a prática do consumo como uma forma de ativismo e fortalecimento da representatividade e identidade negra.
Ref6	Existência	Refere-se ao entendimento de que as ações constantes propiciam a própria possibilidade de existir.
Campo associado		
Ca1	Mídia	Diz respeito aos saberes presentes nas mídias sociais das ativistas, consumidoras e marcas.
Ca2	Cotidiano	Refere-se as ações constantes feitas em espaços ordinários, sejam eles sociais, profissionais e pessoais.
Ca3	Consumo	Aponta as práticas de consumo de ativistas como uma forma de empoderamento.

Ca4	Terreiros	Refere-se aos conhecimentos compartilhados no terreiro enquanto espaço sagrado de acolhimento.
Sujeito		
Su1	Ativistas	Diz respeito às ações constantes e inspiradoras das negras para o fortalecimento da luta contra o racismo
Su2	Marcas	Corresponde aos discursos publicitários pautados em narrativas antirracistas e/ou signos da ancestralidade negra
Su3	Consumidoras	Refere-se à propagação dos discursos de empoderamento efetuado pelas consumidoras negras que com eles se identificam, se sentido respeitadas e representadas.
Materialidade		
Ma1	Desabafo	Diz respeito aos compartilhamentos de confidências, promovidos pela exaustão de sentir-se menos favorecidas.
Ma2	Denúncia	Refere-se as manifestações de repúdio acerca das injúrias raciais sofridas e da conscientização de que são crimes
Ma3	Alerta	Refere-se às ações das ativistas que envolvem a conscientização da importância de lutar para existir
Ma4	Apoio	Diz respeito as manifestações de fortalecimento mútuo
Ma05	Reconhecimento	Corresponde as formas de valorização dos esforços ativistas cotidianos.
Ma06	Conscientização	Refere-se as várias ações das ativistas objetivando informar/sensibilizar a sociedade acerca do que é ser negra em uma sociedade machista e racista.
Ma07	Enaltecimento	Corresponde as práticas de exaltar as mulheres que são exemplos de empoderamento.
Ma08	Preservação	Diz respeito ao tratamento dado aos espaços de pertencimento como um local de fortificação do movimento.
Ma09	Normalização	Refere-se a pretensão de tornar aceitas as características do corpo negro

Fonte: elaboração própria, 2023.

A relação entre os critérios gerou relações sintagmáticas, propiciando o desvelar das funções enunciativas ao se estabelecer em enunciados distintos. O Quadro 5 evidencia as relações existentes entre os critérios e as funções enunciativas apontadas.

Quadro 5: Funções enunciativas x critérios

	Ref.						Ca.				Suj.			Mat.									
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	1	2	3	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
F01	x	x						x			x	x					x	x					
F02	x			x				x			x								x				
F03				x				x			x	x		x	x								
F04						x	x	x			x					x					x		
F05	x						x	x			x												x
F06				x			x	x			x											x	
F07	x			x			x	x			x											x	
F08	x	x					x	x	x		x	x						x					
F09	x			x	x		x	x			x	x	x										
F10				x			x	x	x	x	x	x	x								x		
F11				x	x		x	x	x	x	x	x	x						x		x		
F12		x	x					x	x	x	x										x		x
F13	x			x	x		x	x	x		x	x	x									x	
F14	x					x		x		x	x							x				x	

Fonte: elaboração própria, 2023.

Como as funções indicam ações no campo discursivo, elas são formuladas com verbos no infinitivo. As funções partem de como os enunciados se dispõem no arquivo, ou ainda, qual a finalidade dos enunciados naquele campo discursivo. Desvelamos um total de quatorze (14) funções enunciativas, dispostas no Quadro 6.

Quadro 6: Funções enunciativas e suas descrições

Cód.	Função	Descrição
F01	Demarcar a necessidade da resistência cotidiana	Revela a corroboração do quão importante é resistir em todas as circunstâncias, como uma forma de balizar a existência.
F02	Evidenciar o potencial da luta coletiva	Refere-se o reconhecimento da importância do apoio da coletividade para a luta contra o racismo
F03	Denunciar a situação social da negra	Manifesta a estigmatização presente na realidade cotidiana das negras, conscientizando a sociedade
F04	Promover a subsistência negra	Diz respeito as ações das negras feitas para negras, com vistas ao apoio e incentivo ao enfrentamento e sustento da comunidade
F05	Elucidar acerca da não normalidade do que é vivido	Refere-se às tentativas de esclarecer as vitimadas acerca das irregularidades do que é cotidianamente vivido
F06	Conscientizar a necessidade de ampliar os debates e/ou a atuação negra	Busca elucidar acerca da carência de conscientização social e, portanto, da necessidade de uma maior atuação negra em prol da conquista de sua representatividade
F07	Educar pela ludicidade	Refere-se as formas criativas encontradas para educar a sociedade acerca do racismo, atingindo um maior público
F08	Reconhecer a força da representatividade	Refere-se a concordância de que ações e discursos efetivamente promovem a representatividade, sendo vital para a luta negra
F09	Incitar o empoderamento das negras	Refere-se as várias formas de apoiar e incentivar o empoderamento das mulheres negras.
F10	Orgulhar-se dos sucessos das negras	Indica o enaltecimento pela ascensão de negras suas carreiras pessoais e profissionais.
F11	Enaltecer ícones do empoderamento negro	Diz respeito à exaltação de representações negras que se prestam como exemplos de empoderamento.
F12	Consagrar a ancestralidade	Trata da importância assumida pelas representações da ancestralidade como fonte de apoio, de fortalecimento, de resistência e de motivação para lutar
F13	Fortalecer a autoestima negra	Diz respeito ao processo difícil, lento e doloroso de construção/fortalecimento da autoestima
F14	Cultivar espaços de pertencimentos	Envolve o valor atribuído aos espaços de pertencimento, bem como a necessidade de preservá-los

Fonte: elaboração própria, 2023.

A seguir, apresentamos as Regras da Formação Discursiva vislumbradas a partir das relações entre enunciados e funções.

4.1.3 Regras da Formação Discursiva

Seguindo por Foucault, as regras de formação se constituem das condições que os elementos das formações estão submetidos, ou seja, as regras são consideradas “condições de existências de uma repartição discursiva” (Foucault, 2008, p.43). Nesse contexto, é possível compreender que os enunciados e suas funções retratam a existência dessas regras e, para que elas sejam reveladas, é necessário partir de quartos critérios específicos: objeto, conceito, modalidade e estratégia, aqui descritos no Quadro 7. Costa (2015, p.97) elucida como se deve encontrar tais critérios:

Para cada formação enunciativa ligada a uma função, nos questionamos sobre: de que objeto de se tratava? Isso porque práticas diferentes formam objetos diferentes; buscamos o conceito no entendimento do que se falava sobre esse objeto, já que os conceitos emergem do próprio discurso como regularidades e coações; a modalidade partiu da reflexão: a partir de onde e de que maneira se enuncia a prática; e a estratégia foi revelada a partir da compreensão da finalidade de falar de determinado objeto, por esse conceito e a partir desse *ethos*.

O campo discursivo em nosso arquivo desvelou 4 objetos, 6 conceitos, 5 modalidades e 5 estratégias. Mais adiante, no Quadro 8, apresentamos como os critérios evidenciaram as regras de formação.

Quadro 7: Critérios de regras de formação

Objeto		
Obj1	Resistência	Diz respeito às práticas ativistas de consumo em busca de saídas possíveis das malhas do poder.
Obj2	Necessidade	Refere-se ao sentimento que embasa a luta das ativistas
Obj3	Vínculo Social	Diz respeito aos laços sociais estabelecidos entre ativistas, consumidoras e marca/instituto no interior do microdispositivo empoderamento.
Obj4	Ideologia	Diz respeito ao princípio em que se pauta as práticas de consumo das ativistas.
Conceito		
Con1	Esclarecimento	Descreve as várias formas de explicar acerca das lutas, motivações, espaços que devem ser conquistados e os seus direitos enquanto sujeitos.

Con2	Consistência	Refere-se a frequência em que as práticas das ativistas sucedem.
Con3	Apoio Mútuo	Diz respeito as ações de apoio e empatia estabelecidas pelas ativistas, marcas e consumidoras, com vistas ao fortalecimento da causa.
Con4	Fortalecimento	Refere-se as ações de fomento do movimento efetuadas por ativistas, marcas e consumidoras.
Com5	Ressonância	Diz respeito a igualdade de condutas que embasam as práticas das ativistas.
Con6	Alerta	Diz respeito a necessidade de alarmar acerca da relevância das lutas e o porquê que elas não podem cessar.
Modalidade		
Mod1	Sustentação	Refere-se as demonstrações de reforço sobre a importância da luta coletiva, feitas através de discursos, ações e produtos
Mod2	Acolhimento	Evidencia as expressões de incentivo mútuo e de acolhimento dadas em várias instancias sociais: profissional, moral, educacional.
Mod3	Criatividade	Refere-se as produções das ativistas com vistas ao fortalecimento da comunidade
Mod4	Moralidade	Evidencia os princípios de comportamentos que são coletivamente aceitos e propagados.
Mod5	Pertencimento	Diz respeito aos espaços que as negras intitulam como espaços de pertencimento e de consagração.
Estratégia		
Est1	Estratégia de luta	Diz respeito às táticas que são utilizadas entre ativistas, marca/instituto e consumidoras a favor das suas causas.
Est2	Força do hábito	Evidencia como as práticas ativistas se tornaram rotineiras e intensas.
Est3	Organização do movimento	Revela uma certa organização presente nas práticas cotidianas das ativistas referentes ao fortalecimento da causa
Est4	Motivação moral	Evidencia que as práticas ativistas cotidianas partem de princípios morais para orientar as suas atuações e propagar a motivação.
Est5	Engajamento político	Diz respeito as ações coletivas entre ativistas, marca/instituto e consumidoras que estimulam a participação visando fortalecer o movimento e adquirir a representatividade.

Fonte: elaboração própria, 2023.

Quadro 8: Regras de formação x critérios

	Obj.					Conc.							Mod.						Est.				
	1	2	3	4		1	2	3	4	5	6		1	2	3	4	5		1	2	3	4	5
R01		x				x					x						x			x			
R02			x					x													x		
R03	x						x		x									x	x				
R04	x			x					x	x										x			
R05		x		x						x									x		x		
R06	x			x				x	x											x	x		

Fonte: elaboração própria, 2023.

Assim, a partir das relações entre enunciados e funções identificamos cinco regras de formações discursivas no arquivo, apresentadas no quadro a seguir com as suas respectivas descrições.

Quadro 9: Regras de Formação e suas descrições

Cód	Regra	Descrição
R01	Verdades historicamente aceitas são incorporadas na rotina	Se refere à luta dada na forma de uma constante prevenção, feita pelas ativistas para elucidar que a norma não deve ser vista como algo natural. A identificação com ela promove a inscrição na sujeição e enfraquece a prática de empoderamento da negra.
R02	A identificação fortalece vínculos morais	Diz respeito a produção coletiva de valores feitas a partir da identificação com pessoas, situações ou injúrias.
R03	O apoio mútuo fortalece a comunidade	Trata de aportes de ordem moral, educacional, financeira etc., dados mútua e recorrentemente entre os membros da comunidade
R04	Verdades historicamente postas são apropriadas pelas resistências	Diz respeito as resistências efetuadas a partir das práticas de empoderamento das negras, no qual ao se desviar das normas, elas constituem novas formas de viver.
R05	A denúncia esclarece e ilumina outras possibilidades	Trata das lutas dada na forma de esclarecimento acerca da não conformidade com as situações ainda vivenciadas, ao mesmo tempo em que produzem possibilidades outras.
R06	O prover possibilita ultrapassar barreiras	Refere-se as ações que visam fortalecer a comunidade a partir da subsistência. Os engajamentos nessas ações promovem uma subjetividade autônoma.

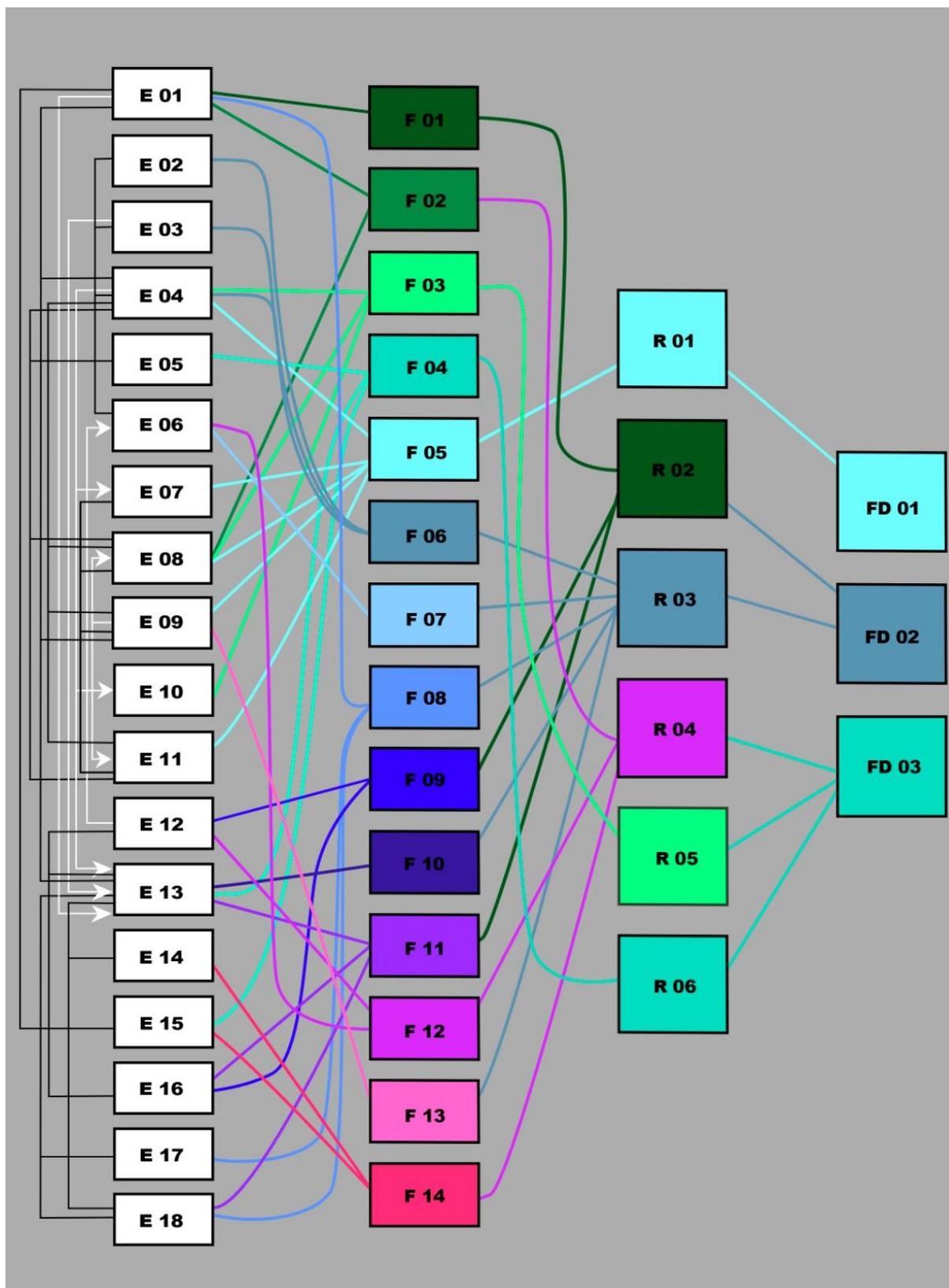
Fonte: elaboração própria, 2023.

4.2 Formações Discursivas

As formações discursivas se revelam a partir das regularidades que são formadas entre os elementos discursivos que compõem a análise, assim como os objetos, enunciados, conceito e objetivos. Quando se evidencia uma regularidade entre eles, é possível afirmar que se encontrou a formação discursiva (Foucault, 2008).

Dessa forma, a relação dos constituintes encontrados no arquivo sucedeu em três formações discursivas: **Os modos de objetivação fortalecem as práticas que dividem** (FD1); **A construção coletiva de valores promove processos de subjetivação** (FD2) e **a ação dada sobre si nas dinâmicas de subjetivação incita o estabelecimento de subjetividades autônomas** (FD3). A Figura 01 mostra o mapa geral de relações, em que apresentamos as destinações dos elementos e evidenciamos os feixes de relações que se constituíram a partir das formações encontradas.

Figura 1: Mapa Geral das Formações Discursivas



Fonte: elaboração própria, 2023.

Os enunciados, como representados no mapa geral, e já citado anteriormente, mantém entre si relações, e o mapa geral foi aqui colocado no intuito de demonstrar tais relações entre enunciados. Na sequência, traremos os mapas de cada formação discursiva, pois as relações entre os elementos (enunciados, funções e regras) se evidenciam mais fáceis de visualizar.

Assim, as relações entre enunciados se constituem entre síncronas e incidentes, as síncronas (aqui representadas nas linhas pretas) são quando os enunciados se relacionam entre si, de modo independente e as incidentes (aqui representadas nas linhas brancas) são quando um enunciado precisa do outro para existir (Foucault, 2008). Com base nisso, apresentaremos as relações.

No que se refere às relações síncronas, revelamos que a urgência do **racismo ser debatido por toda sociedade** (E04) se relaciona com a necessidade **da luta antirracista precisar ser ensinada** (E02) e com a **educação antirracista sendo potencializada** (E03). Assim, como uma questão de educação, **a história da ancestralidade é ensinada para fortalecer os argumentos utilizados na pedagogia social do respeito** (E06).

Além disso, o fato de compreender que **as regras sociais normalizam a violência** (E07), se liga a afirmação de que **os espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras** (E08), corroborando com a realidade de que as mulheres negras pertencem **a uma classe pouco favorecidas financeiramente** (E11), e que conseqüentemente expressa a complexa realidade que é o fato de **aceitar-se como uma mulher negra** (E09). O que corrobora com a necessidade de que **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E04), para que ser negra deixe um dia de ser **um processo complexo** (E09), que **os espaços venham a ser ocupados pelas negras** (E08) e que elas deixem de ocupar lugar na **classe pouco favorecida financeiramente** (E11).

Dessa forma, a necessidade de que **o racismo seja debatido por toda a sociedade** (E04), é uma forma de lutar para o fato de ser negra deixe de ser **um processo complexo** (E09) e por isso que a representatividade política negra precisa ser **oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano** (E01), para tanto, há a **necessidade do apoio mutuo** (E13).

Logo, o fato **das negras se apoiarem mutuamente** (E13) é uma forma de fortalecer as **marcas e institutos culturais que são comandadas por negras** (E16) por compreender a importância da **estética como um ferramental político** (E12). Da mesma forma que o reconhecimento de que a **representatividade negra é oportunamente construída nas várias instâncias do cotidiano** (E01) estimula as negras **a produzir expressões artísticos-culturais** (E15).

Além disso, as **negras se apoiarem mutuamente** (E13) retrata como as donas das marcas **praticam o atendimento respeito as clientes** (E17) e sempre **referenciam as ascendentes diretas** (E18) como uma fonte de inspiração e as consideram ícones do empoderamento.

Ademais, a **relevância das origens** (E18), e o significado que as **religiões de matriz africana possuem ao serem consideradas um lugar de acolhimento e proteção** (E14) é uma **forma de apoio mutuo** (E13).

Porém, o fato do **racismo precisar ser debatido por toda a sociedade** (E04), é também para conscientizar acerca **dos espaços elitizados ainda não estarem sendo ocupados pelas negras** (E08), além disso, ainda **são tidas como objetos de exploração sexual** (E11) e continuam **pertencendo a uma classe pouco favorecida financeiramente**, assim **o racismo sendo debatido** (E04), é uma forma de denunciar toda essa situação ainda vivenciada, não só que as mulheres negras enfrentam, mas as religiões de matriz africana também, e por isso **a injúria religiosa também é denunciada como crime** (E05).

Entretanto, além das relações síncronas, os enunciados apresentam algumas relações incidentes, já que para **a representatividade negra seja oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano** (E01) há a necessidade de que as **negras se apoiem mutuamente** (E13). Pois, sem o apoio mútuo e constante a representatividade não consegue ser construída.

Além disso, o fato de **aceitar-se como mulher negra é um processo complexo** (E09) porque elas **pertencem a uma classe pouco favorecida financeiramente** (E11) e conseqüentemente não são facilmente inseridas em **espaços elitizados** (E08). Assim, o ser mulher negra se torna um papel difícil porque elas precisam lidar com várias situações que incidem em seus direitos sociais. Ainda, o fato de compreender que **as regras sociais normalizam a violência** (E07), é o que faz com que surja a necessidade de mostrar o quão importante é que **o racismo seja debatido por toda a sociedade** (E04),

Ainda nas relações incidentes, o fato de que **o racismo precisa ser debatido por toda sociedade** (E04) é fundamental para **que a luta antirracista seja potencializa** (E03) em vários âmbitos, porém, ambos só acontecem **se o apoio mutuo** (E13) acontecer.

Da mesma forma **que a estética como um ferramental político** (E12) só é possível porque **a história da ancestralidade foi ensinada e possui um grande significado para as negras** (E06); e a necessidade de o racismo ser considerado uma pauta precisa debatida **por toda sociedade** (E04) só se perpetua porque no caso em questão, as negras ainda continuam

vivendo situações lamentáveis, como o fato de **ser tida como objeto de exploração sexual** (E10).

A seguir, explanamos nossos resultados a partir das formações discursivas, seguimos pelas regras encontradas, apresentamos as funções, os enunciados, bem como, trazemos exemplos ilustrativos do arquivo. Durante a explanação da relação dos elementos constituintes de cada formação, as discutimos teoricamente.

4.2.1 FD1: Os modos de objetivação fortalecem as práticas que dividem

A primeira formação discursiva diz respeito aos modos de objetivação ou a forma pelo qual os saberes repressores dominantes objetivam os sujeitos e determinam como eles devem se comportar e se conduzir. Foucault (2003) trata dos modos de objetivação do sujeito, como formas pelo qual o sujeito surge como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder. Assim, a objetivação das negras constitui as identidades que são cotidianas e docilmente aceitas como desprovidas de representação, formação que abordaremos a seguir.

No quadro 10 apresentamos os elementos que constituem a formação discursiva 1, e em seguida os dados empíricos que compõem essa formação.

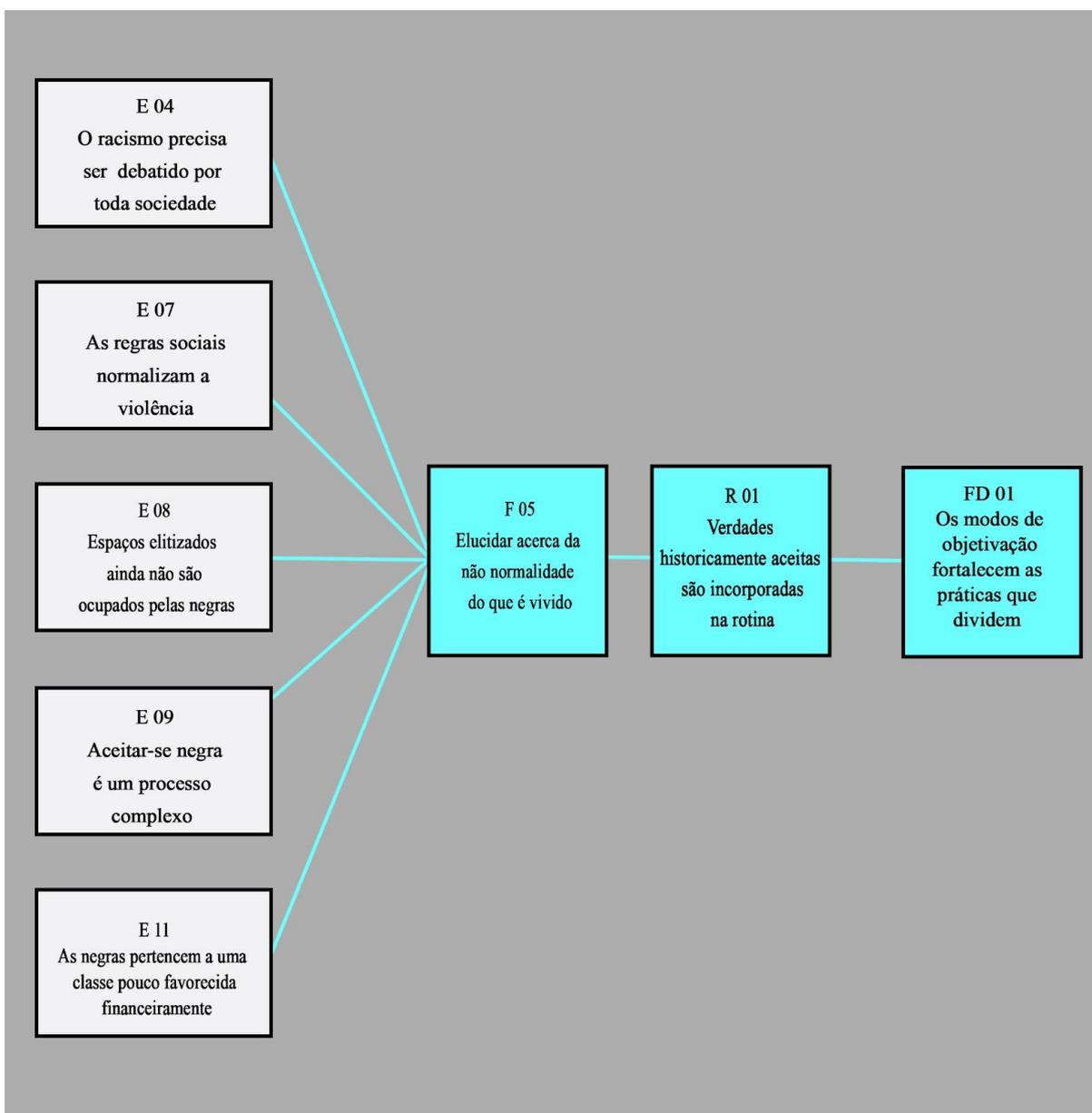
Quadro 10: elementos constituintes da primeira formação discursiva

Enunciados	
E04	O racismo precisa ser debatido por toda a sociedade
E07	As regras sociais normalizam a violência
E08	Espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras
E09	Aceitar-se negra é um processo complexo
E11	As negras pertencem a uma classe pouco favorecida financeiramente
Funções	
F05	Elucidar acerca da não normalidade do que é vivido
Regras	
R01	Verdades historicamente aceitas são incorporadas na rotina

Fonte: elaboração própria, 2023.

A formação discursiva 01 é composta por cinco enunciados, uma função e uma regra de formação. A figura a seguir evidencia como se deu as linhas de sentido que fundamentaram a nossa análise e que nos guiaram para revelar essa formação, no qual **E** representa os enunciados, **F** as funções, **R** as regras e **FD** a formação discursiva.

Figura 2: Mapa da Formação Discursiva 01



Fonte: elaboração própria, 2023.

4.2.1.1 R01: Verdades historicamente aceitas existem incorporadas na rotina

A primeira regra de formação intitulada: **verdades historicamente aceitas são incorporadas na rotina** diz respeito aos saberes que são historicamente postos, aceitos como verdades absolutas e os indivíduos acabam incorporando essas verdades sem ao menos se questionar. Isso se revela como regra em nosso campo e diz respeito à normalização. Foucault (2003) analisa que os jogos de verdade, no decorrer histórico, produzem modos de subjetivação e objetivação dos indivíduos. Cabe aos modos de objetivação separar o sujeito em si mesmo e

em relação aos outros, fazendo funcionar as práticas sociais que dividem e classificam. Como a análise do autor se volta para o funcionamento do poder, ele entende que, na forma moderna, o poder se exerce pela norma. Nossas sociedades são de normalização, termo que se refere à descrição do funcionamento e a própria função do poder em nossa forma social (Castro, 2009).

Nesse sentido, essa condição do campo discursivo diz respeito aos modos de objetivação que os saberes repressores dominantes determinam para os sujeitos, no caso em questão para a posição de sujeito das negras. Diz respeito à historicidade de sua condição de mulher, negra, em geral pobre, numa sociedade patriarcal e ariana, ou ainda, numa forma de capitalismo branco e patriarcal (Fiske, 2005). A norma objetiva homogeneizar, determina condutas, ações e por fim até os pensamentos em relação a um campo de comparação e, assim, diferencia as pessoas em relação a esse domínio, então considerado uma conformidade a ser alcançada. Sua medida é quantitativa e sua hierarquização se dá para essa forma-sujeito em termos do valor de suas capacidades; por fim, a norma desenha a fronteira e aponta a anormalidade. A articulação pela norma possui um sistema de vigilância, de controle, e é o meio pelo qual determinada rede de poder se funda e legitima. Por isso, para Foucault (2005a), o racismo na sociedade da normalização é a razoabilidade que a condenação à morte precisa para se legitimar, ou seja, sua racionalidade é indispensável para condenar uma forma-sujeito, bem como para justificar os modos de tratar os indivíduos nessa posição.

Uma sociedade que reproduz tal racionalidade, termina por promover certa docilidade na conduta dos vitimados e, as negras, acabam incorporando algumas verdades em suas rotinas, por vezes, de modo inconsciente, ou por sequer pensar existir outra forma de vida possível. Em nosso arquivo, como se trata de práticas de empoderamento, essa regra surgiu vinculada a uma única função: **Elucidar acerca da não normalidade do que é vivido** (F05), ou seja, trata-se de reconhecer os efeitos da objetivação e lutar contra ela. Trataremos dessa função no próximo subtópico que se segue.

4.2.1.1.1 F05: Elucidar acerca da não normalidade do que é vivido

A função que tem por objetivo elucidar a não normalidade do que é vivido (F05), é composta por cinco enunciados: **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E04); **as regras sociais normalizam a violência** (E07); **espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras** (E08); **aceitar-se negra é um processo complexo** (E09); e **as negras pertencem a uma classe menos favorecida financeiramente** (E11).

O enunciado **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E04) evidencia a necessidade de que o racismo seja uma pauta amplamente debatida, pois as negras compreendem que mesmo lutando para que o racismo seja combatido, elas continuam a passar por situações pelo simples fato de ser negra. Suas falas demonstram a sujeição que lhes é imposta, como ilustra os exemplos a seguir.

Figura 3: "Racismo nosso de cada dia"

7 de out de 2021 · 🌐

#DaSérie
#racismo nosso de cada dia

Fui trabalhar assim hoje (de turbante), alias quem me conhece de perto sabe que amo turbantes... Bom uma " colega" de profissão #Branka "(professora) para chamar minha atenção disse: - oh flor do dia! Pra quê usar este turbante neste calor ?

Não te incomoda não?
Na verdade a incomodada era ela.
Eu disse -Não,tô acostumada , além do mais o tecido é fininho (eu acho que até me expliquei demais) e continuei - eu tenho mais turbantes do que ...
Ela me interrompeu dizendo "carcinha" !
eu respondi - sapatos ... tenho muitos turbantes mesmo porque como é um símbolo de nobreza da minha religião (#candomblé) e do meu povo, amo usa-los , não podemos sair de "carcinhas" por aí, mas com turbantes meu bem vc me verá muitas vezes...

Em um ambiente de #educação este tipo de abordagem nem poderia mais acontecer, mas ...

Meu racismo de cada dia

Eu Africana em disapora mesmo sendo Professora, cantora, artista plástica e militante sempre me fazendo presente em eventos anti #racistas

abordagem nem poderia mais acontecer, mas ...

Meu racismo de cada dia

Eu Africana em disapora mesmo sendo Professora, cantora, artista plástica e militante sempre me fazendo presente em eventos anti #racistas enquanto viva estive escutarei muito estes #mindeles desinformados.

#caruaru #Pe
10/outubro/2021

#ésobreisso

#semfiltro #sempaciencia #semmake #tonemboa



Fonte: <https://www.facebook.com>

O caso de racismo exposto na figura evidencia como as negras continuam a passar por situações de racismo em seus cotidianos, elas foram objetificadas. O caso é de consumo, pois se trata do uso de um produto muito simbólico para construção identitária da negra: o turbante. O turbante faz parte da estética política (Santos & Vicentini, 2020; Vilela et al., 2021; Maia & Dohmann, 2019) e, portanto, seu uso pode ser visto como um consumo político, uma

prática de empoderamento muito presente no consumo ativista. Como a A1 citou “Eu Africana em diáspora mesmo sendo Professora, cantora, artista plástica e militante sempre me fazendo presente em eventos anti #racistas enquanto viva estiver ainda escutarei muito estes #*mindeles*⁷ desinformados”. O relato da ativista destaca que mesmo sendo uma militante pela causa conhecida, ela reconhece que enquanto estiver viva, irá passar por casos de racismo. Tal declaração retrata o que Foucault (2009b) define por processo de objetificação do sujeito, quando a norma diferencia socialmente os indivíduos a partir de uma conformidade e traça o que é a anormalidade. Como diz Foucault (2000, p.225): “a norma é o que pode aplicar-se tanto a um corpo que se quer disciplinar como a uma população que se quer regularizar”.

Na dimensão individual a norma busca operar por meio de processos de sujeição, os fabricando como sujeitos sujeitados (Candioto, 2020). Esse é um modo de objetivação que propicia modos de sujeição, o que faz em alguns momentos as pessoas acabarem por se submeter, a aceitar as relações de saber-poder que configuram as verdades historicamente postas. Ou seja, como diz Foucault, embora a luta contemporânea seja contra as formas de sujeição e, apesar dos indivíduos precisarem se reconhecer e, então, se inscrever nos processos de sujeição, nessa formação evidenciamos a luta para reverter a normalidade desse reconhecimento, uma vez que tais práticas promovem/perpetuam identidades coletivas reconhecidas como sendo biopolíticas (Foucault, 2009).

A figura 4 ainda ilustra o enunciado: **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E4). Retrata como essas verdades historicamente postas fazem com que eles se tornem objetos das relações de poder. O exemplo destaca uma matéria compartilhada pela A2 que gerou muitas discussões, na qual, em um ambiente de consumo, um homem gera desconfiança e é perseguido pelo simples fato de ser negro.

Os exemplos demonstram como se evidenciou a relação entre **elucidar acerca da não normalidade do que é vivido** (F05) e **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E04). A negra sabe, se prepara e busca uma saída, pois compreende que sempre irá passar por tais situações, pois o racismo é estrutural e sistêmico (Berth, 2009). Como vemos, o debate é uma das tentativas de saídas possível que vêm sendo produzidas pela cultura popular, então construída na interface do consumo com a vida cotidiana, que potencialmente pode ser um agente de desestabilização (Fiske, 2005).

⁷ *Mindele* é um termo que vem do *Kimbundu* e significa homem branco. Há várias explanações para a origem do termo, mas seguindo a tradição, a origem parte dos europeus com os espíritos dos seus antepassados, de cor branca. Disponível em: <http://umbanda-candomble.comunidades.net/vocabulario-de-kimbundu>

Figura 4: "Se fosse branco, eu não faria"



Fonte: <https://www.facebook.com>

O enunciado **as regras sociais normalizam a violência** (E07), teve por função **elucidar acerca da não normalidade do que é vivido** (F05). A relação diz respeito ao reconhecimento das negras ativistas de que o racismo promove desigualdades em vários campos sociais e violência tanto simbólica como física (Rocha & Casotti, 2017), tais como a humilhação por suas características físicas ou as abordagens policiais brutais. O reconhecimento vem da experiência cotidiana, a partir de tudo o que já viveram e que continuam a viver. No contexto do ativismo, as negras imputam às regras sociais a responsabilidade por normalizar essas violências. Isso condiz com o entendimento de Foucault (2005b), pois os racismos foram justificados historicamente em nome de uma urgência biológica, tornando-os uma verdade no meio social, portanto, uma norma a ser seguida. O trecho de fala a seguir evidencia esse cenário:

“Eu mulher #preta, fui preterida, engolida, engasgada, violentada, vomitei, tropecei tropeçada e tropeçando, cai, levantei, sem mão, sem apoio gritei por socorro poucas me ouviram, poucos entenderam. Segui o meu caminho, andei, cansei deitei, raspei, gritei, mas agora nascida na minha #ancestralidade, recarreguei as #energias, mesmo assim, ainda sofria pois ninguém reconhecia minha força #ancestral sou de # ndandalunda a #força sutil da #lua, das #aguas e da #beleza, estrategista, sou dos caminhos molhados cheios de #segredos e surpresas que seguem em frente mesmo correndo o risco de a qualquer momento desabar, tenho #cicatrices que doem e feridas invisíveis que nós #mulheres #pretas nos reconhecemos em algumas #histórias na dor ou no amor.”

O recorte aborda um cenário de violência vivenciado pela ativista A1, e os trechos “sem apoio gritei por socorro poucas me ouviram, poucos entenderam” e “mesmo assim, ainda sofria pois ninguém reconhecia minha força” ilustram o não reconhecimento social do que seja essa violência imputada a população negra em geral. Como antecipamos, o cenário é consequência de uma racionalidade social histórica, uma prática social “exagerada e coerente”, um racismo de Estado (Foucault 2005b, p. 112), uma ideologia política (Foucault, 2009) que dificilmente se combate individualmente. Contudo, consumidores ativistas agem de modo coletivo (Ndichu & Upadhyaya, 2018), mas uma das dificuldades é que as forças hegemônicas possuem homogeneidade e as resistências são bastante descentradas e heterogêneas (Fiske, 2005). Dessa rede participam um conjunto múltiplo de forças, pois, tal como o empoderamento, o racismo é um dispositivo constituído pelo dito e não dito, por discursos e práticas, elementos que assumem funções e respondem a uma urgência (Foucault, 2009). A relação do microdispositivo empoderamento perpassa pela ação de macro dispositivos históricos, cujas linhas de força se cruzam e ainda o solapam.

A função **elucidar acerca da não normalidade do que é vivido** (F05), também se relacionou com o enunciado **espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras** (E08) refere-se ao reconhecimento de que as negras ainda não ocupam espaços elitizados, assim como na política, no meio jurídico, em espaços de consumo, artísticos e etc., deixando claro as ações do dispositivo do racismo, que ainda estabelece as negras como “o outro”; sendo menos favorecidas, conseqüentemente, se tornam minorias em espaços de poder, o que afeta seu desempenho no mercado ao lhe retirar oportunidades de destaque, como destacado na figura a seguir.

Figura 5: “Nunca haverá espaço para uma #mulherpreta...”



Fonte: <https://www.facebook.com>

A figura destaca bem tal realidade de exclusão em espaços de poder e como isso afeta as oportunidades de visibilidade e, portanto, de sucesso em carreiras artísticas; A1 evidencia sua decepção e atribui a sua exclusão ao fato de ser uma mulher negra. Ela destacou: “sobre #editais que concorri passei e fui #excluida de datas boas, palcos importantes e apresentações coletivas”. Desse modo, o depoimento visa retratar o que as mulheres negras enfrentam ao viver em sua sociedade machista e racista, o que torna sua situação ainda mais desafiadora (Almeida, 2018).

A1 relata “Aonde tiver homens #mindeles nunca haverá espaço para uma #mulherpreta...” o que evidencia como elas atribuem sentido ao cenário vivenciado por elas, ao mesmo tempo em que demonstra que elas compreendem como tal exclusão as enfraquecem, portanto, ela se transforma em pauta de conquista. Ao delatar o acontecimento em sua

comunidade, a negra evidencia que isso não deveria ser normal e, sendo detentora de “cultura e tradição”, além de maioria da população, se fortalece a ideia já disseminada na comunidade: a negra deve consumir da negra, o que incentiva a politização da demanda, vista nos comentários. Como afirma Rocha e Casotti (2017), sob uma “lógica branca” o papel de consumidor lhes foi historicamente negado e o racismo se faz naturalmente presente no cotidiano tornando invisível o consumo dessa parcela da população, desconsiderando o seu comportamento de consumo. As redes de força que participam do microdispositivo de empoderamento desvelam como o consumo e suas experiências participam de uma rede plural e fluida (Becker, 2018), envolvendo a intensidade do que é vivido, bem como demonstra a produção intermitente de cultura popular (Fiske, 2005), produzida pela emoção, desejo, rotinas cotidianas (Reckwitz, 2002) provenientes do mundo social, então determinado por redes micro e macrosociais (Canniford & Badje, 2016).

Isso porque, seu depoimento aponta para as ações de dispositivos disciplinares: além do dispositivo do racismo, age também o de gênero que atuam constantemente na regulação dos corpos e, dessa forma, a cor de pele e as propriedades biológicas femininas servem de argumento para justificar a superioridade masculina nessa forma social. Além de negra e mulher, não podemos deixar de fora o fato de que, sobre esse corpo, ainda atua uma desvantagem que é a econômica (Dos Santos & De Lima, 2020) e que esses shows em palcos da Capital do Forró buscam atrair um público pagante para a cidade, portanto, naturalmente priorizam artistas de sucesso. O relato demonstra como a negra é um objeto da relação saber-poder (Foucault, 2009b).

No interior do microdispositivo de empoderamento, o enunciado **aceitar-se negra é um processo complexo** (E09) também se relacionou à função **elucidar acerca da não normalidade do que é vivido** (F05). E09 diz respeito ao autorreconhecimento como sendo o início do processo para enfrentar as dificuldades que envolvem o ser negra. Os exemplos a seguir (figura 6 e 7) elucidam a relação.

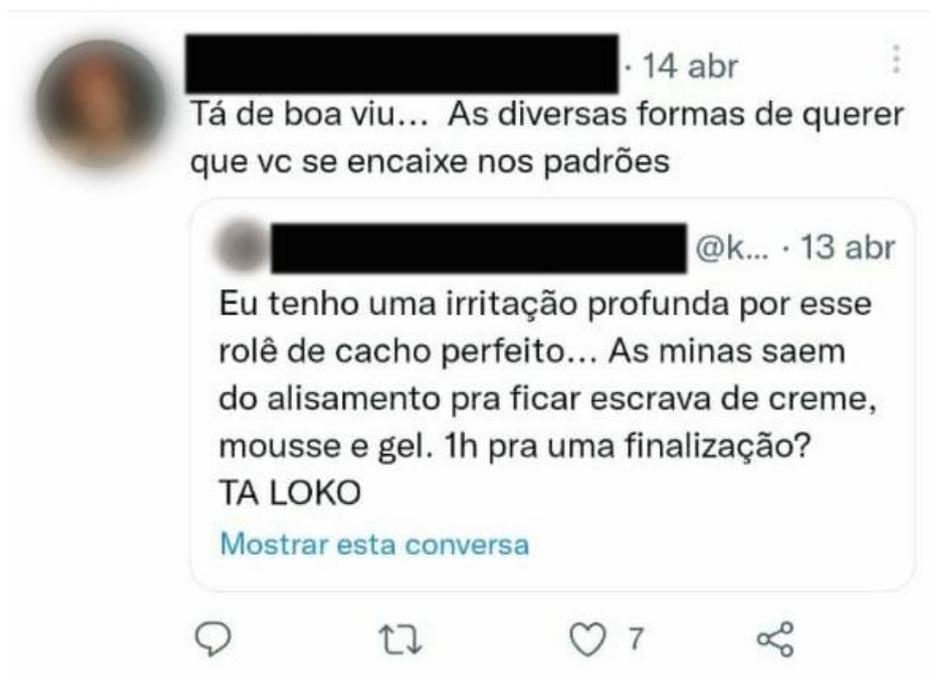
No trecho de fala da A1 na figura 6, é possível vislumbrar que são muitos os fatores envolvidos que dificultam a existência da negra. O uso/consumo de roupas ou produtos, tais como o batom, são considerados essenciais para a beleza feminina, pois são estratégias que salientam/valorizam ou escondem as formas do corpo. Cuidar do corpo é um atributo de feminilidade, uma questão cultural também socialmente construída e, numa sociedade patriarcal. No caso das negras suas características fenotípicas são associadas a significados sociais negativos, frente aos valores hegemônicos de beleza. Historicamente os ideais estéticos não contemplaram seu biotipo: “com nádegas grandes, tez escura, lábios carnudos e cabelo

crespo”. Em paralelo, desde meados do século XX a beleza perpassa pelo atributo do cuidado constante com seu corpo para se adequar ao modelo estipulado, uma quase impossibilidade que gera uma dupla via de exclusão (Bittencourt, 2018).

Como vemos, a objetivação se dá em seu corpo, pois, para Foucault (2009b) o corpo é o lugar do exercício do poder. Tais fatores fazem com que pessoas vitimadas acabem se submetendo a certas normas, assim como destacado no trecho: “por anos escondi as curvas do meu corpo pq não aguentava mais assédios, não passava batom para não escutar que o beijo tava maior ainda”. Para Foucault (2009b, p.146) os fenômenos de poder são complexos e ele avalia que, de fato, “o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder”. Contudo, salientamos que para o autor, quando se dá a produção desse efeito, “[...] emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais [...]”. Assim, o dispositivo de empoderamento se apoia nas redes de saber-poder buscando as alternativas de luta, ou ainda, as rotas de fuga desse poder operado no corpo e, nessa linha de sentidos, uma das propostas reveladas é entender que aceitar-se é um grande primeiro passo.

Já a Figura 7, relacionada ao enunciado **aceitar-se negra é um processo complexo** (E09), evidencia como o processo de sujeição se reconfigura, se amolda aos novos contextos, mas não deixa de se exercer (Foucault, 2009). A figura ilustra uma postagem de A3 em seu *Twitter*, em que ela descreve que “se encaixar em padrões” é uma constante, pois o fato de sair do alisamento do cabelo para aceitar a textura natural do cabelo, promoveu, da mesma forma, uma busca incessante por produtos de beleza para tratar o efeito denominado de “natural”, o que as torna “escrava de creme, mousse, gel” para manter o cabelo com o “cacho perfeito”.

Figura 7: "As diversas formas de querer que vc se encaixe nos padrões"



Fonte: <https://twitter.com>

Assim, nos exemplos ilustrativos, no caso da negra, o microdispositivo empoderamento evidencia sua relação com macro dispositivos de gênero e de raça. Sendo sua função dominante a de fortalecer o indivíduo vitimado para possibilitar mudanças, o microdispositivo organiza sua racionalidade questionando os elementos ou verdades advindas dessas formações sociais que ainda imperam. Aqui, sua estratégia de dessujeição é elucidar sobre essa falta de razão.

Considerando que por muitas décadas não existiam produtos específicos para os cabelos da negra, ou seja, necessidades da negra eram inviabilizadas na indústria de consumo, especialmente de produtos estéticos, vemos que a existência deles só mudou a oferta do alisamento para manutenção dos cachos. Isso evidencia o funcionamento ininterrupto dos processos de sujeição que dirigem gestos e comportamentos no processo de constituição de sujeitos: se antes a vontade de pertencer determinava os alisamentos capilares, a crescente aceitação dos cachos é assumida pela razão econômica. No caso específico, como diz Foucault (2009), evidencia a gestão econômica dos traços biológicos por meio de dispositivos (racismo e gênero) que asseguram a sujeição ao mesmo tempo em que reforçam a sua própria utilidade social: a objetivação que operacionaliza as práticas que dividem.

O dispositivo de empoderamento também demonstra como a luta contemporânea se organiza contra os processos de sujeição. Apesar de, nesse último exemplo, se ensaiar uma luta contra os padrões de gênero patriarcais, e essa ser uma reação esperada contra os efeitos do

exercício do poder (Foucault, 2009), quando o dispositivo de empoderamento endossa a estética política como estratégia contra o racismo não promove também processos de sujeição? O exemplo ilustra como a operacionalização desse dispositivo coloca a negra à mercê de outras forças de sujeição que operam sobre suas subjetividades de forma continuada.

O último enunciado da primeira formação discursiva que se relaciona com a função **elucidar acerca da não normalidade do que é vivido (F05) é: as negras pertencem a uma classe menos favorecida financeiramente (E11)** em que retrata a situação econômica das mulheres negras, pois ao serem excluídas de espaços de poder, elas passam a pertencer a classe menos favorecida financeiramente (Dos santos & De Lima, 2020). A Figura 8 retrata isso.

Figura 8: “[...] o bem sucedida prefiro nem comentar”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura destaca a colocação de A1 proferida em resposta ao comentário de uma consumidora acerca de uma postagem que fez em seu *Instagram*: a seguidora exaltou o seu sucesso, e ela comenta que é uma artista, negra e mora no Brasil, logo: “o bem sucedida prefiro nem comentar”. O exemplo retrata a situação social das negras perante os efeitos da operacionalização de três dispositivos: o do racismo, o do gênero e o da classe social (Dos Santos & De Lima, 2020). Elas são constata e extremamente afetadas por todos eles, pois ser negra, mulher e pertencerem a classe menos favorecida financeiramente, reduz sua possibilidade de crescer profissionalmente. A1 que é uma “artista” ela comercializa seu talento,

mas precisa ser reconhecida como tal por um público consumidor mais amplo, pois, para além do talento, ficar conhecida é a condição despontar como sucesso nesse meio, uma condição que se evidencia ainda com muitas barreiras a serem vencidas.

Salientamos que, em nosso arquivo, ação do ativismo efetuada pelo empoderamento se exerceu por meio do esclarecimento. A resposta ao comentário da seguidora evidencia que A1 reconhece a falta de razão da situação em que vive, ao mesmo tempo que demonstra seu desconforto. Os constantes debates, bem como os depoimentos desse tipo que expostos coletivamente, evidenciam como diante dos efeitos do poder se impõem a busca por saídas (Foucault, 2009).

Essas práticas demonstram o funcionamento do consumo ativista: sendo uma luta ideológica de grupos desprovidos de representação sócio-histórica, envolve os espaços cotidianos e exige e implica o consumo, pois nele se materializam. Sendo o consumo um momento de todas as práticas e ocorrendo por causa delas (Warde, 2005), por meio dele, o empoderamento evidencia seu potencial em relação à conquista de representatividade social (Kozinets & Handelman, 2004; Ndichu & Upadhyaya, 2018), o que parece ser a urgência a que responde esse dispositivo.

Enfim, podemos entender que as linhas de força do dispositivo de empoderamento se pauta em saberes que vem sendo produzidos pela cultura popular, o que é construído com os próprios recursos do sistema que desempodera as negras (Fiske, 2005). Sendo o empoderamento uma prática, portanto um modo de ação rotineiro (Reckwitz, 2002), em suas ações cotidianas: de disseminar a ideia da necessidade de se debater o racismo; de evidenciar como as negras normalizam a violência a que estão sujeitas; de alertar como espaços de poder ainda precisam ser ocupados; de depor acerca das dificuldades de aceitar-se negra; e de denunciar as consequências de pertencer a uma classe menos favorecida; efetuadas com a finalidade de elucidar acerca da não normalidade dessas condições, vêm desconstruindo novas formas de entendimento para as negras como sujeitos e para o próprio mundo em seu entorno. Contudo, quanto mais efetivos forem seus resultados, mais os sentidos do empoderamento serão disputados e capturados com intuito da normalização. Indicamos aqui como os processos de sujeição promovidos pela estética política podem ser esvaziados de sentidos, quando, enquanto desejos sociais são capturados pelo mercado.

Salientamos o nosso entendimento de que os processos de sujeição se constroem - de modo dinâmico e intermitente - em paralelo aos processos de subjetivação que promovem subjetividade ou posição de sujeito, o que será apresentado pelas próximas duas formações.

4.2.2 FD2: A construção coletiva de valores promove processos de subjetivação

A segunda formação discursiva revelou o processo de produção de subjetivação, pois, como antecipamos, para Foucault (2003) não existe indivíduos alienados a partir de suas sujeições; todo efeito do poder promove uma reação e, portanto, o exercício do poder para Foucault (2009) é sempre produtivo, pois se existe poder existe a resistência. O processo de subjetivação é a busca por saídas possíveis, exercícios que se executam por se fundar nas brechas de poder.

Para Foucault (2009), sendo o poder uma relação e não uma dominação, ele só acontece em contextos de liberdade, portanto, o poder não é capaz de aprisionar, pois sempre se pode modificar sua tática em determinadas condições e com respaldado em estratégias precisas. A resistência não é um enfrentamento, é uma estratégia, mas uma criação. Assim mesmo não sendo possível se libertar completamente das ações dos saberes dominantes, dadas por meio da rede dos dispositivos disciplinares, há a possibilidade de se desviar desses saberes. Para tanto, a resistência precisa ser como o poder: inventiva, móvel, produtiva, micro e sua distribuição ser estratégica (Foucault, 2009). Em nosso arquivo encontramos essa construção nas práticas do microdispositivo de empoderamento. E é a partir desse entendimento que essa formação se embasa.

No quadro 11 apresentamos os elementos que constituem a formação discursiva 2, e em seguida os dados empíricos que compõem essa formação.

Quadro 11: elementos constituintes da segunda formação discursiva

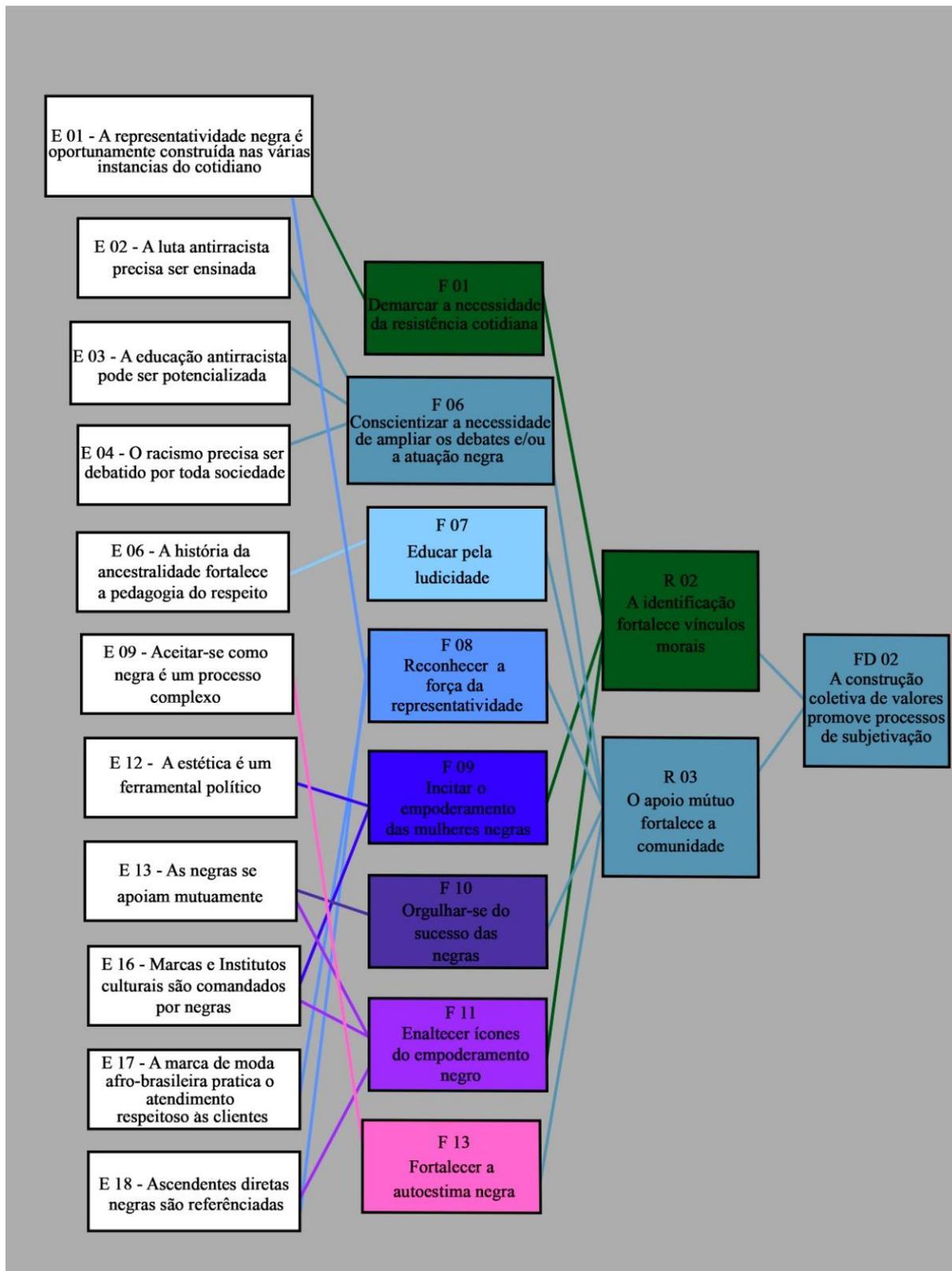
Enunciados	
E01	A representatividade negra é oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano
E02	A luta antirracista precisa ser ensinada
E03	A educação antirracista pode ser potencializada
E04	O racismo precisa ser debatido por toda a sociedade
E06	A história da ancestralidade fortalece a pedagogia do respeito
E09	Aceitar-se como negra é um processo complexo
E12	A estética é um ferramental político
E13	As negras se apoiam mutuamente
E16	Marcas e institutos culturais são comandadas por negras
E17	As marcas da moda afro-brasileira praticam atendimento respeitoso às clientes
E18	Ascendentes diretas negras são referenciadas
Funções	
F01	Demarcar a necessidade da resistência cotidiana
F06	Conscientizar a necessidade de ampliar os debates e/ou a atuação negra
F07	Educar pela ludicidade
F08	Reconhecer a força da representatividade
F09	Incitar o empoderamento das mulheres negras
F10	Orgulhar-se do sucesso das negras

F11	Enaltecer ícones do empoderamento negro
F13	Fortalecer a autoestima negra
Regras	
R02	A identificação fortalece vínculos morais
R03	O apoio mútuo fortalece a comunidade

Fonte: elaboração própria, 2023.

A formação discursiva 02, é composta por onze enunciados, oito funções e duas regras de formação. A figura 9 a seguir evidencia como se deu as linhas de sentido que fundamentaram a nossa análise e que nos guiaram para essa formação.

Figura 9: Mapa da Formação Discursiva 02



Fonte: Elaboração própria, 2023.

4.2.2.1 R02: A identificação fortalece vínculos morais

A regra intitulada: **a identificação fortalece vínculos morais** (R02) aponta para como as injúrias raciais manifestadas pelas negras em ações e discursos exprimem fragmentos de rótulos raciais identitário e promove processo de identificação. Contudo, sendo esse processo entendido como relacional e dinâmico (Menezes, 2014), é por meio dele que os envolvidos moldam seus projetos e se enquadram numa determinada noção identitária que está em um processo contínuo de criação por meio da produção e compartilhamento de significados (Correia et al, 2021).

Em nosso arquivo, a identificação desenvolveu uma conexão emocional entre as negras da comunidade e o compartilhamento de depoimentos e de informações da prática de empoderamento deu origem a uma construção de valores fortalecedores da autoestima e do engajamento com a causa. O processo da militância promove a conscientização da negra acerca do como deveria ser a vida pautada em valores que traçam uma moralidade ainda insipiente. Essa regra é composta pelas seguintes funções: **demarcar a necessidade da resistência cotidiana** (F01); **incitar o empoderamento das negras** (F09) e **enaltecer ícones do empoderamento negro** (F11).

4.2.2.1.1 F01: Demarcar a necessidade da resistência cotidiana

A função que visa demarcar a necessidade da resistência cotidiana está ligada com apenas um enunciado: **a representatividade política negra é oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano social** (E01) que trata das práticas de consumo ativista que são realizadas no cotidiano, tanto por ativistas, como por consumidoras e por marca e instituto, no qual as negras aproveitam todas as oportunidades para construir sua representação social, o que fazem propagando a normalização do corpo negro e evidenciando a sua potência. A figura 10 retrata esse cenário.

A figura 10 se refere a uma postagem de A5 em seu *Instagram* no qual ela retrata os comentários que já escutou acerca do seu cabelo. A postagem é comentada por uma consumidora:

Cabelos que carregam história, caminhos, superação diária de um povo oprimido, resiliência. De um combate ainda não vencido por completo, deve ser reverenciado! E eu falo com propriedade, com conhecimento na causa. Somos o que somos, não precisamos ouvir de ninguém: você tem coragem de assumir seu cabelo, mas ora,

vejam!??? Se ele faz parte de mim, é a minha essência, no mínimo tenho é muito orgulho e não preciso de aprovação de seu ninguém.

Figura 10: "Cabelos que carregam história, caminhos, superação diária de um povo oprimido, resiliência"



Fonte: <https://www.instagram.com>

O comentário destaca o valor que o cabelo cacheado/crespo adquiriu para as negras: “se ele faz parte de mim, é a minha essência, no mínimo tenho é muito orgulho”. No arquivo, a aceitação do cabelo revela-se fruto de uma longa construção coletiva pautada na ancestralidade. Sendo o cabelo um dos alvos do racismo, ele se tornou uma das marcas do ativismo estético. O relato evidencia como a estética assume um papel importante nas práticas das ativistas, pois é por meio dela que a identidade negra vem sendo materializada, portanto, constituída (Maia & Dohmann, 2019). Apesar de cuidar da beleza ser um papel atribuído à mulher na sociedade patriarcal, o cuidado aqui não é mais o do alisamento, mas o da demarcação de suas características naturais, seja por usar ele solto evidenciando o volume ou trançando para mostrar formas de uso diversas e históricas (Ndichu & Upadhyaya, 2018). Sendo esse uso um consumo não normativo, é entendido pelas negras como uma forma de liberdade: “como é bom ter liberdade de ser quem somos”. Apesar do cuidado requerer investimento de tempo e dinheiro, a liberdade está na possibilidade de representação.

Até pouco tempo, a negra que não alisava cabelo era tida como “descuidada” da aparência e, antes de existir produtos de beleza específicos, as negras começaram a trocar informações de como cuidar dos cabelos, e essa prática foi considerada uma resistência por Silva e Costa (2021, p.7):

[...] discursos que surgiram como uma vontade em manter seu cabelo natural e, se o problema era o cuidado com eles, se propunha fazer isso de forma caseira (já que não havia produtos industrializados para tanto), ou seja, discursos sociais de mulheres negras aparentemente desviaram a questão da não aceitação do cabelo crespo como modelo de beleza, para o fato do necessário cuidado com os cabelos, algo que todas precisam fazer independentemente do tipo de cabelo

As autoras analisam que esse uso que representou um desvio da norma (Foucault, 2009). O exemplo ilustra como a estética, seja ao comprar, seja no uso, é uma prática ativista central para o empoderamento, sendo um meio para expressão da resistência cotidiana contra o racismo.

4.2.2.1.2 F09: Incitar o empoderamento das negras

A função incitar o empoderamento das negras (F09) diz respeito as formas de apoio constantemente efetuadas para o reforço da autoestima das negras. Essa função estabelece relação com dois enunciados: **a estética é um ferramental político** (E12) e **marcas e institutos culturais são comandadas por negras** (E16).

O enunciado a estética é um ferramental político (E12) diz respeito ao alcance político que a estética adquiriu nas formas de ativismo disseminados nos movimentos sociais. Os autores Maia e Dohmann (2019) discorrem como a estética está sendo utilizada para reforçar as questões políticas que são abordadas dentro dos movimentos negros. A luta da negra, como de todos o desempoderados, é por significados, assim como mencionado por Fiske (2005), mas o que a cultura popular produziu, pautado na estética política, foi a disseminação de um estilo de moda que ficou conhecido como moda afro-brasileira. Essa estratégia tem por símbolo a propagação da identidade negra e é disseminada por marcas, consumidoras e ativistas como uma forma lutar por suas causas (Santos & Vicentini, 2020; Vilela et al., 2021). A figura 11 destaca como isso acontece.

Figura 11: “Uso #turbante como coroa, como forma de expressar a rainha que também sou, uma madame Nagô”

15 de mai de 2021 · 🌐

#Turbantese !!
 É lindo, dizem quando me veem assim com ele ornamentada!
 Poucos sabem que vai muito mais além de enfeite ornamento ou moda...
 Ele remete aos #valores de minhas #raízes
 Em suas diversas formas e #amarrações
 Traz com sigo valores #culturais e #religiosos
 E muitos outros significados como atitude e gelê status social
 Enfim ser, ter, estar, usar e #ousar
 Vai muito além de enfeitar a cabeça
 Muito além do que pura beleza
 Muito além que moda #multicolor

Sou negra, sou linda, #mulherista.
 Uso #turbante como coroa, como forma de expressar e a rainha que também sou, uma madame Nagô.

Texto de
 Elieser Marcelino

Adaptado
 Mam'etu Dandaressu

#ndandalundase



48

8 comentários · 1 compartilhamento

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Fonte: <https://www.facebook.com>

A figura 11 destaca uma postagem de A1 em seu *facebook* em que evidencia a partir do uso do turbante como a estética é um ferramental político, assim como descrito por ela: “[...] poucos sabem que vai muito além de enfeite ornamento ou moda... ele remete aos #valores de minhas #raízes em suas diversas formas e #amarrações traz consigo valores #culturais e #religiosos e muitos outros significados como atitude e gelê”. Assim, o turbante enquanto acessório estético é evidenciado nesse exemplo a partir da fala de A1, que o seu uso possui muitos significados, “remete aos valores”, ou seja, tornou-se um símbolo cultural da identidade negra. No arquivo, essa produção de cultura popular se revelou pautada no mito originário,

pois se desenvolveu mediante os símbolos ditos da ancestralidade, que remetem a cultura africana e constroem um lugar de pertença desvinculado da escravidão e do sofrimento.

Os autores Santos & Vicentini, (2020) e Vilela et al., (2021) discorrem sobre a moda afro-brasileira e o uso do turbante como um posicionamento político, pois a partir do seu uso as negras fortalecem a constituição das suas identidades e conseqüentemente incentivam outras pessoas a assumirem a sua negritude. Maia e Dohmann (2019) relatam que o uso dos turbantes é uma forma de se conectar com os ancestrais, evidencia um sentimento de quebra de paradigma, além de ser um meio de produzir significados que fortalece o discurso antirracista, o que conseqüentemente demonstra uma ação de empatia para com o movimento, se caracterizando como uma das mais atuantes práticas de empoderamento.

Assim, o turbante enquanto acessório estético ilustra o que Fiske (2005) destaca em seus estudos sobre cultura popular ou o processo de construção de significados que são constituídos na experiência social, no cotidiano. De acordo com o autor, fornecer sentido a alguma coisa só é possível quando se fornece sentido ao agente do processo, é um processo que está sempre em construção e que sempre se dará no social. Nesse contexto o autor discorre sobre os textos populares, que por si só são insuficientes, não possuem significados constantes, mas são provocadores desses significados e até mesmo de prazeres e só se tornam significantes quando são interpretados por grupos e passam a ser inseridos em sua cultura, no seu cotidiano.

Dessa forma, o turbante pode ser considerado um texto popular, pois como destacado por A1: “poucos sabem que vai muito além de enfeite ornamento ou moda”, mas quando ele é interpretado em uma cultura, no caso em questão, no cotidiano das negras, ele se completa e se enche de significados e passa a adquirir esse valor político e identitário, assim como destaca (Fiske, 2005, p. 6) “o povo faz cultura popular na interface entre o cotidiano e o consumo dos produtos das indústrias culturais”. Assim, podemos compreender a importância de se entender as vivências das pessoas, as práticas do cotidiano para chegar ao consumo, pois o consumo está presente em todas essas práticas, inclusive no uso (Warde, 2005).

Já o enunciado **marcas e institutos culturais são comandadas por negras** (E16) aborda o compromisso em que a marca de moda e o instituto cultural assumem em propagar a representatividade negra, seja através das suas criações, lançamentos de produtos, ou até mesmo pelo posicionamento das próprias donas da marca/instituto enquanto ativistas negras, assim como destacado na figura a seguir.

Figura 12: “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura ilustrada se refere a um post da marca analisada, a M1, a postagem destaca:

“Ângela, estamos tão cansadas, mas como você disse: “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Por isso persistiremos firmes, diariamente lembrando da outra mensagem sua: “numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”.

O exemplo destaca que a dona da marca, a A5 procura se posicionar enquanto mulher negra e disseminar a luta antirracista também na comunicação de sua marca. Esse tipo de posicionamento é relevante, pois é uma forma de incentivar o empoderamento, e demonstrar que a marca está atenta às dores e causas de seu público-alvo. Além disso, esse posicionamento da marca demonstra uma preocupação com os valores e com os significados que as relações entre marca e consumidoras irá gerar, pois assim como Fiske (2005) relata, são os produtos que geram lucros econômicos para os produtores, mas a sua função econômica não é a mesma que a função cultural, por mais que uma dependa da outra. Então o fato da marca se posicionar enquanto antirracista é um dos pilares da construção do seu significado cultural, significado esse que é consumido pelas consumidoras, o posicionamento serve de inspiração para elas e as incentiva a continuar mantendo uma relação com a marca e com a causa.

A mensagem evidencia a importância da luta coletiva e constante para o combate do preconceito. Quando uma marca para negra é comandada por uma negra, ela encapa o empoderamento e ao fazer isso, promove identificação e adquire respeito, pois estão buscando novas formas de ser e estar no mundo, buscando a constituição de uma posição de sujeito e rachando, mesmo que aos poucos, as malhas do poder (Foucault, 2009).

4.2.2.1.3 F11: Enaltecer ícones do empoderamento negro

A função **enaltecer ícones do empoderamento negro** (F11) refere-se as práticas das ativistas negras ao exaltar tanto a marca, como as militantes representantes do movimento negro ao considerá-las exemplos de empoderamento. Essa função se associa com os enunciados: **marcas e institutos culturais são comandadas por negras** (E16) **as negras se apoiam mutuamente** (E13) e **ascendentes diretas negras são referenciadas** (E18)

O enunciado: **marcas e institutos culturais são comandadas por negras** (E16) aborda a importância do comando institucional de negras para o fortalecimento da representatividade dos movimentos negros e das práticas ativistas. A figura 13 exemplifica essa questão.

Figura 13: “Nossa anja afro-brasileira empoderada”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura se refere a um *story* compartilhado pela marca M1, no qual as consumidoras destacaram a dona da M1, que no caso em questão é a A5, como “anja afro-brasileira empoderada”, ou seja, o exemplo evidencia que as consumidoras reconhecem o papel da representante da marca a partir dos seus posicionamentos – ela se torna ícone de marca, portanto, entendem que seus produtos e coleções são representativas, e assim assumem no cotidiano o uso dos produtos lançados que tem por inspiração a cultura afro-brasileira, pois consideram que são um símbolo do empoderamento.

Seguindo Fiske (2005), as práticas de consumo assumidas no cotidiano são importantes para construção da cultura popular e, em nosso contexto, essas práticas se relevam como forças do dispositivo empoderamento, ou seja, se espelhar em ícones se revela uma alternativa estratégica ou saídas possíveis para diminuir os efeitos da força opressora. A possibilidade de desvios da sujeição dada pela norma se estabelece a partir dos processos de subjetivação. Tal processo é marcado pela tentativa de se distanciar da fixação identitária dada pelas malhas do saber-poder (Foucault, 2003).

O enunciado **as negras se apoiam mutuamente** (E13) que também se liga com a função **enaltecer ícones do empoderamento negro** (F11). A relação visa exemplificar as várias formas de apoio que são praticadas entre a comunidade negra, desde o emocional, ao profissional, até mesmo o financeiro, como uma forma de fortalecer a comunidade, o que se destaca como uma prática de empoderamento. A figura a seguir elucida um processo de identificação no qual uma consumidora da marca M1, ao enviar um áudio para a representante da marca, expressou o que sentia ao usar os produtos da marca, bem como salientou a relevância que a representante da marca possui para sua vida.

Figura 14: “[...]eu sei que você é uma mulher forte, incrível, super empoderada...”



Fonte: <https://www.instagram.com>

O áudio enviado pela consumidora, foi transcrito:

Eu sei que você é uma mulher forte, incrível, super empoderada, mas eu acredito que tem dias que a gente precisa ouvir certas coisas, e hoje eu quero dizer para você que eu estou aqui vestida de Ayô, de máscara Ayô, vestido Ayô, e eu estava pensando o quanto eu me sinto linda quando eu visto as suas peças. E aí eu fiquei pensando né: por que toda vez que

eu visto esse vestido eu me sinto tão linda? Por que eu me sinto tão poderosa? É um vestido simples, um cortezinho reto, uma manguinha *flare*, é um vestido simples, mas por que eu me sinto tão bonita com ele? É a estampa? O que será né? E ai, refletindo sobre isso, eu entendi que não é só por causa da costura, ou por causa da estampa, é pela história que esse vestido carrega. Conhecendo um pouco você, conhecendo você mais de perto como eu conheço, eu sei o que custa para você e o que já custou para você uma peça Ayô está hoje disponível para venda. Então... já custou noites de sono né, noites em claro, é pela mão que desenha, é pela mão que costura, é pela idealização que ele carrega.

A fala da consumidora evidencia como a representante da marca é importante para o desenvolvimento da própria marca, e que é a identificação com os fragmentos de uma noção identitária que se materializa no o exemplo de empoderamento e de ativismo delas, o que faz com que as consumidoras sintam o desejo de possuir e usar os produtos, adquirindo esses sentidos da marca para si. Assim como ela mesmo destacou que se sente poderosa, linda ao usar as peças da marca e ao refletir o porquê de se sentir assim, entendeu que não era apenas pelo produto em si, mas por toda a “idealização que ele carrega”.

Além disso, essa consumidora destaca conhecer a luta da empreendedora desde o início e sabe o significado que as peças estarem disponíveis para venda possui para a empreendedora, “já custou noites de sono, noites em claro, é pela mão que desenha, é pela mão que costura”. O relato demonstra como as consumidoras formam uma comunidade e têm nessas empreendedoras um exemplo de luta. A partir do processo de identificação, do uso dos produtos e das trocas interativas, geradoras do compartilhamento de significados, inicia-se um processo contínuo de construção de uma noção identitária e se fortalece uma conexão emocional entre essas pessoas (Correia, et al, 2021; Menezes, 2014).

Logo, esse exemplo é de relevância para evidenciar como a produção de significados possui um papel fundamental na vida cotidiana, e como essa produção é um produto coletivo, aproximando a marca das consumidoras e disseminando a política estética no cotidiano. A construção coletiva de significados vai desenvolvendo os valores do grupo e construindo uma moralidade definidora de como entender que deva ser a sua condição.

A consumidora relatou se sentir bonita e poderosa, amar tanto usar as peças da marca não só pelas próprias peças, mas por todas as vivências que estavam ali inseridas, “pela idealização que ele carrega”, um processo de identificação instaurado pela admiração em relação à conduta e ao sucesso da empresaria, que se tornou uma referência pelo que é e pelo que produz. Os valores materializados nessas práticas interativas parecem fortalecer a

autoestima, entendida como um dos primeiros passos para o empoderamento, já que a autoimagem foi afetada pelo processo sistemático do racismo (Berth, 2019) e essa construção é feita pelo consumo (Arnould & Thompson, 2007; Holt, 2002; Kleba & Wendausen, 2009; Kozinets & Handelman, 2004; Kozinets, 2002a; León, 2001; Thompson, 2004; Thompson & Troester, 2002; Troester, 2002).

O dispositivo de empoderamento ilustra a capacidade produtiva do poder, a partir da operação efetuada pelos processos sistemáticos de resistência. As pequenas e variadas estratégias para rotas de fuga, aos poucos, tende a desconstruir algumas sujeições e o dispositivo segue operando produzindo jogos de verdade mais favoráveis a essa subjetividade, ao mesmo tempo, impulsionando processos de subjetivação (Foucault, 2003).

O último enunciado: **ascendentes diretas negras são referenciadas** (E18) ainda relacionado a função **enaltecer ícones do empoderamento negro** (F11) corresponde a um movimento recente de valorizar a ascendência direta, valorização que é disseminada principalmente em redes sociais, no qual tanto as mães como avós e até bisavós são dignificadas. A figura 15 ilustra esse cenário.

Figura 15: “[...]Sou legado dessa mulher incrível, busco mostrar ao mundo um pouco do que tenho em mim e dentro de mim tem a bisa, mulher empoderada, alma jovem...”



Fonte: <https://www.instagram.com>

O exemplo destaca a ascendência direta da bisavó como fonte de inspiração para a conduta e para a produção de peças de roupa, um “legado” que recebeu da vida, como a A5 destaca na M1:

Sou legado dessa mulher incrível, busco mostrar ao mundo um pouco do que tenho em mim e dentro de mim tem a bisa, mulher empoderada, alma jovem, sorriso leve, fé inabalável [...] ela é minha raiz.

O depoimento feito pela dona da marca explica a inspiração da coleção: raízes-memórias de onde a gente quer estar. O exemplo evidencia a relevância que ascendência direta possui, principalmente para as mulheres negras, pois as suas mães, avós e, até mesmo, as bisavós são os primeiros exemplos de negritude que elas conhecem. Desde cedo a menina negra é alertada para os perigos da violência gratuita e para as dificuldades de conviver com as variadas formas de exclusão e, quando essas mulheres possuem alguma consciência racial (Souza, 2019), se tornam exemplos de conduta, fonte de inspiração, segurança e pertencimento. Os ícones são atrelados a significados e valores indispensáveis para ação de sujeitos e para o próprio exercício do dispositivo de empoderamento. Além disso, ter por certo um lugar de origem é fortalecedor e essencial para guiar a conduta de um indivíduo excluído. Ações que questionam a ética e a moral de um contexto histórico opressor precisam construir uma representatividade ética, o que exige o estabelecimento de critérios, de pautas e do desenvolvimento da autodisciplina (Kozinets & Handelman, 2004). Uma ação reivindicatória desse mote não é bem-sucedida se exercida individualmente, ela precisa de engajamentos. Portanto, o empoderamento é uma ação coletiva, feita pela identificação com o pleito (Berth, 2019), que envolve práticas que buscam recorrentemente estabelecer a consciência sobre seu eu social, seu papel e as implicações de suas condutas, como afirmam Kleba and Wendausen (2009), promovendo valores capazes de sustentar uma moralidade a ser seguida.

4.2.2.2 R03: O apoio mútuo fortalece a comunidade

A terceira regra de formação intitulada: o apoio mútuo fortalece a comunidade diz respeito às ações que fortalecem o grupo. Como vimos, a força do coletivo para os movimentos de resistência é fundamental. Em nosso arquivo, esse apoio se deu por meio de ações de caráter moral, profissional, educacional, financeira, entre outras, ou seja, envolveu fortemente várias práticas do cotidiano (Warde, 2005). O apoio dado em várias frentes, evidenciou certo grau de organização maturado pelo movimento de empoderamento, o que sinaliza para possibilidades

conquista de pleitos dos movimentos de consumo ativista negro, ainda que sejam insipientes. Como já discutimos nos processos de sujeição, o racismo é uma ideologia política que provém de uma racionalidade histórica e coerente, recorrentemente reforçada por várias linhas de força do dispositivo (Foucault, 2005b), e as resistências são descentradas, heterogêneas e, portanto, desorganizadas (Fiske, 2005). Aqui nos surpreendeu seu ataque sistêmico e efetuado por várias frentes no sentido de subsidiar/ fortalecer os pontos fracos da comunidade. Considerando a importância do engajamento para o êxito do movimento (Kozinets & Handelman, 2004), o grupo trabalha para conscientizar, educar, fortalecer a autoestima e reconhecer a força da representatividade.

Logo, as negras são alertadas acerca da importância do apoio como uma urgência, e praticam esse apoio em seus cotidianos. A condição de solidariedade instaurada indica fortemente que uma moralidade, tida como um conjunto de princípios de conduta rotineiros, vem se estabelecendo. A moral diz respeito à conduta que se deve adotar, é uma produção colaborativa e sua ordenação se dá por meio de saberes, portanto, constituem a episteme do dispositivo de empoderamento, informando sobre a racionalidade que a sustenta (Foucault, 2005b).

Essa regra foi composta pelas seguintes funções: **conscientizar a necessidade de ampliar os debates e/ou a atuação negra** (F06); **educar pela ludicidade** (F07); **reconhecer a força da representatividade** (F08); **orgulhar-se dos sucessos das negras** (F10) e **fortalecer a autoestima negra** (F13).

4.2.2.2.1 F06: Conscientizar a necessidade de ampliar os debates e/ou a atuação negra

A função conscientizar a necessidade de ampliar os debates e/ou a atuação negra (F06), revela uma lógica estratégica traçada a partir do reconhecimento de uma carência. Por identificar que a falta de esclarecimento ou reflexão promove apatia na negra ou lhes coloca constantemente na mira do racismo, e entendendo como isso afeta sobremaneira a construção da representatividade negra, práticas se voltam para produzir esse esclarecimento, informando a necessidade de uma maior conscientização social, com vistas ampliar o debate. Três enunciados se relacionaram com essa função: **a luta antirracista é ensinada** (E02); **a educação antirracista pode ser potencializada se ensinada nas escolas** (E03) e **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E04).

O enunciado: **a luta antirracista é ensinada** (E02) destaca como essa pedagogia foi sendo efetivada na comunidade, evidenciando a importância do debate para avançar na luta antirracista e o quão urgente se revela essa pauta para os ativistas. A Figura 16 ilustra a relação:

Figura 16: “[...] pra algumas pessoas ainda é mais simples fechar os olhos ou simplesmente falar que é exagero”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura 16 destaca que uma das estratégias recorrentes é realizar debates temáticos nas redes digitais para o consumo da comunidade e de interessados, convidando pesquisadoras negras, influenciadoras ativistas e personalidades. A imagem revela A5 em uma *live* que discutiu a relação entre apropriação cultural e a moda. A ativista comenta que esse assunto “que entra nas diretrizes capitalistas e sociais, pra algumas pessoas ainda é mais simples fechar os olhos ou simplesmente falar que é exagero. E quando encerramos assim um assunto, mudanças importantes não acontecem”. Ou seja, o debate esclarece que sem uma conscientização social efetiva, toda uma mobilização ativista perde sua força de promover mudanças no cenário.

Durante o debate se expõe como a moda se apropria do tema, pois ela se coloca como placo para materializar pautas, comportamentos e desejos sociais, sendo o pilar da indústria de consumo (Lipovetsky, 2009). Se a moda se interessa, o tema é relevante para o mundo, o assunto é sério, mas ainda não reconhecido como tal pela população em geral. Muitos ainda enxergam nessas pautas o exagero, o que dificulta como que as transformações ocorram. Tais

ações tem o cunho pedagógico, informam os motivos da luta e descrevem como ela deve ser concretizada, conscientizando a comunidade de seu papel. Assim, a partir da experiência política de alguns membros, a cultura popular vai sendo produzida (Fiske, 2005). Como eles usam do mesmo recurso fornecido pelo sistema (a moda) para criar uma narrativa em favor de seus próprios interesses, podemos entender que essa rota foi uma produção, resistência (Foucault, 2009).

Já o enunciado **a educação antirracista pode ser potencializada** (E03) objetiva promover uma consciência racial na sociedade de uma forma mais ampla, e uma maneira de fazer isso é promover tal conscientização nas escolas, ainda na formação cidadã das crianças. Esse contexto é exemplificado na figura 14.

Figura 17: “Com o objetivo de potencializar uma educação antirracista nas escolas”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura 17 se refere a uma postagem da A5 em seu *Instagram* no qual ela foi convidada para falar sobre a estética negra como uma forma de resistência, como ela destacou. Segundo ela, com o objetivo de potencializar uma educação antirracista nas escolas da Rede Pública, a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco criou o projeto “Letras Pretas”, que tem por objetivo incentivar o consumo e a produção da literatura negra.

Esse incentivo a consumir a produção dos negros é vista uma forma de potencializar a luta antirracista, ao mesmo tempo em que dissemina informações, fortalece a comunidade

negra através do consumo de suas produções. E quando esse incentivo se dá ainda nas escolas, faz com que as crianças cresçam com uma cabeça mais aberta para inclusão do diferente, produzindo uma mentalidade mais favorável à causa. A prática é uma característica de um dos movimentos de ativismo pelo consumo: o *black maney*, cujas ações objetivam estimular o consumo entre negros, objetivando fortalecimento financeiro da comunidade ao fazer com que o dinheiro gire em torno da população preta (Junior, 2021), sendo essa uma estratégia para fortalecer um dos pontos fracos dessa população: o acesso ao recurso financeiro. O apoio mútuo se tornou uma política do empoderamento e é também um desvio criativo da norma, ou seja, é uma resistência aos efeitos do poder (Foucault, 2009).

Esse exemplo ilustra como o consumo não está apenas ligado apenas a troca mercadológica, mas ele também está no uso dos produtos e nos significados a eles atribuídos na interação dos agentes (Warde, 2005). Consumir literatura negra é um modo de divulgar autores negros, fazer conhecer suas vivências, seus conceitos, e refletir sobre situações irracionais; conseqüentemente, promover ambientes mais respeitosos de convivência.

Por fim, o enunciado **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E04) é ilustrado na figura a seguir.

Figura 18: “A luta antirracista é um dever de todes”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura 15 destaca uma postagem de A5 em seu *Instagram* acerca da sua participação em uma *live* sobre como a luta antirracista deveria ser dever de todos. Também uma das

pautas da *live* é “o racismo na moda”, já que a A5 é uma estilista pernambucana e empreendedora, assim como destacado na publicação. Como já mencionado, sendo a moda um pilar da indústria do consumo e uma disseminadora de desejos sociais, portanto, um palco para a estética política, muitos movimentos de consumo nela se apoiam para propagar as suas reivindicações, já que de acordo com Kozinets and Handelman (2004) os ativistas objetivam transformar a ordem social em torno do consumo. A moda é um campo propício para o engajamento da luta por representatividade. Logo, a prática de empoderamento da ativista é feita no intuito de disseminar a luta antirracista também na moda, o que comenta: ainda é necessário que essa indústria se atente para o racismo a partir de seus nefastos desdobramentos, para que o campo se preste para essa missão.

4.2.2.2 F07: *Educar pela ludicidade*

A função educar pela ludicidade (07) diz respeito ao modo criativo que as ativistas encontraram para “educar” a sociedade com relação às suas vivências, tendo por objetivo a conquista do respeito e da compreensão de um público mais amplo. Essa função corresponde a um único enunciado: **a história da ancestralidade é ensinada para fortalecer os argumentos utilizados na pedagogia social do respeito** (E06).

O enunciado **a história da ancestralidade é ensinada para fortalecer os argumentos utilizados na pedagogia social do respeito** (E06) se refere a utilização das narrativas que compõem a ancestralidade, fugindo do demérito do período da escravidão. A metodologia escolhida foi ludicidade como instrumento educativo. A efetividade da função se pauta na ideia da educação infantil: brincar é um modo de aprender amplamente reconhecido. A figura 16 ilustra como isso acontece.

Figura 19: “É literalmente voltar a brincar de boneca só que aprendendo uma histórica rica e bonita da ancestralidade”



Fonte: <https://www.instagram.com>

O exemplo ilustrativo retrata as ações da ativista A1 enquanto presidente do instituto social In2 que trabalha com venda das bonecas *Abayomi*. Essas bonecas são apresentadas como réplicas das de origem africana, e sua materialidade narra uma história dos ancestrais. De acordo com In2 lidar as “*#bonecasabayomi* é literalmente voltar a brincar de boneca só que aprendendo uma história rica e bonita da *#ancestralidade*”, Guillen (2016) descreve que ancestralidade é, para os povos negros, um resgate as suas origens, e um modo positivo de lidar com diversas questões, já que entre esses ancestrais se encontram narrativas de pessoas negras que passaram por situações de lutas nos movimentos negros e se destacaram nessas lutas; eles marcaram a história na posição privilegiada de herói. Hoje, assumir essa narrativa é um suporte tanto emocional como político, que tanto propicia forças para continuar na luta, como assegura a construção de argumentos que desmistifiquem sua posição desprivilegiada, estabelecendo assim uma conexão única. Então, o In2 utiliza as bonecas como uma forma de educar acerca da história dos ancestrais, assim como descrito no exemplo.

As bonecas *Abayomi*, também são um exemplo que ilustram como o consumo se dá através de práticas cotidianas que precisam de um contexto seja ele histórico, social e cultural para que os significados sejam construídos, passem a fazer sentido e se constitua não só na troca mercadológica, mas no uso e no simbolismo (Fiske, 2005; Warde, 2005). Assim elucidar a história da ancestralidade é uma prática de consumo ativista que ao ser encapada no cotidiano,

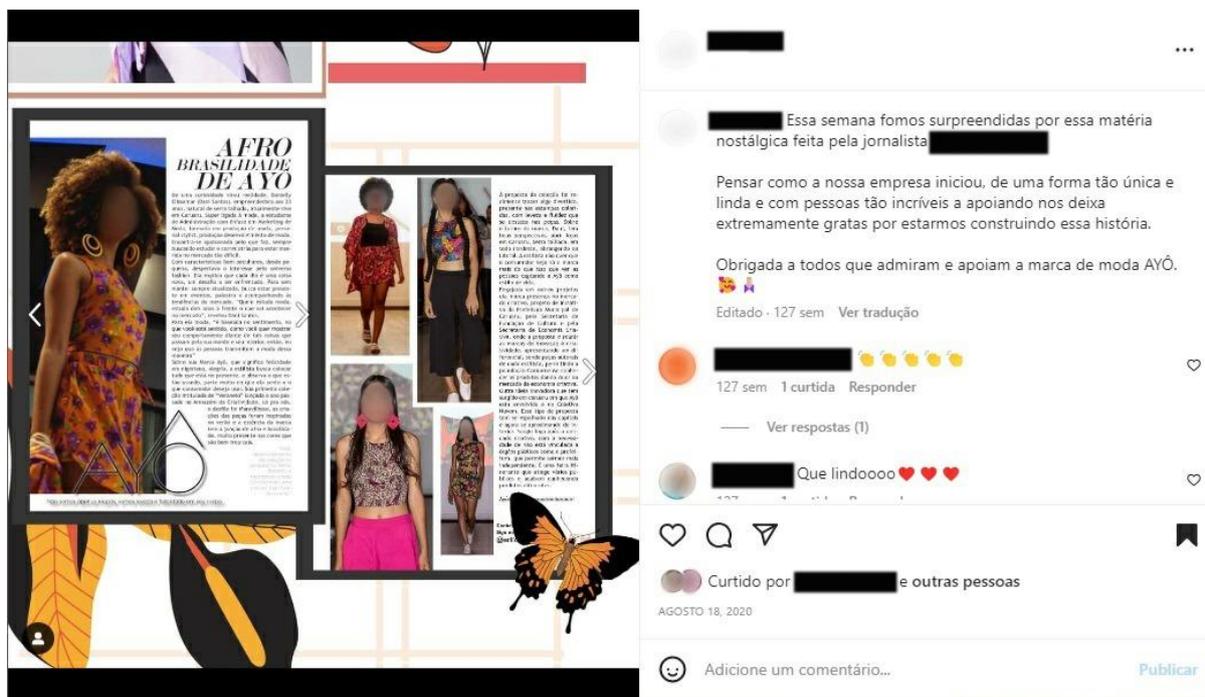
se torna uma das forças da rede do dispositivo empoderamento, capaz de promover dessujeição e constituir a identidade política, por meio dos processos de subjetividade (Foucault, 2009). Caso se construa uma dimensão moral em contraponto às sujeições, tais processos se tornam éticos e servirão para os exercícios da condução de conduta de si e dos outros (Candioto, 2020).

4.2.2.2.3 F08: Reconhecer a força da representatividade

A função: reconhecer a força da representatividade das mulheres negras em discursos e ações (F08) diz respeito ao entendimento claro do papel da representatividade para conquistas dos objetivos da luta antirracista. Essa função se relaciona com três enunciados: **a representatividade política negra é oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano social (E01); as marcas da moda afro-brasileira são consideradas um exemplo de atendimento respeitoso ao cliente (E17); as mulheres negras exaltam a importância das suas mães e avós para as suas vidas (E18)**

O enunciado **a representatividade política negra é oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano social (E01)** que já foi explicado na R2. Nesse contexto ele aborda como as formas de ativismo cotidiano das ativistas, se constituem um exemplo de representatividade negra. A figura 20 destaca isso.

Figura 20: "Afro brasilidade de Ayô"



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura 20 se refere a uma postagem que a M1 compartilha em seu *Instagram*, acerca de uma matéria realizada por uma jornalista que fala sobre a marca. Ela lhe atribui a qualidade de possuir uma “AFRO BASILIDADE DE AYÔ”. A matéria destaca um desfile realizado pela marca, em que é possível observar as estampas florais, geométricas que remetem a cultura africana (Vilela et al., 2021), além das modelos negras que desfilam com os looks. Essas são características do estilo que a marca assumiu. Dessa forma, o exemplo demonstra como a representatividade negra, atributo construído no cotidiano social, é colocado para consumo (Fiske, 2005) e como essa representatividade é relevante na luta das ativistas: é uma estética política ou uma política materializada em signos (Maia & Dohmann, 2019) De acordo com Kozinets and Handelman (2004) é o reconhecimento da força da representatividade que define o alcance da luta das consumidoras ativistas, pois a condição promove engajamento e dissemina os significados que o consumo pode lhes proporcionar.

O enunciado **as marcas da moda afro-brasileira são consideradas um exemplo de atendimento respeitoso ao cliente** (E17) ainda relacionado a função **reconhecer a força da representatividade das mulheres negras em discursos e ações** (F08), diz respeito às explanações de clientes sobre o carinho e o respeito que elas entendem receber da marca, já que a marca é dirigida por uma ativista e assume em seus discursos as mesmas vivências das clientes, desde as dores até a importância do sentimento de pertencimento. A marca promove experiências de consumo significativas, são moda, tem um estilo já naturalizado, se tornando uma bandeira do movimento. Seguindo Fiske (2005), a relevância da dimensão material das resistências populares no nível micro, como é o caso da estética política ofertada pelas marcas e consumida pelas negras, podem atuar como força erosiva e constante, enfraquecendo o sistema. O exemplo a seguir ilustra esse contexto.

Figura 21: “Eu amo tudo na AYÔ”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura destaca uma postagem da marca A1 em seu *Instagram*, e o que nos chamou atenção foi o diálogo entre a marca com uma cliente exposto nos comentários, na qual a cliente expressa o seu sentimento com relação a marca ao declarar: “o mais lindo da AYÔ é o respeito às pessoas, uma roupa que cabe em nossos corpos e não nosso corpo que tem que caber nela. Os detalhes da costura, a essência criativa das estampas. Eu amo tudo na AYÔ”. Logo em seguida a M1 responde: “fazemos tudo para mulheres reais e donas de si”. Ou seja, a marca afirma compreender o que é ser uma mulher real e dona de si e, conseqüentemente, pensa sobre isso ao planejar a produção de suas peças. A fala que afirma criar para “mulheres reais” evidencia uma preocupação com os ideais corpóreos e psíquicos das clientes, que durante muito tempo não foram contemplados. A identificação da consumidora com o discurso se efetivou, ela se sente representada, portanto, respeitada; a cliente demonstra seu interesse e fidelidade ao comentar que desejaria consumir ainda mais os produtos ali produzidos. Warde (2005) destaca que os produtos adquirem significados a partir das relações cotidianas em que eles são inseridos, logo, aqui vislumbramos como a marca adquire valor para o cliente: a cultura de consumo provê a ação de marcas e de consumidores a partir de um imbricado sistema de valores construídos e negociados nas interações e interpretações da vida social (Thompson & Hirschman, 1995), por se pautar por esses valores, a marca representa a negra, o que é uma força nesse contexto socio histórico.

O último enunciado dessa formação vinculado à função: **reconhecer a força da representatividade das mulheres negras em discursos e ações (F08) é: ascendentes diretas negras são referenciadas (E18)**, que destaca a importância da ascendência direta para construção da representatividade, como destaca a figura 22.

Figura 22: “Você sabia que minha musa inspiradora é ela?”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura é uma postagem da marca M1, que evidencia a importância que a mãe da empresária que dirige a marca possui para a vida dela e como essa relevância se estende para sua prática profissional, como destacado por ela:

Você sabia que minha musa inspiradora é ela? Pois é... desde criança respiro moda graça a minha mãezona. Ela usa diariamente Ayô e em dias especiais faz questão de ficar plena com nossas criações minha e dela. Divou ou divou?

O exemplo retrata como a ascendência direta da negra tem um papel formador no seu caráter. A5 afirma que ele é a sua fonte de inspiração, e o seu interesse por moda foi por ela despertado. Ela enfatiza que a sua mãe usa as peças da marca diariamente, sobretudo em dias especiais, demonstrando que a valorização é mútua. O apoio mútuo reforça a construção de representatividade, fortalece o empreendimento da filha e fortalece a comunidade (Junior, 2021).

4.2.2.2.4 F10: *Orgulhar-se dos sucessos das negras*

A função **orgulhar-se dos sucessos das negras** (F10) se refere as várias formas de demonstrações de apoio e de orgulho ao acompanhar o sucesso de outras pessoas negras, que ascendem em suas vidas, seja com relação a profissão, aos estudos, as expressões artísticas, ou como pessoas. Essa função se relaciona com apenas um enunciado: **as negras se apoiam mutuamente** (E13).

O apoio mútuo é algo constantemente praticado entre a comunidade negra das mais variadas formas: jurídico, informacional, educacional, profissional, comercial, moral, financeiro; a prática é dada no empoderamento com vistas a incentivando o e fortalecer o movimento. A figura 23 exemplifica esse cenário.

A imagem é uma postagem da A2 feita em seu *Facebook*. Ela compartilha um momento da apresentação da A1 enquanto “multiartista”, como ela adjetivou. De acordo com a postagem a apresentação aconteceu no teatro, na abertura da semana da Consciência Negra. Na postagem A2 elogiou o grupo e disse que o show foi maravilhoso, divulgando em suas redes. Essa é uma demonstração de apoio muito comum na comunidade: enaltecem sua colega de militância e dissemina os comentários em redes sociais.

Figura 23: “A multiartista [...] e seu grupo de músicos e bailarinos fizeram um show maravilhoso, “vozes de terreiro”



Fonte: <https://www.facebook.com>

O exemplo também evidencia como o engajamento das ativistas é vivenciado, pois uma característica do ativismo é o apoio, dado em ações coletivas (Ndichu & Upadhyaya, 2018), visto que apoiar umas às outras é uma forma de fortalecer a comunidade. Além disso, essa forma de apoio retratada no exemplo, evidencia como o consumo realmente é dado nas práticas do cotidiano, e como todas as práticas possuem momentos de consumo, já que ele é entendido como um processo de produção de valor que envolve bens, serviços, performances, ambientes e informações em que os agentes se engajem. Logo prestigiar a outra por consumir sua produção é uma forma de engajamento com a causa, evidencia seu orgulho pelo sucesso alheio,

tomando a forma de apoio. Todo o contexto promove uma experiência de consumo (Warde, 2005; Fiske, 2005) vivenciada numa prática ativista de empoderamento.

4.2.2.2.5 F13. Fortalecer a autoestima negra

A função **fortalecer a autoestima das mulheres negras** (F13) que se refere ao processo de fortalecimento da autoestima, um processo considerado é difícil, mas entendido como uma primeira etapa para o processo de empoderamento. Essa função, está associada com apenas um enunciado: **aceitar-se como negra é um processo complexo** (E09)

O enunciado **aceitar-se como negra é um processo complexo** (E09) diz respeito às inúmeras forças que atuam dificultando o autorreconhecimento, portanto, a criação de estratégias para enfrentar as dificuldades de assumir essa posição de sujeito. A figura 24 elucida esse processo.

Figura 24: “A nossa auto-estima (mulher preta) chega com nosso amadurecimento e #consciência de quem realmente somos”

22 de abr · 🌐

Auto estima da mulher negra.

Para encarar o espelho de frente, não me achar linda, mas me achar legal ao ponto de fazer um vídeo ou uma foto mais ousada com roupas que eu compro com meu dinheiro do meu trabalho.(só pra constar), briguei muito com espelho...

Esta briga foi fruto de muito bullying, apelidos e piadas de mau gosto. Não estou aqui me fazendo de #vítima e nem tão pouco dando #satisfação. O que vc tem que perceber que a nossa auto-estima (mulher preta) chega com nosso amadurecimento e #consciência de quem realmente somos.

Nasci menina mulher preta, por anos escondi as curvas de meu corpo pq não aguentava mais assédios, não passava batom para não escutar que "o beijo tava maior ainda"

E o cabelo? Ah! O cabelo era tortura pura ,testa queimada de tanto o cabelo ser alisado com #pentedeferroquente as vezes achava que era japonesa de tanto que as "chiquinhas" eram esticadas, era o penteado que minha mãe fazia para nos proteger (foi assim que aprendeu), além de usar boné e roupas largas por um bom tempo de minha adolescência pois era constantemente assediada, até por parentes (outra história)

Sofri por ser a preta cheia de curvas, cintura fina e bundão desde cedo, com 9 anos levei um tapa de

assediada, até por parentes (outra história) Sofri por ser a preta cheia de curvas, cintura fina e bundão desde cedo, com 9 anos levei um tapa de um cara no carro, fiquei com as nádegas doloridas e roxa por uma semana, antes disso aconteceram mais coisas que uma hora conto, o processo de cicatrização é lento. Sou sobrevivente de uma sociedade racista e que mesmo entre "irmãos" lhe julgam.

Ah! Como disse nasci menina mulher preta , me tornei artista , cantora muito antes de ser sacerdotisa

E tenho certeza que meus ancestrais tem orgulho de mim da mulher que me tornei. Minha arte, minhas atitudes, minhas roupas, fotos e vídeos não desabonam o respeito e fé que tenho pelo sagrado, faço pra mim e compartilho com os meus a minha felicidade espírito alegre e jovem , aliás sou muito transparente em tudo e se isto lhe incomoda #saia do meu perfil .

Hoje me aceito, aceito meu #beijo, meus olhos, cabelos e curvas ,me acho linda, mas mais do que isso me sinto forte e corajosa para mandar este recado que vai chegar onde tem que chegar.

Agora dá licença vou ali fazer um #videoreels e depois um ebó para tirar o olho gordo, não necessariamente nessa ordem... lembrar que o vento que sopra ai sopra aqui também , então só abra a boca para comer e beber água e um akasá também cai bem.

#prontofalei
#agoravocêsabe
#autoestimadamulherpreta
#mulherpretaempoderada
#pratanotopo
#maduraemoleca
#entendodorentenderão
#cagandoumonte

#eusoudessas

Fonte: <https://www.facebook.com>

A figura é uma postagem de A1 feita em seu *Facebook*. Ela discorre acerca da autoestima da mulher negra; segundo ela, para encarar o espelho de frente, e se achar pelo menos legal a ponto de fazer um vídeo com roupas que ela compra (com o seu próprio

dinheiro), ela precisou brigar muito com o espelho, e essa briga é reflexo de todo um contexto de racismo. Para ela a autoestima da mulher negra “chega com o amadurecimento e #consciência de quem realmente somos”. O trecho ilustra a reflexão de Souza (2021): ser negro é se tornar negro, o que é feito a partir das vivências e do reconhecimento do que realmente se é. A partir disso, segundo a autora, a pessoa passa a entender o porquê dos acontecimentos, mudarem o pensamento com relação a sua própria aparência e passa a se orgulhar dos seus traços, da sua identidade.

Em nosso arquivo o amadurecimento vem da vivência das negras e do apoio da comunidade. Ela depõe como vivia: “não passava batom para não escutar que o beijo estava maior ainda”; “o cabelo era tortura pura, testa queimada de tanto o cabelo ser alisado”; “além de usar boné e roupas largas por um bom tempo da minha adolescência era constantemente assediada”. As roupas se prestam como artifícios para acentuar ou esconder as formas do corpo (Lipovetsky, 2007).

A condição retrata como o consumo está presente em nossas vidas e possui um papel marcante, pois no caso da A1, assim como destacado nos trechos, alguns produtos serviram para ela se proteger das violências, ou deixava de usar como uma forma de proteção. Porém, quando ela amadureceu, fortaleceu sua autoestima, o próprio consumo adquiriu outro significado “minha arte, minhas atitudes, minhas roupas, fotos e vídeos não desabonam o respeito e fé que tenho pelo sagrado”, ou seja, a estética passou a adquirir o significado político. O uso de produtos adquire significados quando em um contexto cultural (Warde, 2005; Fiske, 2005) e são ações de cunho político (Santos & Vicentini, 2020; Vilela et al., 2021; Maia & Dohmann, 2019). O fortalecimento da autoestima é uma prática de consumo ativista do dispositivo empoderamento e faz parte do processo de subjetivação (Foucault, 2004) e ancora-se no apoio mútuo e na construção coletiva de valores, um processo em que aceitar-se é reconhecido como o primeiro passo.

A formação FD2- **A construção coletiva de valores promove processos de subjetivação**, constituiu-se por vários modos de resistência, de desvios da norma, efetuados pelas negras, na medida em que sentiam os efeitos do poder em seus corpos. Salientamos que a resistência é uma força produtiva, tal como é o poder e, seu exercício, depende da articulação de diferentes agentes sociais, também da convivência dos agentes em um mesmo espaço cultural e de um conhecimento que é compartilhado (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022).

O apoio mútuo, a troca de informações e a solidariedade se revelaram essenciais para a produção de valores nas práticas de empoderamento. Como já vimos, as sujeições são consentidas, são os indivíduos que nelas se inscrevem por identificação, mas para Foucault

(2003), apesar de não poder escapar totalmente das verdades sociais, pois elas advêm da lógica que rege as sujeições e das estratégias de saber-poder, os indivíduos não são passivos a partir de suas sujeições. Quando os efeitos do poder atingem os corpos, surgem desvios ao que é posto e se configuram processos de subjetivação. Mas a subjetivação pressupõe e resulta do governo de si frente as disputas de forças de sujeição e subjetividades autônomas (construídas nos exercícios de resistência) (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022).

Os processos de subjetivação abrem possibilidades para novas formas de existência, ao mesmo tempo possibilitam novos exercícios e relações no poder. Contudo, a produção de valores na condição de apoio e solidariedade que se instauraram nesse coletivo de negras, sugerem a instauração de uma moralidade. Como diz Candioto (2020), na existência de uma dimensão moral, os processos de subjetivação moldados em contraponto às sujeições, envolvendo a ética. A ética para Foucault (2003) envolve a construção de si e formas de atuação sobre si mesmo frente ao que lhes é posto, sendo isso constituinte dos modos de subjetivação. A relação do sujeito consigo mesmo (sujeito moral) é definida por 4 substâncias: “a substância ética, os modos de sujeição, as formas de elaboração do trabalho ético, a teleologia do sujeito moral” (Castro, 2009, p.408).

Embora não seja o objetivo desse estudo explorar a construção de sujeitos, e o olhar para dimensão discursiva não permite isso, as práticas de empoderamento da negra revelam a existência dessas substâncias. Embora a ocorrência da ética não possa ser estudada apenas na dimensão discursiva, seus pequenos fragmentos revelados por saberes serão indicados na terceira formação. Salientamos que o trabalho com a dimensão discursiva do arquivo dessa pesquisa revela apenas as formações discursivas, os saberes que se tem por verdades. As práticas de si envolvem a dimensão não discursiva que com ela se relaciona e, apenas uma análise os diagramas de poder e seus operadores (etapa genealógica) permite identificá-las.

Assim, o que essa formação (FD2) revela é que um processo de subjetivação envolve o conhecimento de si mesmo e perpassa por um movimento de produção de valores que parece definir uma moralidade. Não identificamos como essa moralidade envolve o prazer, mas entendemos que seu processo culmine em um estatuto ético e que envolva processos continuados de autotransformação. As significações geradas nessas práticas possibilitam a construção de subjetividades (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022). Assim, seguindo Candioto (2020, p.330), essa formação esclarece como “a subjetivação é uma relação entre quem estamos deixando de ser e quem ainda não somos”. Portanto, essa “posição intermediária” para os sujeitos, que caracteriza a subjetivação, evidenciou-se nessa formação.

4.2.3 FD3: A ação dada sobre si nas dinâmicas de subjetivação incita o estabelecimento de subjetividades autônomas

A terceira Formação Discursiva é desvelada a partir de como as formas de ativismo, que sucedem no interior do microdispositivo empoderamento, se encaixam no que para Foucault (2009) são as resistências. Tais resistências, como vimos, estão promovendo processos de subjetivação éticos, assunto já tratado pelo próprio Foucault, segundo Souza-Leão; Ferreira & Moura (2022) como sendo formas identitárias políticas. A condição nos leva a terceira formação, que evidencia que subjetividades éticas vêm sendo traçadas nessas práticas. Essa forma-subjetividade é tratada por Souza-Leão; Ferreira & Moura (2022) como autônomas, por se definirem em lugares e situações específicas, e por serem possíveis por causa do exercício produtivo da resistência.

Foucault (1985) indica que constituir-se sujeito é um resultado da formulação ética. Tal formulação é uma produção advinda “de dois processos simultâneos e indissociáveis, a saber: modos de sujeição, segundo os quais as pessoas reproduzem comportamentos estabelecidos no contexto social em que vivem; e práticas de subjetividade, segundo as quais as pessoas realizam atos para viver da forma mais prazerosa possível” (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022, p. 641-642). Os autores reforçam a impossibilidade de formular a subjetividade sem relacioná-la as forças envolvidas e aos exercícios de poder.

Apoiados em Foucault (1985), podemos entender que o que o discursivo revelou em nosso arquivo é que: o trabalho ético que norteou conduta das negras nas práticas de empoderamento ativistas foi constituído pelas práticas interacionais (a incitação aos modos de conduta questionadores, os apoios políticos mútuos e solidários etc.), por uma construção de verdades assumida pelo grupo (o entendimento da não normalidade da condição vivida, o esclarecimento da existência de leis e direitos e o estabelecimento de um lugar de origem: a ancestralidade, conjunto que contribuiu para um maior conhecimento de si), aliadas a um conjunto de elementos (tais como: as estratégias e os meios utilizadas para dessujeição das negras, a ampliação dessa dessujeição para o social e as formas de luta mais constantes, organizadas e centradas).

Contudo, uma posição de sujeito ou subjetividade é constituída por um conjunto de verdades ajustadas, e esse conjunto conforma os modos de governo (condutas e moralidades) que orientam a condução dos sujeitos nesse meio. Assim, o modo como eles negociam com

essas verdades para a compreensão de si mesmo é o que produz a subjetividade moral (Foucault, 1985), algo que envolve a dimensão não discursiva para sua compreensão.

Porém, considerando que o poder só se exerce a partir do saber (Foucault, 2009).; esse saber é produzido nos cenários sociais e são considerados verdadeiros quando os sujeitos os significam e nele se reconhecem, pois, “as verdades derivam de verificações feitas por sujeitos” (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022, p. 642), podemos inferir que as dinâmicas dos processos de subjetivação estão definindo subjetividades autônomas.

No quadro 12 apresentamos os elementos que constituem a formação discursiva 3, e em seguida os dados empíricos que compõem essa formação.

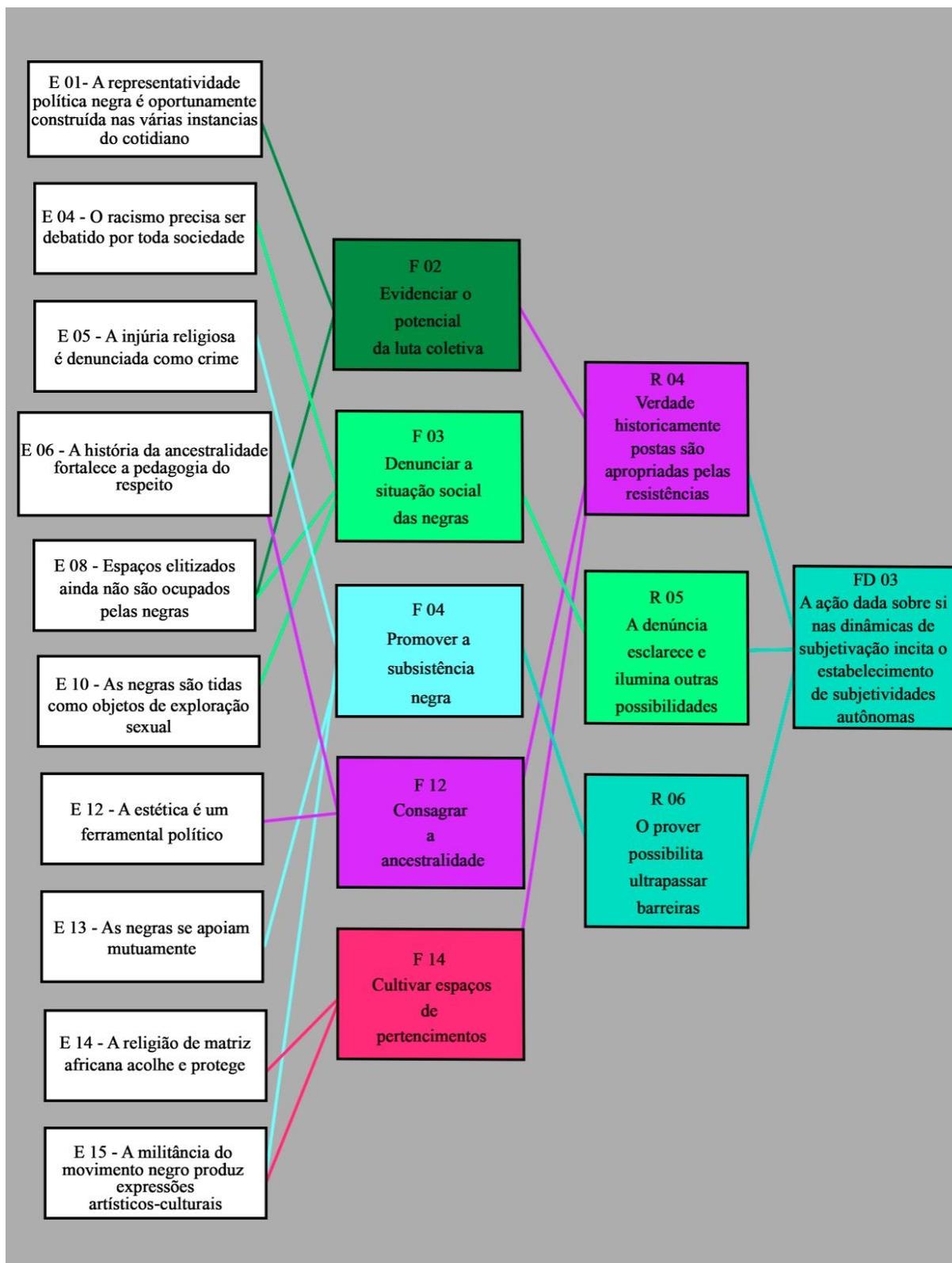
Quadro 12: elementos constituintes da terceira formação discursiva

Enunciados	
E01	A representatividade política negra é oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano
E04	O racismo precisa ser debatido por toda a sociedade
E05	A injúria religiosa é denunciada como crime
E06	A história da ancestralidade fortalece a pedagogia do respeito
E08	Espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras
E10	As negras são tidas como objetos de exploração sexual
E12	A estética é um ferramental político
E13	As negras se apoiam mutuamente
E14	A religião de matriz africana acolhe e protege
E15	A militância do movimento negro produz expressões artísticos-culturais
Funções	
F02	Evidenciar o potencial da luta coletiva
F03	Denunciar a situação social da negra
F04	Promover a subsistência negra
F12	Consagrar a ancestralidade
F14	Cultivar espaços de pertencimentos
Regras	
R04	Verdades historicamente postas são apropriadas pelas resistências
R05	A denúncia esclarece e ilumina outras possibilidades
R06	O prover possibilita ultrapassar barreiras

Fonte: elaboração própria, 2023.

A formação discursiva 03, é composta por dez enunciados, cinco funções e três regras de formação. A figura 25 evidencia como se constituíram as linhas de sentido que fundamentaram a nossa análise e que nos guiaram para essa formação.

Figura 25: Mapa da Formação Discursiva 03



Fonte: elaboração própria, 2023.

4.2.3.1 R4: Verdades historicamente postas são apropriadas pelas resistências

A quarta regra **verdades historicamente postas são apropriadas pelas resistências** (R04) diz respeito as verdades que foram constituídas a partir de relações históricas de saber-poder, portanto, amplamente consideradas inegociáveis ou absolutas, vem sendo acomodadas aos interesses das negras, ou seja, ressignificadas e usadas em seus argumentos, evidenciando como se opera a produção da resistência.

Essa regra é composta pelas funções: **Evidenciar o potencial da luta coletiva** (F02); **consagrar a ancestralidade** (F12); **cultivar espaços de pertencimento** (F14)

4.2.3.1.1 F02: Evidenciar o potencial da luta coletiva

A função **evidenciar o potencial da luta coletiva** (02) atua na disseminação da relevância da coletividade para conquista dos pleitos da luta ativista. Essa função se relacionou com dois enunciados: **a representatividade política negra é oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano social** (E01) e **espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras** (E08).

O enunciado (E01) **a representatividade política negra é oportunamente construída nas várias instancias do cotidiano social** é representado na figura 26, que evidencia como a representatividade vem sendo constituída nas práticas do cotidiano de modo intermitente, com objetivo de disseminar não apenas as pautas, mas a força das ações coletivas.

Figura 26: "Tudo para encerrar o mês da #consciêncianegra em grande estilo"



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura retrata a postagem de A1 em seu *Instagram* em que convida a população para participar do evento:

Sábado dia 30 terá contação de #história das bonecas *abayomi* com uma linda e emocionante #performance, um desfile #afro e o sorteio que ta rolando aqui além do #pocket #show... tudo para encerrar o mês da #consciêncianegra em grande estilo.

Trata-se da comemoração do mês da consciência negra, um evento que conta com várias práticas de consumo como a contação de história das bonecas *Abayomi*, desfiles de moda afro, sorteios, entre outras atrações. Segundo Lima⁸:

Há décadas o mês de novembro tem se tornado referência para atividades que inspiram a luta, resistência e, principalmente, a rebeldia do povo negro, que historicamente tem sido os sujeitos do enfrentamento ao racismo articulado nas diversas esferas da sociedade.

Lima explica que o evento acontece em todo o país, conta com a participação de vários setores organizados do Movimento Negro e sua importância política é reconhecida, por gerar

⁸ <https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacetens/noticias/189-novembro-negro>

amplios debates acerca de uma modelo de sociedade mais igualitário e apontar caminhos para avançar numa construção mais cidadã.

O evento discute a construção histórica e dissemina as ideias para a sociedade, sendo a participação no movimento considerada um engajamento com a pauta. Por isso, o evento é divulgado pelas negras da comunidade, que dele também participam ativamente, levando suas produções. Essa é uma ação que envolve o empoderamento, pois essa é uma maneira de negociar os modos de assumir as verdades postas (Foucault, 2009), e de construir coletivamente uma representatividade política. As negras o fazem em todos os espaços que ocupam, o que tem se tornado habitual na comunidade.

Ainda nessa mesma função **evidenciar o potencial da luta coletiva** (02), o enunciado **espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras** (E08) objetiva conscientizar a importância da luta coletiva para firmar a ocupação das negras nesses espaços de poder que ainda não são ocupados e que precisam ser, a figura 27 elucida esse cenário.

Figura 27: “#BlackMoney já! O poder para o povo preto é consumir do povo preto”



Fonte: <https://www.facebook.com>

A figura destaca uma publicação de A1 em seu *Facebook*, no qual ela discorre acerca da falta de oportunidade de ocupações em espaços sociais relevantes:

Somos vetados desde sempre por conta do nosso cabelo, cor de pele, religião e tantas outras coisas nossas... Ele tá certo #BlackMoney já! O poder para o povo preto é consumir do povo preto... É nós por nós sempre!!! Temos habilidades ancestrais de sobrevivência basta nos organizarmos.

A1 retrata que a população negra tem poucas oportunidades de ocupar espaços de poder. Em nosso arquivo surgem discussões sobre essa falta de oportunidade no campo da política, da grande imprensa, dos espaços de compra, etc. Sendo o consumo um espaço relevante para construção de representações sociais (Sansone, 2000), historicamente negado a população negra (dos Santos & de Lima, 2020), atrelado ao fato de sua condição econômica, A1 dissemina a ideia de que uma forma de se conquistar o poder para o povo preto é consumindo do povo preto e destaca o *Blackmoney* que, como já citado, é um movimento que visa estimular o consumo entre a comunidade negra para gerar recurso e trabalho (Junior, 2019). Ela conclui: “temos habilidades ancestrais de sobrevivência basta nos organizarmos”, evidenciando seu reconhecimento da importância do engajamento, da luta coletiva (Warde, 2005; Kozinets & Handelman, 2004) para que a comunidade negra, sobretudo, para que as mulheres negras venham a ocupar espaços de poder.

Logo, essa prática de empoderamento incita a resistência, já que a resistência é para Foucault (2009) uma criação, um desvio da norma, que produz rachaduras do poder e estratégias de dessujeição, proporcionando a dinamização do ambiente relacional. A1 anuncia que a população negra só vai “conquistar o poder” quando consumir dos seus e produzir para os seus, pois esse pode ser um caminho para a conquista de representatividade. O objetivo da luta ativista no consumo é buscar mudanças na cultura do consumo, para que os grupos que não são representados, passem a ser, assim como também consigam conquistar espaços de poder (Kozinets & Handelman, 2004; Kozinets, 2002a; Thompson, 2004; Thompson & Troester, 2002).

Esse cenário também ilustra o que Fiske (2005) caracteriza por cultura popular, ou os constantes processos de luta de indivíduos desempoderados de recursos, sejam eles discursivos ou materiais, fornecidos pelas forças dominantes. Esses desempoderados não lutam por transformação em todo o sistema que os subordinam, até porque compreendem que isso não é possível, mas as suas lutas são em busca de uma melhor condição de vida. Assim, esse modelo de luta acontece de forma gradativa, aos poucos e de forma intencional, mas é o trabalho de hoje que promove condições futuras de transformações. Assim, é necessário estabelecer uma

consciência popular para que as suas ações sejam mais efetivas e que o cenário venha a mudar. Constatar, imaginar saídas e disseminar essa condição é um primeiro passo.

4.2.3.1.2 F12: Consagrar a ancestralidade

A função **consagrar a ancestralidade** (F12) aponta para o papel que os signos da ancestralidade possuem na vida das negras, papel esse que representa apoio, fortalecimento, incentivo para lutar e uma forma de resistência. A ancestralidade é uma produção significativa que se pauta na reconstrução social e histórica da cultura africana e as relações sociais, culturais e políticas envolvidas; ela promove conhecimento, identidades, sensação de pertencimento, possibilitando um resgate da própria humanidade, segundo o blog *Diáspora Black*⁹. Dois enunciados se revelaram relacionados à essa função: **a estética é um ferramental político** (E12) e **a história da ancestralidade fortalece a pedagogia do respeito** (E06)

O enunciado **a estética é um ferramental político** (E12) demonstra como a ancestralidade oportuniza elementos para construção da estética política (Santos & Vicentini, 2020). Esse contexto é ilustrado pela figura 28.

Figura 28: "[...] isso é #afrocentralizar negro, valorizar e consumir o que o outro irmão produz e assim fortalecer nossa luta.



Fonte: <https://www.instagram.com>

⁹ <https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar-sobre-nos-mesmos>

A figura 28 retrata a postagem de A1 em seu Instagram no qual ela exemplifica a importância do tecido *samakaka*. Ela narra a história do tecido e como se dá a sua produção:

Esta #fabricação levou a distinção de #sociedades e grupos #etários entre estas por meio da #cor e #estampas – estas, produzem os #panos nas suas #aldeias e o trabalho é executado por #mulheres e crianças- a produção não é exclusivamente interna, como também é um meio usado para o #sustento do grupo – com a venda – na obtenção de produtos não cultiváveis. Como é o caso do #povoMuíla- oriundo de Angola (província de Huíla) – que produz manufaturadamente o pano Samakaka. Usado entre os Muíla e comercializado no exterior das aldeias. Isto é #afrocentralizar negro e valorizar e consumir o que o outro irmão negro produz e assim fortalecer nossa luta é #resistência.

No trecho citado é possível compreender que o tecido *samakaka* adquire valor para A1 por toda a história em que ele está inserido: as condições da produção, o fato de que a fabricação ser o meio de sustento do grupo que o produz, além de ser usado pelo próprio grupo. Então, comprar e usar o tecido surge nesse contexto como uma forma de engajamento e de fortalecimento da luta,. Os autores Maia e Dohmann (2019) abordam o significado que os tecidos africanos possuem. Para eles, o *samakaka* se tornou um símbolo identitário da cultura negra, sendo considerado uma forma de expressar sentimentos e, principalmente, posicionamentos políticos. Os autores destacam o seu uso, pois esse possui um simbolismo que se transforma em ferramenta de fortalecimento, por todo o significado que envolve o ato. A condição corrobora com Warde (2005) em relação a amplitude do consumo, que envolve, para além do ato da compra, as práticas do uso, propiciadoras das possibilidades de significação.

Dessa forma, a estética se torna um símbolo político, um modo de materializar e disseminar a luta, sinalizar as posições dos indivíduos, estimular o engajamento, por todo o contexto social e histórico em que ela está inserida. Consagrar a ancestralidade por meio da estética política foi um modo dos mais eficazes de criar valores, ressignificar a existência, demarcar posições, pautar a construção de argumentos mais fortes, e subsidiar a formulação de uma ética por meio da qual o sujeito deverá se construir enquanto sujeito moral. Cabe a ele elaborar um trabalho de adequação/transformação para com a ética, o que perpassa, entre outras coisas, por um período de aprendizagem, definir a parte de si que será matéria da conduta moral, por modos de se reconhecer na sujeição – como se reconhece relacionado a regra, bem

como, governar sua conduta para manter-se relacionado ao real e ao código, como analisa Foucault (1984). O conjunto de verdades ajustadas constitui a subjetividade autônoma.

O segundo enunciado que compõem a função **consagrar a ancestralidade** (F12) é a **história da ancestralidade fortalece a pedagogia do respeito** (E06). A relação evidencia como o fato de promover informações para as negras acerca do passado do seu povo, das suas origens, promove significados e valores, estabelecendo relevância tanto para pessoas como para lugares. A materialidade desses significados da ancestralidade, promove um lugar de pertencimento (Lucena, 1998) e fortalece a comunidade. O exemplo a seguir retrata esse contexto.

Figura 29: “Fiz este vídeo para meus alunos em alusão a semana de Tereza de Benguela”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura ilustra uma postagem realizada no *Instagram* do instituto cultural In2 conduzido pela ativista A1, no vídeo ela conta uma história acerca das bonecas *abayomi*, as suas origens, o seu significado e a sua relevância para a cultura negra. O vídeo é endereçado aos seus alunos, durante a semana de Tereza de Benguela (ancestral muito reverenciada na comunidade negra). Ela narra:

Abayomi, abayomi, um presente, um grande encontro e um modo de amar. *Abayomi, abayomi*, uma história tão bonita que agora eu vou contar... Há muito tempo quando pessoas eram trazidas da África para se tornarem escravas aqui no Brasil, famílias inteiras eram separadas. Pais iam em um navio negreiro, mulheres em outros, e as crianças sozinhas em outros navios negreiros, separadas dos seus familiares, as crianças choravam desesperadamente porque elas não entendiam por que estavam sendo arrancadas da sua terra natal, aonde estavam os seus pais, porque os seus reis, as suas rainhas estavam sendo chicoteadas, e as crianças choravam... As mulheres negras que estavam ali naquele navio, vendo o desespero de todas aquelas crianças, começaram a arrancar partes das suas saias e, através dos retalhos, a fazer as bonecas *abayomi*. São bonecas feitas só de nó ou de trançados, não existe costuras nessas bonecas. As crianças quando aprenderam a fazer as bonecas *abayomi*, paravam de chorar e através dessas bonecas elas se tornaram mais felizes. Então a boneca *abayomi* é um símbolo de resistência da mulher negra, trazendo alegria para todas essas crianças.

O vídeo evidencia como os produtos de consumo são investidos de valor ancestral e se prestam para ensinar sobre o respeito a solidariedade e a resistência. Desde cedo tais signos são venerados, portanto consagrados pela comunidade. Ao propagar o conhecimento acerca dos ancestrais e de suas vivências, ela a transmite para os seus alunos e para seus seguidores. Especialmente, ela ensina sobre o respeito, munido o grupo de conhecimento e de sentidos para abastecer seus argumentos na constante e necessária cobrança por respeito. A condição se caracteriza como uma consagração da ancestralidade, ao mesmo tempo em que é uma prática ativista de empoderamento. Ainda, quando ela compartilha o vídeo com toda essa história contada, ela incentiva os consumidores a adquirirem as bonecas como uma forma de fortalecer a luta e, transferido esses sentidos para o produto, gera valor para o Instituto e o abastece financeiramente. Aqui vemos como a comunidade convive e trabalha integrada. As práticas interacionais geram modos de pensar e se conduzir, constrói valores e verdades que vão sendo assumidos pelo grupo o que, certamente, promove dessujeição e indica fortemente a construção de um trabalho ético, na forma apregoada por Foucault (1985).

4.2.3.1.3 F14: Cultivar espaços de pertencimento

A função **cultivar espaços de pertencimento** (F14) demonstra a relevância desses espaços para o acolhimento mútuo, um apoio fortalecedor frente a condição de vivências

cercadas de violências. A sua importância pode ser demonstrada na luta da comunidade para que esses espaços sejam preservados e valorizados. Essa função está ligada há dois enunciados: **a religião de matriz africana acolhe e protege** (E14); **a militância do movimento negro produz expressões artísticas-culturais** (E15).

O enunciado **a religião de matriz africana acolhe e protege** (E14) retrata o papel que o terreiro possui na vida das negras. Ele é valorado por elas como um local de pertença, de acolhimento e de apoio mútuo, além de ser o espaço de encontro com o divino e momento de invocar e consumir a proteção maior do sagrado, feita por meio dos orixás. Apesar da liberdade religiosa já ser protegida pela Constituição, a intolerância religiosa ainda persiste socialmente e é fonte de medo e desconfiança (Coelho; Oliveira & Lima, 2016). O pavor social é tratado pelas autoras como “medo do feitiço”. O lugar - os terreiros, são reconhecidos como dos negros, portanto sofrem das mesmas violências e são constante e fisicamente ameaçados. A comunidade trabalha para sua preservação física, moral e financeira. A figura 30 evidencia isso.

Figura 30: “ Feito pelos filhos do terreiro para captação de recursos da nossa construção”



Fonte: <https://www.facebook.com>

A figura ilustra a postagem de A1 em seu *Facebook*. Ela aborda a venda dos produtos como brincos, turbantes e as bonecas *Abayomi*, produzidos pelos “filhos do terreiro” e objetivando arrecadar recursos para a construção do terreiro. O autor Guillen (2016) corrobora que o terreiro é, há muitas décadas, considerado um espaço de apoio, acolhimento e pertencimento para a população negra, porque é lá que eles vivenciam as suas origens, são culturalizados e se conectam com o sagrado, passando a reconhecer o significado da ancestralidade e a se reconhecer como membro da comunidade.

Os sentidos e valores são produzidos e consumidos nas práticas cotidianas, no contexto do que é vivido (Becker, 2018), envolvendo emoções e desejos de pertencimento (Reckwitz, 2002). A conduta ensinada e vivida é reproduzida como uma prática de empoderamento, o que indica um processo de sujeição do dispositivo de empoderamento com a qual as negras se identificam e submetem. Os atos realizados para viver de um modo mais seguro (moral e

fisicamente), ou ainda, “viver da forma mais prazerosa possível” (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022, p.642), demarca a existência dos dois processos simultâneos e indissociáveis: um modo de sujeição e uma prática de subjetividade, portanto uma formulação ética possível (Foucault, 1985).

O enunciado a **militância do movimento negro produz expressões artísticas-culturais** (E15) ainda relacionado a função **cultivar espaços de pertencimento** (F14), diz respeito ao incentivo dado pela comunidade à produção negra criativa, bem como ao seu consumo como parte da militância do movimento. Esse incentivo dado à produção artística se evidenciou voltada para incentivar o consumo da arte negra, para disseminá-la, para fortalecer a autoestima, entre outros. Aqui demonstramos o modo como a ação é efetuada envolvendo os produtos e o espaço institucional para cultivar os espaços de pertencimento e fortalecer a cultura negra. As figuras a seguir exemplificam esse cenário.

Figura 31: “Estamos preparando vídeos de AFROBERIZAÇÃO em breve aqui”



Fonte: <https://www.instagram.com>

Figura 32: "Exposição #afro inteira #cultura #costumes e #luta de um #povo"



Fonte: <https://www.instagram.com>

A imagem 31 se refere as ações do instituto cultural In2, comandado pela A1, no qual a ativista confecciona as bonecas *abayomi* e na imagem ela diz preparar um vídeo de “afroberização” para postar no *Instagram* do Instituto, já que as pessoas precisaram ficar em casa com pandemia da COVID-19. Ou seja, ela “afrobeta” ao ensinar sobre a sua cultura, ao mesmo tempo que divulga o seu trabalho com as bonecas *Abayomi*, o que destaca as produções artísticas-culturais produzidas pela militância em suas práticas ativistas de empoderamento, visando produzir cultura e cultivar os espaços de pertencimento.

Ainda nesse mesmo enunciado a **militância do movimento negro produz expressões artísticas-culturais** (E15) e função **cultivar espaços de pertencimento** (F14), a figura 32 se refere a uma postagem de A1 em seu *Instagram*. Numa exposição ela apresenta a cultura, os costumes e a luta da população negra. A exposição conta com as bonecas *Abayomi*, quadros com xilogravuras de orixás, looks com estampas étnicas, turbantes e a produção de tranças nagô. A1 cita uma frase de Ângela Davis “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, o que evidencia como as ações reforçam o valor dos signos da ancestralidade e como, em todos os momentos, é reforçada a importância da união e da solidariedade da coletividade. O exemplo, da mesma forma, ilustra a ação do microdispositivo de empoderamento, demarcando a existência dos dois processos: um modo de sujeição e uma prática de subjetividade, portanto uma formulação ética possível (Foucault, HS3). O consumo simbólico é dado na experiência gerada pela prática de empoderamento,

envolvendo a produção de cultura popular (Fiske, 2005) e reforçando o engajamento com a luta negra (Santos & Vicentini, 2020).

4.2.3.2 R5: A denúncia esclarece e ilumina outras possibilidades

A quinta regra de formação **a denúncia esclarece e ilumina outras possibilidades** (R05), corresponde as várias formas de manifestação realizadas pelas negras acerca das suas vivências com preconceitos. Logo, quando essas denúncias são comentadas (acontece a interação), elas assumem a forma de esclarecimento de realidades vivenciadas – geram conhecimento da situação e de si mesmo; os debates, ao mesmo tempo, produzem ideias, incitando o pensamento a imaginação de outras possibilidades que, certamente, serão pautas de ações de enfrentamento – resistências produtivas. Ao mesmo tempo, a troca na interação, ao inspirar outras possibilidades de modos de vida, constituem práticas de subjetividade. Isso corrobora com o pensamento de Fiske (2005): a construção de cultura popular, seus significados e prazeres é um processo contínuo, inerentemente político, sendo construído com recursos fornecidos pelo próprio sistema que desempodera os subordinados. Portanto, essa regra se relacionou com apenas uma função: **denunciar a situação social da negra** (F03).

4.2.3.2.1 F03: Denunciar a situação social da negra

A função **denunciar a situação social da negra** (F03) aponta para a estigmatização ainda presente na realidade cotidiana das negras como essa dor é utilizada no intuito de promover uma conscientização da sociedade acerca de tal situação. Os enunciados que compõem essa regra são: **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E04); **espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras** (E08) e **as negras são tidas como objetos de exploração sexual** (E10).

O enunciado **o racismo precisa ser debatido por toda a sociedade** (E04) diz respeito ao entendimento das ativistas acerca de que um entendimento social mais justo e humano pode ser construído a partir da disseminação da irracionalidade de uma violência naturalizada, então efetuado por debates abertos e amplamente disseminados. E, por compreender a importância e urgência da causa, elas buscam em suas incessantes ações, mostrar esse contexto. Assim como destaca a figura a seguir.

Figura 33: “Então o racismo que você não vê, a gente te mostra”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura retrata uma postagem de A1 acerca do racismo: “Então, o racismo que você não vê, a gente te mostra”. Ela divulga um projeto que vai ser exibido em um programa de TV intitulado “AFROntar”. A divulgação de programas televisivos dissemina pensamentos, pois são fontes de influência e, como afirma Duarte (2018) é um meio de consumo que está crescendo nos últimos anos devido as várias possibilidades de acesso a partir das ferramentas tecnológicas disponíveis. A disseminação de modos de pensar pela razoabilidade dos motivos da violência: ser negra e mulher, é uma estratégia do dispositivo de empoderamento, uma força criativa de resistência que se entrelaça nas redes dos saberes opressores dominantes, como os dispositivos disciplinares do racismo e de gênero (Foucault, 2004). Como reconhece Foucault (2009), os dispositivos agem entrelaçados. A estratégia tem potencial efetivo para denúncia de uma situação social, demonstrando como verdades vão sendo ajustadas e conformam uma subjetividade moral capaz de orientar os modos de governo de si e dos outros. Para Foucault (1985), a subjetividade é constituída por esse conjunto. Entretanto, a compreensão do modo como esses agentes negociam essa produção de verdade para compreensão de si mesmos, envolve uma análise da dimensão não discursiva dessas práticas. É a ação dada sobre si mesmo nas dinâmicas dos processos de subjetivação que estimulam o estabelecimento da subjetividade (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022).

O enunciado **espaços elitizados ainda não são ocupados pelas negras** (E08) ainda na função **denunciar a situação social da negra** (F03), evidencia como as negras ativistas reconhecem a importância de ocupar espaços e posições de poder para garantir direitos mais igualitários, menos violência, mais respeito. A figura 34 demonstra essa relação:

Figura 34: “Ilusão mentirosa de ocupação de um espaço elitizado”

Manos, Manas nem todo espaço merece nossa presença !!!!

15 de fev · 🌐

Faço minhas as palavras da [REDACTED]

Ontem trabalhando até tarde no computador deixo a tv ligada (quem me conhece sabe) quando dei por mim vi ataques a uma mulher negra um atrás do outro!!!

Passei mal, senti dor no peito, vi nos olhos de Naty a dor, euuuu senti esta dor!!! Falaram que ela tem várias personalidades apesar de ser educada, nós mulheres negras ficamos na defensiva sim, muitas vezes somos desejadas mas não somos amadas, somos as últimas a ser escolhida, ainda temos poucas oportunidades de realmente mostrar que somos mais que um balanço de quadril. Odiei cada vez mais este #bbb22 Colocam nossos irmãos perdidos lá dentro numa ilusão mentirosa de ocupação de um espaço elitizado e ainda colocam os nossos contra os nossos, manipulando-os e injetando raiva, ira e mágoa.

Manos, Manas nem todo espaço merece nossa presença !!!!

está em Assembleia Legislativa de São Paulo. · Seguir

15 de fev · São Paulo · 🌐

AVISO ESSA NÃO É A NOSSA PAUTA REAL

Infelizmente, mais uma vez, o pano de fundo é a exploração da discórdia e da intriga... Ver mais

MARIA NATÁLIA

3 1 compartilhamento

Fonte: <https://www.facebook.com>

A Figura 34 se refere a uma postagem de A1 em seu *Facebook* e diz respeito a um fato que ocorreu no Big Brother Brasil (BBB) na edição de 2022. Ela narra:

Passei mal, senti dor no peito, vi nos olhos de Naty a dor, euuuu senti essa dor!!! Falaram que ela tem várias personalidades apesar de ser educada, nós mulheres negras ficamos na defensiva sim, muitas vezes somos desejadas, mas não somos amadas, somos as últimas a ser escolhida, ainda temos poucas oportunidades de realmente mostrar que somos mais que um balanço de quadril. Odiei cada vez mais este #bbb22 Colocam nossos irmãos perdidos lá dentro numa ilusão mentirosa de ocupação de um espaço

elitizado e ainda colocam os nossos contra os nossos, manipulando-os e injetando raiva, ira e mágoa.

As palavras evidenciam a falta de oportunidade de mostrar as suas competências, porque já são excluídas mesmo antes disso. Almeida (2018) reflete sobre a construção da mulher negra e destaca que elas sofrem a questão do gênero, da raça e da classe social, condição que afeta brutalmente as suas vidas. Contudo, o motivo da denúncia está em alertar que, mesmo quando se oportuniza essa participação, o direito à igualdade ainda lhes é negado. O fato de colocar “os irmãos perdidos lá” numa “ilusão mentirosa” reflete isso. Os espaços de entretenimento como uma rede televisiva e seu *reality show*, de enorme audiência (Stefano & Vieira, 2021), são espaços de consumo que ainda compartilham os saberes dominantes de um capitalismo branco e patriarcal (Fisk, 2005). Foucault (2005b) analisa como o racismo “oficial” foi fruto de um dispositivo que respondeu a uma urgência histórica e biológica e, desde então, funciona como “verdade” fundamentada nessa urgência (uma criação).

Assim, mesmo que se incluam pessoas negras nesse tipo de *reality*, até pelo próprio espírito competitivo que o caracteriza, o que acaba por acontecer é estimular situações como as descritas por A1: “ainda colocam os nossos contra os nossos, manipulando-os e injetando raiva, ira e mágoa” o que ela destaca como sendo a ilusão mentirosa de ocupação de espaço. Por tanto, ela conclui: “manos, manas nem todo espaço merece nossa presença!!!!” No arquivo, por meio de várias práticas, o grupo prega e vivencia o apoio solidário e, qualquer contexto que coloque negro contra negro é algo incomoda, que enfraquece a luta. Seguindo Rosenthal (2022), ideologias políticas se prestam como ferramental para organizar uma realidade social, e ela se pauta em separar o lado que é moralmente correto – o nós, do lado que não é – o eles.

Essa ação ativista é efetuada em prol do empoderamento, por isso o aviso: “essa não é a nossa pauta real” se coloca como um convite para que os esforços foquem na pauta que se entende como sendo a mais efetiva, e que não permitam que as “falsas promessas”, digamos, lhes “encham os olhos” e desviem sua atenção. A denúncia seguida do alerta indica a existência de uma produção de saberes entendidos como verdadeiros, que se opõe aos que não o são. Isso porque uma verdade só existe quando os sujeitos dão significação aos saberes e se reconhecem nesses, pois “as verdades derivam de verificações feitas por sujeitos” (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022, p. 642). Segundo Foucault (2020), as dinâmicas de subjetivação acontecem associadas a discursos verdadeiros e resulta na constituição de si enquanto sujeito ético. A subjetividade se constitui vinculada a ética, portanto, está ligada a como o sujeito se relaciona

com as coisas e com o mundo frente a uma construção moral; é mediada pelo exercício do saber-poder e da resistência.

Já o enunciado **as negras são tidas como objetos de exploração sexual** (E10) ainda associado a função **denunciar a situação social da negra** (F03), diz respeito às violências sexuais que as mulheres negras sofrem, ao serem tidas, desde o período escravocrata, como objetos sexuais, associação que prevaleceu e perdura até os dias atuais. O exemplo a seguir elucida essa relação.

Figura 35: "Leiam, se puderem o livro: "OS HORRORES DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA"

Compartilhando, uma pequena amostra dos horrores da Escravidão no Brasil, período colonial, com práticas que tentam se eternizar, em pleno Séc. XXI, e que precisam serem REPUDIADAS, CRIMINALIZADAS, RECHAÇADAS, ABOMINADAS, porque, tentam justificar a violência sexual e culpabilizar as vítimas. Leiam atentamente, compartilhem e se integrem no grupo, dos que não são RACISTAS, mas do que são também ANTIRRACISTAS! Leiam, se puderem o livro: "OS HORRORES DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA".

Quebrando o Tabu • Seguir
15 de dez de 2018

A miscigenação não foi pacífica, foi fruto do estupro e violência sexual. Essa sequência histórica é muito boa.... Ver mais

Sequência

Durante a escravidão brasileira, fazendeiros, militares e governantes reivindicavam direito sobre a alma e os corpos de negros cativos. Sua depravação moral criou uma cultura de estupro e desumanização que cravou marcas no imaginário popular até os dias de hoje

Na colonização era comum que os portugueses e outros europeus não trouxessem inicialmente suas famílias para nossas terras, e se assaram a olhar para os nativos com muita lascívia. Sua nudez foi interpretada como se estivessem se "oferecendo" a eles.

2
1 compartilhamento

Curtir Comentar Compartilhar

Fonte: <https://www.facebook.com>

O recorte é uma publicação da A2 em seu *Facebook*, que trata de uma publicação sobre as violências que as negras vivenciaram no período escravocrata e destaca “uma pequena amostra dos horrores da Escravidão, no Brasil, período colonial com práticas que tentam se eternizar, em pelo séc. XXI, e que precisam ser REPUDIADAS, CRIMINALIZADAS, RECHAÇADAS, ABOMINADAS, porque tentam justificar a violência sexual e culpabilizar as vítimas”.

Esse tipo de violência ainda ocorre no contemporâneo com frequência, as negras as vivenciam (Almeida, 2018). A ativista sugere que as pessoas leiam o livro, portanto, se informem acerca da não normalidade dessa condição; e que compartilhem esse conhecimento. Ainda, a partir da leitura, sugere que elas se integrem nos grupos dos que não são racistas (passivos, simpatizantes), mas também nos antirracistas (ativistas da causa). A condição é indicativa da construção de uma moralidade. A criação de um código moral depende do autoconhecimento e de assumir uma posição crítica sobre o contexto social. Esse tipo de ação ativista abastece o espaço intersubjetivo e incentiva a assumir condutas embasadas em posicionamentos culturais e morais, tal como trata Foucault (2020).

4.2.3.3 R6: O prover possibilita ultrapassar barreiras

A sexta e última regra de formação do nosso campo discursivo, é intitulada: **o prover possibilita ultrapassar barreiras** (R06) e se refere as ações de incentivo à prática de solidariedade entre pessoas da comunidade, o que inclui munir as pessoas financeira e moralmente. Essa regra é formada por uma única função: **promover a subsistência negra** (F04).

4.2.3.3.1 F04: Promover a subsistência negra

A função promover a subsistência negra (F04) apresenta as ações de apoio para o sustento e/ou fortalecimento das pessoas que formam a comunidade negra, essa função é composta pelos enunciados: **a injúria religiosa é denunciada como crime** (E05); **as negras se apoiam mutuamente** (E13) e **a militância do movimento negro produz expressões artísticas-culturais** (E15)

O enunciado **a injúria religiosa é denunciada como crime** (E05) diz respeito a prática de dá ciência às negras que certos atos praticados contra os adeptos de religiões de matriz africana e/ou seus rituais são previstos na legislação brasileira como crimes. A informação

objetiva proteger e ensinar como lidar com as possíveis situações. A imagem 32 ilustra essa relação:

Figura 36: "Aspectos legais vigentes frente à Intolerância Religiosa"



Fonte: <https://www.facebook.com>

O exemplo é uma postagem de A2 em seu *Facebook*. Reporta um evento em que ela ministrou uma palestra intitulada “Aspectos leais vigentes frente à intolerância Religiosa”. O evento contou com relatos de pessoas que vivenciam essa forma de violência, e ainda, com

apresentações culturais com a Cia Ori Dance, o sorteio de brindes, depoimentos diversos e homenagens. O encerramento contou com a degustação do tradicional ‘ajeun’¹⁰”

No momento em que a A2 compartilha os seus conhecimentos sobre as leis que protegem e amparam os adeptos das religiões de matriz africana, ela possibilita meios de proteção para essa comunidade que ainda sofre esses preconceitos (Gomes, 2019). Ela traz relatos de quem vivenciou, ensina como se deve agir, ensina a se fortalecer frente às injúrias. Seguindo Foucault (1984, p.30), são “as práticas que permitam transformar o próprio modo de ser”. A subjetividade se conecta ao que é constituído pelas relações sociais, pela cultura e pela ética e moralidade consolidadas no coletivo.

O enunciado **as negras se apoiam mutuamente** (E13) ainda na função **promover a subsistência negra** (F04) visa exemplificar as várias formas de apoio que são praticadas entre a comunidade negra, desde o emocional, ao profissional, até mesmo o financeiro, e nesse contexto ele visa exemplificar como esse apoio se transforma no fomento da própria subsistência da negra. A figura 37 elucida tal relação.

Figura 37: “Com apoio emergencial para equidade racial”



Fonte: <https://www.instagram.com>

¹⁰ Ajeun significa comer junto, além disso no candomblém o horário do ajeun é um momento único, em que ocorre a reunião da comunidade em torno de um alimento em comum. Disponível em: [https://www.dicionarioinformal.com.br/ajeun/#:~:text=1..Ajeun&text=A%20palavra%20ajeun%20\(ajeun\)%20%C3%A9,torno%20de%20um%20alimento%20comum.](https://www.dicionarioinformal.com.br/ajeun/#:~:text=1..Ajeun&text=A%20palavra%20ajeun%20(ajeun)%20%C3%A9,torno%20de%20um%20alimento%20comum.)

A figura destaca uma ação da ativista A1 enquanto fundadora do instituto cultural In2. A ação visa arrecadar lucros a partir das vendas dos produtos, para prover a subsistência de famílias negras, sobretudo famílias lideradas por mulheres, assim como mencionado. A ação em questão foi realizada durante a pandemia da COVID-19, tempo ainda mais difícil para pessoas menos favorecidas financeiramente (Komatsu & Filho, 2020), A ação solidária se coloca como um modo de resistência da comunidade: “#mulhernegraresiste”. As práticas de apoio revelam uma consciência política de viver comunidade e de assumir responsabilidade perante o grupo, o que conforma uma moralidade. Os modos de subjetivação moral pressupõem o estabelecimento de práticas de si a ele vinculadas e a constituição do sujeito ético como um efeito delas (Foucault, 1984)

A função **promover a subsistência negra** (F04) também se relacionou como a **militância do movimento negro produz expressões artísticas-culturais** (E15) e diz respeito as atividades artísticas praticadas pelas negras, tais como a produção de peças artesanais, composições musicais, criações de looks para desfiles, a produção desses desfiles, além de coleções de moda-vestuário com estampas exclusivas. Na comunidade, o incentivo mútuo se dá para produção e para o consumo de tais produções e são disseminados pelas redes sociais. Por tanto, essas práticas são uma forma de promover a subsistência, as figuras a seguir exemplificam esse cenário.

Figura 38: “Afro inteira cultura, costumes e luta de um povo”



Fonte: <https://www.instagram.com>

A figura 38 corresponde a um post de A1 em seu *Instagram* sobre uma exposição “Afro inteira Cultura, costumes e luta de um povo”. A imagem destaca os *looks* que foram confeccionados e desfilados durante a exposição. Eles portam estampas étnicas, tecidos *samakaka* e modelos negros, que usam tranças em seus cabelos, volumes naturais ou turbantes.

Já a figura 39 que corresponde a uma postagem da marca A1, destaca uma coleção de lenços com estampas exclusivas que a marca criou inspiradas em colares africanos. A estampa denominada de Joia Africana, representa força, poder, riqueza e fé.

Figura 39: "Inspirada nos colares africanos nasceu a estampa Jóia Africana. Representando força, poder, riqueza e fé. "



Fonte: <https://www.instagram.com>

Esses exemplos das figuras 38 e 39 elucidam como a militância do movimento negro incentivam a produção e uso de produtos e assumam, em seus cotidianos, a estética política como forma de expressão e de visibilidade. As criações são carregadas de significados simbólicos, materializando a ideologia do movimento. Essa produção de valor é relevante para as escolhas e para as produções de consumo (Warde, 2005) e representam como a luta é dada nas esferas do cotidiano em prol de fortalecer politicamente uma identidade (Vilela et al., 2021), caracterizando-se uma prática ativista de empoderamento (Ndichu & Upadhyaya, 2018). Prover a existência do outro fomenta a moral e define modos de subjetivação moral subsidiando a constituição do sujeito ético (Foucault, 1984).

A ética, por sua vez, pertence a decisão por determinada estética de vida e envolve o tipo de relação que o sujeito decide ter consigo mesmo e com o outro; requer se conhecer, definir o que de si será objeto da prática moral; o modo de realização moral e um trabalho árduo e permanente para assegurar a conquista e manter essa posição ética. Se refere a uma prática social de cuidado e de governo que constitui o sujeito e produz a sua eficácia política (Foucault, 2011). Portanto, o trabalho envolve: “conhecer-se, dominar-se, pôr-se à prova, aprimorar-se e transformar-se”, mas tais práticas são reflexivas e os sujeitos voluntariamente se inscrevem, negociando coletivamente as regras de conduta (Costa, 2015, p.78).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos as descobertas que esta pesquisa nos proporcionou, como uma forma de responder as questões que guiaram o trabalho, como também elucidarmos as contribuições, as limitações que se fizeram presentes no decorrer da pesquisa e apontarmos possíveis desdobramentos, já que acreditamos que um tema tão complexo e amplo pode possibilitar novas possibilidades analíticas.

Essa investigação objetivou revelar como os saberes fundantes das práticas de empoderamento das negras contribuem para entender o comportamento de consumo. Nossos resultados revelaram três formações discursivas: **os modos de objetivação fortalecem as práticas que dividem (FD1); a construção coletiva de valores promove processos de subjetivação (FD2) e a ação dada sobre si nas dinâmicas de subjetivação incita o estabelecimento de subjetividades autônomas (FD3)**. Essas formações indicaram que os processos de sujeição e subjetivação indica a produção de uma posição de sujeito, ou para Foucault (2009), uma subjetividade negra em formação.

Nesse trabalho, observamos como essa foi incitada pela prática de empoderamento exercida no cotidiano das negras, de vários modos. Salientamos que as três formações não se referem a momentos específicos, mas a uma dinâmica recorrentemente operada, cujas relações puderam apontar três instantâneos: os alertas para a sujeição efetuados nas práticas de empoderamento pela elucidação acerca da não normalidade dessa vivência; as diversas táticas pelas quais a vida coletiva construiu valores por meio da resistência e como essa dinâmica promoveu uma formulação ética capaz de nortear a construção de uma posição de sujeito.

Lembramos que, para Foucault, a constituição de sujeito se dá a partir de uma relação, é um efeito de uma constituição: da formulação ética. Tal produção acontece por meio de dois processos interligados e simultâneos: os modos de sujeição e as práticas de subjetividade, indissociáveis do exercício do poder. Os modos de objetivação promotores da sujeição acontecem a partir da normalização disciplinar, são operados através da vigilância e da punição, e conseqüentemente, reproduzidos no contexto social por meio das relações saber-poder. A primeira formação centrou-se no processo de sujeição e evidenciou como a hierarquização da norma se dá para essa forma-sujeito em termos do valor de suas capacidades: as negras evidenciaram um espaço social com poucas oportunidades de trabalho e salários menores – pois sequer lhes dão a chance de mostrar a sua potencialidade; falta de produtos que lhes atenda ou com os quais se identifique, entre outras. Aqui fortemente se visualizou a relação do

dispositivo de empoderamento com os macros dispositivos: do racismo, do gênero e da classe social. A regra mostrou que as verdades postas são incorporadas na rotina. As ações de empoderamento se voltaram para elucidar, de vários modos, a não normalidade disso que é vivido. O intento dos jogos de força sempre recai sobre o fortalecimento da autoestima, o primeiro passo para o ativismo.

Por sua vez, a relação dos enunciados com as regras da segunda formação evidenciou as estratégias criativas de dessujeição: as forças de resistência. Nessa formação as duas regras evidenciaram como isso se deu: a identificação fortaleceu vínculos morais; e o apoio mútuo – dado sob várias condições e formas, foi construindo uma série de valores que incidiu nos processos de subjetivação. Para o filósofo, o processo de subjetivação se deve ao modo como os sujeitos negociam o conjunto de verdades ajustadas nessas práticas de subjetividade, na medida em que existe a busca por conhecer melhor a si mesmo, portanto, é um processo que termina por formular um estatuto ético, capaz de embasar uma subjetivação ética. Assim, foi o exercício da liberdade, aqui oportunizado pela resistência, que impulsionou a dessujeição, impedindo a existência objetivada pela sujeição (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022).

Essas saídas possíveis da resistência no nosso arquivo, foram reveladas pela relação entre seus elementos das epistemes de várias formas: pelas ações pedagógicas, pelo apoio mútuo, pela conexão emocional, pelo incentivo ao engajamento, pela solidariedade etc., marcadas por pequenas, mas variadas rotas de fuga ao que lhes era imposto. As táticas utilizadas foram sistêmicas, efetuadas por muitas frentes, mas o processo surpreendeu pela sua organização em termos de homogeneidade. O coletivo trabalhou para conscientizar, educar, fortalecer a autoestima e reconhecer a força da representatividade. Ressaltamos a relevância da estética política, do enaltecimento de ícones do empoderamento, do incentivo a produzir e consumir de negras e para negras, as produções que fomentam a representatividade no cotidiano, o fortalecimento da autoestima e, até mesmo, mais que o reconhecimento da importância, certa “canonização” dada a ascendência direta das negras. Entendemos que isso se deve à rotina de reconhecimento e solidariedade assumida, que promove a gratidão pelos seus, fortalecendo o espírito de comunidade.

Isso nos levou para terceira formação, na qual vislumbramos que o trabalho ético, que norteou conduta das negras nas práticas de empoderamento ativistas, foi constituído pelas práticas interacionais (a incitação aos modos de conduta questionadores, os apoios políticos mútuos e solidários etc.), por uma construção de verdades assumida pelo grupo (o entendimento da não normalidade da condição vivida, o esclarecimento da existência de leis e direitos e o estabelecimento de um lugar de origem: a ancestralidade, conjunto que contribuiu

para um maior conhecimento de si), aliadas a um conjunto de elementos (tais como: as estratégias e os meios utilizadas para dessujeição das negras, a ampliação dessa dessujeição para o social e as formas de luta mais constantes, organizadas e centradas). Ou seja, para a ação dada recorrentemente sobre si nas dinâmicas de subjetivação. As resistências se cercaram de materialidades (signos da ancestralidade) e preencheram de significados suas práticas, o que se desdobrou no consumo e produção como um fator simbólico (Warde, 2005).

A terceira formação desvelou que subjetividades éticas estão sendo traçadas a partir dessas práticas, que denominamos como subjetividades autônomas, já que elas estão de definindo em lugares e situações específicas (Souza-Leão; Ferreira & Moura, 2022). Desse modo, um trabalho ético (Foucault, 2005b) norteia a conduta das negras em suas práticas de empoderamento ativista, ele foi construído através do engajamento, dos apoios políticos que se revelaram múltiplos e solidários, pela incitação aos modos de conduta, pela construção de verdades assumida pelo grupo, como conhecimento mais aprofundado de si e um mais reflexivo entendimento das situações que vivenciam. Esse trabalho ético construído nas práticas ativistas, só foi possível pelas estratégias que as ativistas encontraram para guiar as suas ações.

Creditamos a possibilidade de enxergar esses “*flashes*” ao apoio da teoria das práticas sociais e ao exercício heurístico (Braga, 2018) inerente ao ferramental do dispositivo e do pensamento foucaultiano. Logo, enfatizamos a oportunidade dos estudos de comportamento de consumo, em assumir as práticas rotineiras dadas no cotidiano, pois elas se prestam como ponto de encontro entre as forças macro e microssociais. A vivência negra se dá em meio a um trabalho político-ideológico (Kozinets & Handelman, 2004), que reverbera em seus desejos, modos de conduta e comportamentos de consumo. A ênfase no dispositivo e no cotidiano possibilitou entender a relevância da coletividade para o empoderamento e reconhecer o consumo como sendo um momento dessas práticas (Fiske, 2005; Warde, 2005), possibilitou também uma visão mais dinâmica e coerente do processo.

Acreditamos que o caminho aqui escolhido para estudar práticas de empoderamento no consumo, por seus princípios fortemente ideológicos, experienciados ao longo de uma trajetória de vida, como no caso das negras, se mostre profícuo, pois as negras se mostram engajadas, se conhecem e apoiam mutuamente, agindo em todas as oportunidades de modo colaborativo, responsável e cidadão. E esse modo de operar envolvendo ideologias da existência, reverbera nas ofertas do mercado, pois a marca criada por uma negra ativista do movimento, se apoia nos sentidos do empoderamento e se volta para atender as demandas desse segmento de público. Assim, estratégias de comunicação do *marketing* se entremeiam com as

causas e desejos sociais, participando ativamente da construção do que se tem por verdades e realidade. Dessa forma, aqui visualizamos uma possível contribuição de nosso processo para os estudos em *marketing*.

Logo, nosso estudo evidenciou que práticas de consumo ativistas podem estar se dando de modo mais organizado e homogêneo, o que, supostamente, as tornará mais efetivas em suas conquistas. A condição deve deixar os pesquisadores, também os profissionais de *marketing*, mais atentos ao comportamento do consumidor impelido por motivações de cunho ideológico, bem como valores que os pautam.

Para tanto, entendemos que a limitação dessa pesquisa se encontra no local escolhida para coleta de dados. Ao mesmo tempo que escolher as mídias de relacionamento foi relevante, pois nos possibilitou acessar as longas trocas de informação, impressões e sentimentos (tais como a empatia e a solidariedade), a condição mostrou-se uma limitação, pois reconhecemos que algumas informações importantes podem ter sido perdidas no tempo, uma vez que esses espaços sociais estão sempre em mudança: perfis são fechados ou mídias apagam as postagens em poucas horas etc. Contudo, para minimizar essa consequência, coletamos em três mídias sociais e, tendo em vista que as informações do coletivo são sempre replicadas, acreditamos que essa condição não prejudicou a nossa pesquisa.

E como possíveis desdobramentos, como buscamos desvelar os saberes que sustentam a operacionalização do dispositivo de empoderamento, ou seja, os jogos de verdade ou episteme da experiência, indicamos que futuros estudos se dediquem a desvelar sua rede de relações de força e os mecanismos que sustentam seu exercício. Para Foucault o dispositivo inclui a episteme, porém é mais amplo que ela, envolvendo a malha de relações de força heterogênea, em que varia os elementos e a direção das forças, mas que convergem em um tempo-espaço específico para assumir a função estratégica de responder a uma urgência social. O estudo da rede de forças do dispositivo informaria, por exemplo, a natureza dessa malha de relações, aprofundando o estudo, desvelando os espaços: colateral e correlativo em que se engendram os discursos (Thiry-Cherques, 2008). As subjetividades só podem ser reveladas e compreendidas a partir do exercício do poder e da conduta de si frente à ética.

Assim, a episteme aqui desvelada evidenciou a possibilidade histórica de existência das negras, indicando os saberes que se prestaram como meio para o exercício do poder; também, os que dele surge como uma produção. Tais saberes significados e assumidos pelas negras enquanto sujeito são o que elas consideram verdades nesse meio, portanto delineiam os valores que definem seu comportamento de consumo.

REFERÊNCIAS

- Abramo, L. (2006). Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. *Ciência e cultura*, 58(4), p. 40-41.
- Almeida, T. S. (2018). Reexistências: As Punições Institucionalizadas para Negritude feminina. [Livro eletrônico]. *Paulus*.
- Agamben, G. (2015). O que é um dispositivo?. *Outra travessia*, (5), 9-16.
- Arnould, EJ, & Thompson, CJ (2005). Consumer Culture Theory (CCT): twenty years of research. *Journal of Consumer Research* , 31 (4), 868-882.
- Arnould, E., & Thompson, C. (2007). Consumer culture theory (and we really mean theoretics): Dilemmas and opportunities posed by an academic branding strategy. *Emerald Group Publishing Limited*.
- Arnould, EJ, & Thompson, CJ (2015). Introduction: consumer culture theory: Ten years gone (and beyond). *Emerald Group Publishing Limited*.
- Baquero, R. V. A. (2012). Empoderamento: instrumento de emancipação social?—uma discussão conceitual. *Revista debates*, 6(1), 173.
- Barbosa, L. (2004). Sociedade de consumo (Vol. 49). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Batliwala, S. & León, M. (1997). Poder y empoderamiento de lãs mujeres. *T/M Editores*, Santa Fé de Bogotá, pp. 187-211.
- Bayone, A. M. & Burrowes, P. C. (2019). Como ser mulher na publicidade: Femvertising e as “novas” representações do feminino. *Consumer Behavior Review*, 3 (Special Edition), 24-37.
- Berth, J. (2019). Empoderamento. *Pólen Produção Editorial LTDA*.

- Beraldo, B. (2014). O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. In Congresso Internacional Comunicação e Consumo. v.4, pp. 01-15.
- Birman, J. (2002). Jogando com a verdade: uma leitura de Foucault. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 12(2):301-324.
- Braga, J. L. (2018). Interagindo com Foucault. Os arranjos disposicionais e a Comunicação. *Questões Transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação*, 6 (12), 81-91.
- Braga, J. L. (2020). Uma conversa sobre dispositivos [recurso eletrônico] *PPGCOM/UFMG*, Belo Horizonte, MG.
- Camargo, T. I.; Silva, K. M. P. & Bruno, M. M. (2018). Uma revisão crítica à apropriação da teoria foucaultiana pela CCT Uma revisão crítica à apropriação da teoria foucaultiana pela CCT. [artigo] *Seminários de Administração, XXI SEMEAD*.
- Camargo, T. I., Leão, A. L. M. (2015). Pague e Peque: Uma Arqueologia do Discurso do Adultério Mercadorizado. *Revista de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro*, v.19, n.6, p. 732- 749.
- Candiotto, C. (2007). Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. *KRITERION*, 115: 203-217.
- Candiotto, C. (2020). Sujeição, subjetivação e migração: reconfigurações da governamentalidade biopolítica. *KRITERION, Belo Horizonte*, n.146, p. 319-338.
- Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, 17(49), 117-133.
- Castro, E. (2009). Vocabulário de Foucault- Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores/ Edgardo Castro; tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alíredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. *Autêntica Editora*.
- Chignola, S. (2014). Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze, 3-18.

- Costa, F. Z. N. (2015). Relíquias de Potterheads: uma arqueologia das práticas dos fãs de Harry Potter. Tese no Programa de Pós Graduação de Administração, *PROPAD, Universidade Federal de Pernambuco*.
- Costa, F. Z. N., Guerra, J. R. F. & Leão A. L. M. A. (2012). O Solo Epistemológico De Michel Foucault: possibilidades de pesquisa no campo da administração. *Revista de Ciências da Administração*. v. 15, n. 35, p. 168-179.
- Coelho, C. J. H., Oliveira, L. P. S., & de Lima, K. J. M. (2016). Sacrifício ritual de animais não-humanos nas liturgias religiosas de matriz africana: “medo do feitiço” e intolerância religiosa na pauta legislativa. *Revista Brasileira de Direito Animal*, 11(22).
- Correia, G. F. A., Silva, F. R. da, & Carrieri, A. de P. (2021). Identidades e identificações nas memórias de ex-árbitros de futebol de Minas Gerais. *FuLiA/UFMG*, 5(3), 141–168. <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2020.24146>
- Creswell, J. W. (2014). Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa-: Escolhendo entre Cinco Abordagens. *Penso Editora*.
- Creswell, Jown W. (2021). Penso, Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. *Penso*, 5.ed.
- Davies, A. & Elliott, R. (2006). The evolution of the empowered consumer. *European Journal of Marketing*, 40 (9/10), 1106-1121. DOI 10.1108/03090560610681032
- Davis, A. (2016). Mulheres, raça e classe. *Boitempo Editorial, São Paulo*.
- Deleuze, G. (1990). ¿ Qué es un dispositivo. Michel foucault, filósofo, 155-163.
- Denzin, N. K. (1978). The research act: A theoretical introduction to sociological methods. *New York: McGraw-Hill*.

- de Araujo, F. F., & Nogueira, E. M. C. (2019, 02 a 05 de outubro). Vamos Dançar? A Dança de Salão como experiência de empoderamento na Terceira Idade. [artigo] *XLIII encontro da ANPAD- EnANPAD*, São Paulo.
- dos Santos, V. M., & de Lima, L. A. (2020). Estigma social: a segregação das mulheres negras perante a sociedade. *Rev. Cient. Eletr. De Psico FAEF*, v34, n.1.
- de Mello Stefano, L., & Vieira, S. M. F. (2021). PRÁTICAS DE CONSUMO DOS FÃS DE BIG BROTHER BRASIL E A CULTURA DE MEMES. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 20(44).
- Domingues, P. (2007). Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, 12, p. 100-122.
- Domingues, P. (2005a) A insurgência de ébano. A história da Frente Negra Brasileira (1931-1937). [tese de doutoramento não publicada], FFLCH-USP.
- Dreyfus, H. L., & Rabinow, P. (2011). Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. *Rio de Janeiro: Forense*.
- Duarte, A. L. B. (2018). Os processos de subjetivação influenciados pelo consumo dos programas televisivos e seus rebatimentos no ensino de história na educação básica. *Olhares & Trilhas*, 20(1), 237-244.
- Ndichu, E. G., & Upadhyaya, S. (2019). "Going natural": Black women's identity project shifts in hair care practice, *Consumption Markets & Culture*, 22 (1), p. 44-67. <https://doi.org/10.1080/10253866.2018.1456427>
- Featherstone, M., & Hepworth, M. (1982). Ageing and inequality: consumer culture and the new middle age. *Rethinking inequality*, p. 97-126.
- Fiske, J. (2005). Reading the popular. *Taylor & Francis e-Library*.
- Foucault, M. (2008). A arqueologia do saber 8. ed. *Rio de Janeiro: Forense Universitária*

- Foucault, M. (2011). A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). *São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.*
- Foucault, M. (2010b). A Hermenêutica do sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982). *São Paulo: WMF Martins Fontes.*
- Foucault, M. (2000). As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. *São Paulo: Martins Fontes.*
- Foucault, M. (2005a). Em defesa da sociedade. Curso dado no Collège de France (1975-1976). *São Paulo: Martins Fontes.*
- Foucault, M. (1985). História da sexualidade 3: o cuidado de si. *Rio de Janeiro: Graal.*
- Foucault, M. (1984). História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. *Rio de Janeiro: Graal.*
- Foucault, M. (2009). Microfísica do poder. *Rio de Janeiro: Edições Gaal.*
- Foucault, M. (2008b). Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979). SENELLART, M. (Ed.). *São Paulo: Martins Fontes.*
- Foucault, M. (2011). O nascimento da clínica. *Forense Universitária; 7ª edição.*
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias.* São Paulo: n1-Edições.
- Foucault, M. (2003). Poder e saber. In: FOUCAULT, M. Ditos e escritos IV. Estratégia, podersaber. *Rio de Janeiro: Forense Universitária.*
- Foucault, M. (2014). Vigiar e punir. *Leya.*
- Franco, S. M., & Leão, A. L. M. D. S. (2019). Para os súditos de Momo, tradição é lei: governo e verdade na organização do Carnaval de Olinda. *Organizações & Sociedade, 26(91)*, p. 621-644.

Gohn, M. (2004). Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *Saúde e Sociedade*, 13 (2), 20-31.

Gomes, N. L. (2019). Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. *Autêntica Editora*.

Gomes, C., & Duque-Arazola, L. S. (2019). Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 11(27),184-205.

Guillen, I. C. M. (2016). Ancestralidade e oralidade nos movimentos negros de Pernambuco. *África [s]-Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África*, 3(6).

IEMI, (2017). Estudo da Competitividade dos Setores Têxtil e Confeccionista no Estado de Pernambuco. *Inteligência de Mercado*.

Hermany, R. & Costa, D. L. (2009). A necessária superação do modelo representativo hegemônico na construção do empoderamento social local. *Revista do Direito,Sul*, v. 32, n. 2, 78-91.

Holt, D. B. (2002). Why Do Brands Cause Trouble? A Dialectical Theory of Consumer Culture and Branding,. *Jornal de pesquisa do consumidor* , 29 (1), 70-90.

Horochovski, R. R., & Meirelles, G. (2007, 25 a 27 de abril). Problematizando o Conceito de Empoderamento [artigo]. *Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia*. UFSC: Florianópolis, Brasil.

de Jesus Bittencourt, L. (2018). Corporeidade das Mulheres Negras. *Convención Internacional de Salud, Cuba Salud*.

- Junior, W. S. M., & dos Santos Souza, F. M. (2021, 22 a 26 de novembro). UBUNTU: Afroestética e Afroempreendimentos. [artigo]. *Anais do Seminário Comunicação e Territorialidades*, v.1 (7).
- Kleba, M. E., & Wendausen, A. (2009). Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e sociedade*, 18(4), 733-743.
- Komatsu, B. K., & Menezes-Filho, N. (2020). Simulações de impactos da COVID-19 e da renda básica emergencial sobre o desemprego, renda, pobreza e desigualdade. *São Paulo: Policy Paper*, 43.
- Kozinets, RV (2002). Can Consumers Escape the Market? Emancipatory Illuminations from Burning Man, *Journal of Consumer research* , 29 (1), 20-38.
- Kozinets, RV, & Handelman, JM (2004 Adversaries of Consumption: Consumer Movements, Activism, and Ideology. *Journal of Consumer Research* , 31 (3), 691-704.
- Leão, A. L. M., Ferreira, B. R. T., Gomes, V. P. M. (2016). Um “elefante branco” nas dunas de Natal? Uma análise pósdesenvolvimentista dos discursos acerca da construção da Arena das Dunas. *Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro*, v.50, n.4, p.659-687.
- Leão, A. L. M. D. S., Ianatomi, T., & Cavalcanti, R. C. T. (2015). Diga-me onde andas, que te direi quem és: identidades culturais na comunidade brasileira da marca Johnnie Walker. *Revista de Administração (São Paulo)*, 50, 369-380.
- Leão, A. L. M.; Moura, B. M. (2018). Temos que pegar todos! - Discursos identitários sobre o consumo de Pokemon GO no Brasil. *Revista Brasileira de Marketing*, v.17, n.6, p.895-913.
- Leão, A. L. M. S.; Mello, S. C. B. Vieira, R. S. G. (2009). O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. *Organizações em Contexto*, v.5, n.10, p.1-16.

- León, M. (2001). El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. *Revista de estudios de género: La ventana*, 2(13), 94-106.
- Linke, P. P., do Bem, N. A., & Sifuentes, M. L. (2021, 19 a 21 de outubro). A moda como representação social e algo além da indumentária.[arigo] Anais eletrônico - XII EPCC.
- Lira, J. S., da Silva Júnior, O. G., & da Nóbrega Costa, F. Z. (2020). Como se dá o engajamento do consumidor em um espaço colaborativo: relação de negócios ou devoção? *Consumer Behavior Review*, 4 (1), 53-65. <https://doi.org/10.51359/2526-7884.2020.244205>
- Lipovetsky, G. (2009). O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. *Editora Companhia das Letras*.
- Maia, Dandara; Dohmann, Marcus. (2019). A moda como discurso político de afirmação étnica. *Iconova*.
- Menezes, V. (2014). Identidade e processos de identificação. *Intratextos, Rio de Janeiro*, 6(1): 68-81
- Monahan, T., Phillips, D. J. & Wood, D. M. (2010.) Surveillance and Empowerment. *Surveillance & Society* 8(2): 106-112.
- Morley, J. & Floridi, L. (2020). The Limits of Empowerment: How to Reframe the Role of mHealth Tools in the Healthcare Ecosystem. *Sci Eng Ethics* 26, 1159–1183. <https://doi.org/10.1007/s11948-019-00115-1>
- Moura, B. M., & Souza-Leão, A. L (2020). Identidade cultural no consumo de fãs brasileiros da National Football League. *Cadernos EBAPE. BR* , 18 , 595-608.
- Moura, C. (1992). História do negro brasileiro. 2ª edição. *Série Princípios, Ática*.
- Munanga, K., & Gomes, N. L. (2006). O negro no Brasil de hoje. *Global Editora*.

Papaoikonomou, E. & Alarco, A. (2015). Revisiting Consumer Empowerment: An Exploration of Ethical Consumption Communities. *Journal of Macromarketing* 1-17. DOI:10.1177/0276146715619653

Pinsky, J. (2010). A escravidão no Brasil. *Editora: Contexto*, São Paulo.

de Paiva Júnior, F. G., de Souza Leão, A. L. M., & de Mello, S. C. B. (2011). Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. *Revista de Ciências da Administração*, 13(31), 190-209.

Reckwitz, A. (2002) 'Toward a Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing', *European Journal of Social Theory* 5(2): 243-263 .

Revel, J. (2005). Michel Foucault: conceitos essenciais/Judith Revel; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. *São Carlos: Claraluz*, 37.

Rocha, A. R. C., & Casotti, L. M. (2017). Reflexões sobre o consumidor negro brasileiro. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11(2), 47-62.

Rosenthal, B. (2022). Ideologia Política e Consumo: Algumas Reflexões Introdutórias. *Revista Interdisciplinar De Marketing*, 12(1), 86-91. <https://doi.org/10.4025/rimar.v12i1.64857>

Rosenthal, B., Cardoso, F., & Bortoluci, J. H. (2022). Playing on a moving pitch: foregrounding the impact of sociocultural contexts on social movements and brands. *Journal of Marketing Management*, 38(9-10), 1014-1041.

Santos, S. A. D. (2005). A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal, 10(03), 21-37.

dos Santos, A. P. M. T., & dos Santos, M. R. (2018). Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. *dObra*

[s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, 11(23), 157-181.

Santos, M., & Sá, S. (2021). A representatividade da mulher negra na mídia social: o coletivo brasileiro “Pop Afro”. *Revista de Comunicação e Linguagens*, (54).

Santos, M. do C. P. dos; Vicentini, C. R. G. (2020) Moda afro-brasileira: o vestir como ação política. *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.]*, v. 15, n. 30, p. 15–38. DOI: 10.26563/dobras.i30.1233.

Sansone, L. (2000). Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. *Mana*, 6(1), 87-119.

Shankar, A. H. C & Robin C. (2006) Consumer Empowerment: A Foucauldian Interpretation, *European Journal of Marketing*, 40 (9/10), 1013-30.

Silva, C., & Martínez, M. L. (2004). Empoderamiento: proceso, nivel y contexto. *Psykhé (Santiago)*, 13(2), 29-39.

Silva, I. F. & Costa, F. Z. N. (2021). Produtos para cabelo endossam o racismo? [artigo] *Anais 7º Congresso de Iniciação Científica de Design e Moda*.

Slater, D. (2001). *Cultura do consumo & modernidade–Exame*. NBL Editora.

Souza, A. M., Leite, F., & Batista, L. L. (2018). Publicidade Tombamento: expressões da “geração tombamento” em anúncios contraintuitivos para o empoderamento de negras e negros brasileiros. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, 6(11).

Souza-Leão, A. L. M., Ferreira, B. R. T., & Moura, B. M. (2022). Compromisso com a liberdade: a luta dos fãs pela representatividade das identidades políticas. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 24(4), p.638-654. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v24i4.4202>

- Souza Leão, A. L. M., de Mello, S. C. B., & Vieira, R. S. G. (2009). O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. *Revista Organizações em Contexto*, 5(10), 1-16.
- Souza-Leão, A. L. M., & Moura, B. M. (2018). Temos que pegar todos!-Discursos identitários sobre o consumo de Pokemon GO no Brasil. *Revista Brasileira de Marketing*, 17(6), 895-913.
- Souza, J. D., & Brasileiros, O. B. (2012). Nova classe média ou nova classe trabalhadora. *Belo Horizonte: UFMG*.
- Souza, N. S. (2021). Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social/ Neusa Santos Souza; Prefácio de Maria Lúcia da Silva e Jurandir Freire Costa. 1^o edição, *Rio de Janeiro, Zahar*.
- Thiry-Cherques, H. R. (2008). Foucault e a gestão do trabalho: da racionalidade discursiva ao cuidado de si. *Artigo no prelo*.
- Thompson, CJ (2004). Marketplace Mythology and Discourses of Power. *Journal of Consumer Research* , 31 (1), 162-180.
- Thompson, CJ, & Troester, M. (2002). Consumer Value Systems in the Age of Postmodern Fragmentation: The Case of the Natural Health Microculture,. *Journal of Consumer Research* , 28 (4), 550-571.
- Thompson, C. J.; Hirschman, E. C. (1995). Understanding the Socialized Body: A Poststructuralist Analysis of Consumers' Self-Conceptions, Body Images, and Self-Care Practices. *Journal of Consumer Research*, v.22, n.2, p. 139–153.
- de Vasconcellos Martha, D. S., & Goia, M. R. (2022). Socialização Antirracista e Consumo: A Perspectiva de Pais e Mães de Crianças Negras. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, 12(1), 34-51.

Vilela, V. L. A., Novelli, D., da Rosa, L., & Silveira, I. (2021). Zkaya, corpo [negro] e moda ativista em Santa Catarina. *DAPesquisa*, 16, 01-26.

Warde, A. (2005). Consumption and Theories of Practice. *Journal of consumer culture*, 5(2), 131-153.

Williams, J. (2012). Pós-estruturalismo. *Editora Vozes Limitada*.

Wright, L. T. (2006). Consumer Empowerment Special Issue. *European Journal of Marketing*, 40 (9/10), 1-4. DOI 10.1108/03090560610680934